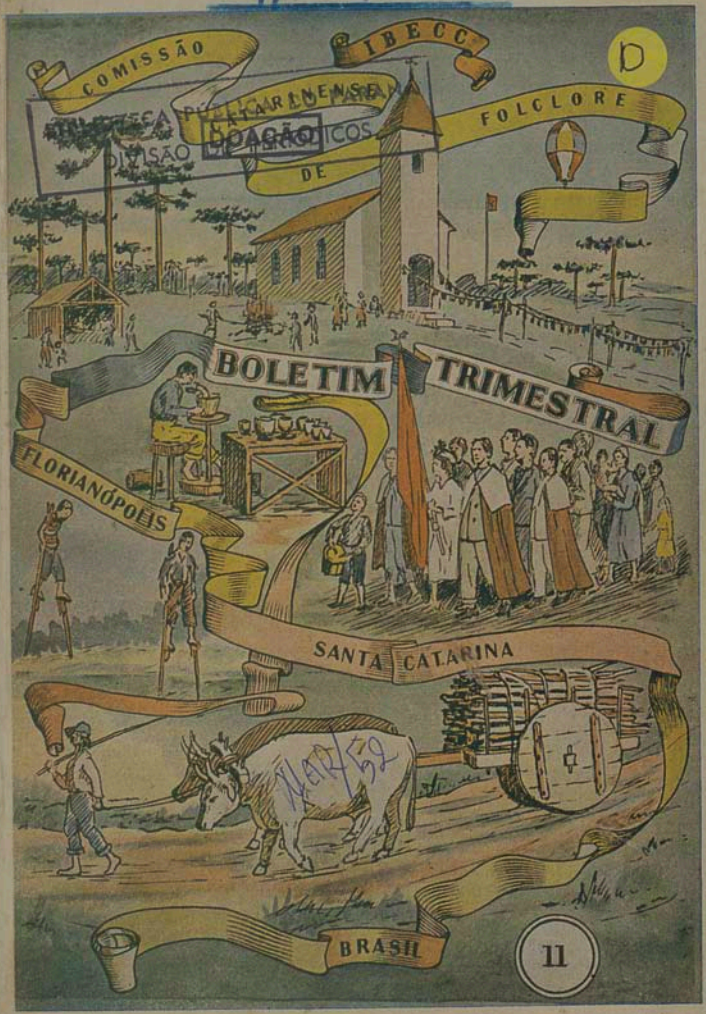
Nº 54


COMISSÃO
IBECC
D
FOLCLORE
DE
BOLETIM
TRIMESTRAL
FLORIANÓPOLIS
SANTA CATARINA
BRASIL
11

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Florianópolis – Sta. Catarina Brasil

BOLETIM TRIMESTRAL

Redação:
Oswaldo R. Cabral — Diretor
Walter F. Piazza — Redator

Endereço:
Rua Esteves Júnior, 138

—o—

C A P A
Desenho de Malinverni Filho
Letras de José Fernandes
Aquarela de W. Ráo
Tricromia da Livraria do Globo, de Pôrto Alegre

T E X T O
Trabalho gráfico da IMPRENSA OFICIAL DE SANTA CATARINA
Direção de Manoel Paes de Faria

Títulos de Péricles Silva

Clicherie de Doralécio Soares

T I R A G E M
MIL EXEMPLARES

Distribuição Gratuita

Aparece nos mêses de Março,
Junho,
Setembro e
Dezembro.

NÚMERO 11

O BOLETIM TRIMESTRAL

é enviado para todos os Estados do Brasil e para os seguintes países:

PORTUGAL (Continente, Açores e Angola)

— EE. UNIDOS

— COLÔMBIA

— BOLÍVIA

— ARGENTINA

— URUGUAI

— PERÚ

— PÔRTO-RICO

— MÉXICO

— REP. DOMINICANA

— HAITÍ

— REP. DO SALVADOR

— PARAGUAI

— CHILE

— FRANÇA

— ESPANHA

— ALEMANHA

— ITÁLIA

— INGLATERRA

*

Circula em todos os Municípios do Estado de Santa Catarina

Nº 54

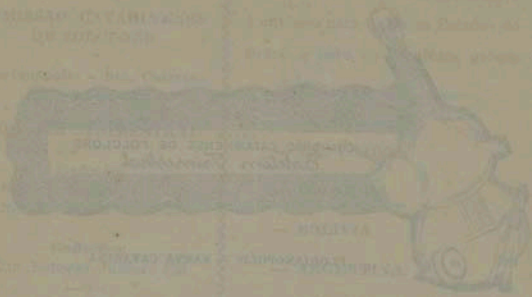
FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA

ANO III | Março de 1952 | N. 11

NESTE NÚMERO:

		Páginas
Cadeira de Folclore nas Faculdades de Filosofia		3
NOSSO FOLCLORE		
Falares Catarinenses	Custódio F. Campos	5
"Corações" e "Pão-pão-Deus"	Henrique da Silva Fontes	16
A Cerâmica Popular Catarinense	Walter F. Piazza	23
Calungas de barro cosido	Oswaldo R. Cabral	33
Comentários ao Vocabulário do Consultório	Jefferson D. de Paula	46
Batizados & Casamentos	Euclides J. Felipe	53
Bichos amaldiçoados	Otávio Silveira	56
PARECERES		
De Manoel Diégues Júnior		58
De Lucas Alexandre Boiteux		59
De Oswaldo R. Cabral		62
De Victor A. Peluso Júnior		64
De Walter Piazza		65
FOLCLORE NACIONAL		
Tentativa de sistematização	Hermógenes L. Fonseca	67
O Campeio	Saul Martins	74
Notas sôbre o Romance da Donzela	Rossini T. de Lima	79
Os números na tradição popular	Tássilo O. Spalding	90
Cousas do nosso Folclore	Horácio Paz	95
FOLCLORE DE OUTRAS TERRAS		
Rápidas notas sôbre a gíria portuguesa	Jorge Ramos	101
A Condessa de Aragão	Fernando C. Pires de Lima	109
Pires de Lima — A. C. (Bibliografia)	Castillo de Lucas	120
NOTICIARIO		122
CONGRESSOS & REUNIÕES		125
O QUE DIZEM DE NÓS		128
RECEBEMOS E AGRADECEMOS		132

Fora do texto:
OS ARTISTAS CATARINENSES E O FOLCLORE
A Bandeira do Divino — óleo de Willy Zumblick
O Boi-de-mamão — óleo de Willy Zumblick



É permitida a transcrição de qualquer dos trabalhos contidos neste BOLETIM, desde que citados o Autor e a fonte.

CADEIRA DE FOLCLORE NAS FACULDADES DE FILOSOFIA

*

* * O deputado Afonso Wanderley Júnior, representante de nosso Estado na Câmara Federal, por sugestão da nossa Comissão, apresentou, ao Parlamento Nacional, projeto de lei creando a cadeira de Folclore, nos Cursos de História e Geografia e Ciências Sociais, das Faculdades de Filosofia, e que levou a assinatura de inúmeros deputados.

O projeto e a justificação estão vasados nos seguintes têrmos:

"Art. 1º — É criada a Cadeira de Folclore nos cursos de Ciências Sociais e de Geografia e História das Faculdades de Filosofia, de ensino obrigatório e ministrada em dois anos do currículo escolar.

Art. 2º — Dentro de noventa dias da publicação da presente lei serão abertas as inscrições do concurso para o preenchimento da referida cadeira nas Faculdades Oficiais de Filosofia, obedecida a legislação que, no caso, rege a matéria.

Art. 3º — O ensino do Folclore será iniciado no período escolar de 1953.

Art. 4º — A presente lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Justificação — Reuniu-se em Agosto do ano passado, nesta capital, o I Congresso Brasileiro de Folclore que foi coroado do maior êxito. Na oportunidade, estudiosos do folclore nacional, de todo o país acorreram à Capital da República para tratar dos assuntos relativos à salvaguarda do nosso patrimônio demo-cultural, ameaçado de desaparecer pelas contínuas e permanentes deturpações que o viciam.

Aprovou, então, o I Congresso Brasileiro de Folclore, que reuniu as maiores sumidades no assunto em nosso país e algumas estrangeira, em memorável sessão, a Carta do Folclore Brasileiro, da qual consta, em seu item XIII, o seguinte:

"2. — A Comissão Nacional de Folclore dirigirá um apêlo às autoridades competentes, propondo a criação, nos Cursos de Ciências Sociais e de Geografia e História das Faculdades de Filosofia da cadeira de Folclore, na qual se ensinem, em uma parte geral, os métodos de pesquisa, observação e análise, dos fatos folclóricos em tôdas as suas modalidades, e, em parte especial, as formas e os processos do folclore nacional.

Justo é, pois, que se atenda ao apêlo dos intelectuais patrícios que se esforçam por salvar o patrimônio cultural e tradicional da nossa Pátria, através da criação de uma disciplina escolar que permitirá o preparo de técnicos para o registro, a observação e a análise dos fenômenos folclóricos.

Outros países já possuem o estudo do folclore nacional incluído entre os das disciplinas universitárias. A França, a Bélgica, Portugal, os Estados Unidos da América do Norte, a Itália, a Rússia, a Alemanha e, na América do Sul, o Chile, e principalmente a Argentina, onde o ensino é feito até nas escolas destinadas ao preparo dos educadores, equivalentes às nossas Escolas Normais."

FALARES CATARINENSES

Custodio F. de Campos

1º CONGRESSO DE HISTÓRIA CATARINENSE

6ª SECÇÃO: — LINGUAGEM E FOLCLORE

Parecer sôbre o trabalho do Professor Custódio F. de Campos, "Falares Catarinenses"

O trabalho do professor Custódio F. de Campos intitulado "Falares Catarinenses", consta de uma lista de 234 vocábulos ou expressões e de algumas frases, usadas pelo povo nos seguintes municípios do Estado de Santa Catarina: Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba e Chapecó.

O trabalho revela, da parte do autor, especial interêsse e gôsto pelo estudo da fala popular e está feito com seriedade. O professor Custódo F. de Campos reuniu o material sem o desvalorizar com explicações fantasistas, procura geralmente dar a pronúncia popular e apresenta frases da vida corrente que muito contribuem para ajudar a esclarecer o sentido do vocábulo estudado.

A lista apresenta bastante interêsse linguístico (recordarei sòmente, a título de exemplo, nomes de verbais como **pertence**, **antecipo, devo**, ou palavras que interessam a estudos comparativos com os falares de Portugal e os crioulos, ou para a história da colonização, como sejam **comer leite, linguará, mulher velha**, etc.) e por isso me parece que, depois de remodelado pelo A., merecerá entrar no volume dos "Anais". Essa remodelação devia abranger, segundo penso, os seguintes pontos:

1º — dispor as palavras por ordem alfabética, e não desordenadamente, como agora se apresenta;

2º — indicar, à frente de cada palavra, a que povoação se refere, pois não é crível que nela se empreguem, com a mesma vitalidade, duas e mais palavras com o mesmo sentido (p. ex. **quati e mateu, tampinha e escabriado, tabacudo, fumeiro e maratimba**), e que a mesma palavra tenha ao mesmo tempo, numa dada povoação, vários sentidos;

3º — distinguir, o que no trabalho não se faz, a linguagem popular da linguagem corrente familiar e da linguagem jocosa. Uma coisa é dizer escânfora para "ruim" (que deve ser palavra popular) e outra empregar expressões como "enroscar o cargueiro" ou "boi de botas", que já apresentam um cambiante jocoso;

4º — completá-lo, estendendo o estudo do vocabulário a outros domínios da vida popular, para o que haverá vantagem, para efeitos comparativos, em se servir de um questionário prèviamente elaborado.

Com êstes aperfeiçoamentos, não tenho dúvida em que o trabalho poderá ser uma das contribuições linguísticas positivas dêste Congresso, pois permitirá estudos de confronto com os falares portuguêses continentais e insulares.

Florianópolis, 8 de outubro de 1948.

(Ass.) **Manuel de Paiva Boléo**

*
* *

Para os estudiosos da língua é interessante observar como fala o povo. As vezes, na rudeza de suas expressões, usa locuções dignas de serem notadas.

Na convivência com a gente simples do interior, maxime da região serrana, temos ouvido muita coisa de que tomamos apontamentos, principalmente nos municípios de Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba e Chapecó. Consignamos agora o que nos pareceu mais apreciavel sob o ponto de vista filológico. Longe de nós a veleidade de pretender fazer algo de novo, de original. Apenas transmitimos aos interessados na matéria o produto de algumas observações, as quais poderão, quiçá, servir de contribuição no conhecimento do nosso folclore:

ABORRIDO: — Lajes, Curitibanos — linguagem popular — aborrido — exemplo: ando muito aborrido, muito doente.

ABUÇALADO: — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — linguagem popular cor-

rente-dependente; exemplo: o agregado é abuçalado do fazendeiro.

ACUADO: — Lajes, Curitibanos, Joaçaba, Campos Novos — linguagem popular corrente — perseguido; exemplo: O homem anda muito acuado pelos inimigos.

AFAMILIADO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — linguagem popular; com muitos filhos — exemplo: Ele é pobre e muito afamiliado.

AGARIBAR-SE: — Linguagem jocosa; Lajes; zangar-se — exemplo: Ele agaribou-se à toa.

AGREGADO: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — espécie de inquilino em terra alheia; exemplo: A Fazenda S. Maria tem cinco agregados.

AGREGO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — contrato; exemplo: Pedro deixou de ser agregado do Cel. porque terminou o agrego.

AGUACHADO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — pesado, demasiadamente gordo; exemplo: O compositor vae dar uns galopes no cavalo para desaguachar.

AJOUJAR: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — unir um boi ao outro pelos chifres — exemplo: Um dos bois carreiros fugiu porque estava mal ajoujado.

ALARIFO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Joaçaba, Chapecó; exemplo: É difícil cobrar a conta porque o cevedor é alarifo ou caláveira.

ALÇADO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — bravio; exemplo: O porco de casa quando fica alçado é perigoso.

AMILHADO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — linguagem popular, alimentar com milho; exemplo: Os animais estão em condições de viajar porque estão bem amilhados.

ANEXO: — Linguagem popular corrente: Lajes, Curitibanos, Campos Novos — vizinho — exemplo: Ele mora no campo anexo.

ANIMAL: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos; cavalos ou muares — exemplo: Carne de animal não presta para comer.

ANIMALADA: — Linguagem popular corrente — Lajes, Campos Novos, Curitibanos, Joaçaba, Chapecó — tropa de cavalares e muares; exemplo: A animalada tem estado.

ANTECIPO: — Linguagem popular corrente — Joaçaba, Chapecó — vale, pagamento por conta de salários; exemplo: O camarada recebeu cinquenta cruzeiros de antecipos.

A PAR: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — perto de; exemplo: A casa da fazenda é bem a par do rio.

APEIROS: — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — linguagem popular corrente; arreios; exemplo: o cavalo do Coronel tem uns apeiros muito bons.

APEIROS — Linguagem popular corrente — Curitibanos; móveis, utensílios; exemplo: O coronel é homem rico, a casa dêle tem muito bons apeiros. A casa é muito bem apeirada.

APEIRO DE ROUPA: — Linguagem popular corrente — Curitibanos — terno de roupa; exemplo: O alfaiate faz um apeiro de roupa por duzentos cruzeiros.

APORREADO: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — animal que ficou imprestável por ter sido mal domado; exemplo: O cavalo nada vale por ser aporreado.

A RECEM: — Linguagem popular corrente — Joaçaba, Chapecó — o mesmo que há poucas horas em Lajes, Curitibanos, Chapecó, há poucos momentos; exemplo: O vizinho a receber esteve aqui.

ARRUMADO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — rico — exemplo: O Cel. é homem muito arrumado.

ARRIPIAR A CARREIRA: — Linguagem jocosa — Lajes, Curitibanos — desistir; exemplo: Ele não fez o negócio porque arripiou a carreira.

ASSADO: — Linguagem familiar — Curitibanos — parte, pedaço; exemplo: o peito é o melhor assado da galinha.

ASSUNTAR: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — escutar com atenção, perceber; exemplo: Não entendi porque não assuntei bem.

ATAR UMA CARREIRA: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos; contratar uma corrida de cavalos — exemplos: A carreira foi atada por dois cavalos.

ATILHADO: — Linguagem popular — Chapecó — seguro; exemplo: A balsa de madeira não oferece perigo porque é bem atilhada.

ATILHO: — Linguagem popular — Chapecó — ligadura de cipó; exemplo: A balsa de madeira viajou bem porque os atilhos aguentaram.

ATIRAR: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos Joaçaba, Chapecó — alvejar; exemplo: Ele foi atirado nas costas.

ATROPELAR: — Linguagem popular corrente — Curitibanos — andar depressa; exemplo: Se atropelar um pouco chega lá em duas horas.

BAIO: — Linguagem jocosa — Lajes — cigarro de palha; exemplo: Vamos pitar um baio.

BALDOSO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — que tem balcu, viciado, mal acostumado; exemplo: Aquele animal tem a balda de empacar.

BARBAQUÁ: — Linguagem popular corrente — Joaçaba, Chapecó — acampamento para a extração e preparo da herva mate; exemplo: No barbaquá do Cel. trabalham quarenta pessoas.

BARBARIDADE: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — grande quantidade; exemplo: A festa tinha uma barbaridade de gente.

BATER BRUACA: — Linguagem jocosa — Curitibanos — trabalhar sem proveito, vagabundear; exemplo: Ele vive batendo bruaca.

BOCOROTE: — Linguagem jocosa — Lajes, Curitibanos — rapazola; exemplo: O filho do vizinho é bocorote.

BOI CARREIRO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — boi de tração; exemplo: Ele comprou uma junta de bois carreiros.

BOI CONDE: — Linguagem popular corrente — Lajes — boi que não engorda, sendo refugado pelos compradores, que fica de resto; exemplo: O Fazendeiro tal foi tão feliz que em uma tropa de 200 cabeças conseguiu impingir 10 condes.

BOLICHO: — Linguagem jocosa — Chapecó — pequena casa de negócio, bodega; exemplo: O bolicho só tem cabeça e rapadura.

BRUACA: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — surrão de couro; exemplo: Numa bruaca cabem dois alqueires de milho.

BOI DE BOTAS: — Linguagem jocosa — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — designação pejorativa que se dá a todo o serrano, principalmente lajeano; rústico, jéca tatú; exemplo: Todo lajeano é boi de botas.

CAMARADA: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — empregado; exemplo: João está trabalhando de camarada na Fazenda do Cel. Faustino.

CAFÉ COM MISTURA: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — café acompanhado de pão, bolos, biscoitos, etc., exemplo: Ele ofereceu café com mistura.

CAMARGO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — café bem quente ao qual se adiciona leite tirado diretamente da vaca; exemplo: Faz bem à saúde quebrar o jejum com camargo.

CAMPEAR: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — procurar; exemplo: Ele andou campeando o dinheiro que perdeu, mas não achou.

CAMPESTRE: — Linguagem popular corrente — Curitibanos — campina, campo pequeno no meio de matos; exemplo: A Fazenda tem matos e uns campestres muito bonitos.

CARNEAR: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — abater gado para o corte; exemplo: Eles carnearam uma vaca gorda.

CANCHA: — Linguagem popular corrente — Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba — pista; exemplo: O cavalo correu mal porque a cancha está molhada.

CANCHA DE BOTCHA: — Linguagem popular — Campos Novos, Joaçaba — pista de jogar bolas usada nas colônias italianas; exemplo: A briga foi na cancha do Codorni.

CARIMBAMBA: — Linguagem jocosa — Joaçaba — charlatão, curandeiro; exemplo: Ele não é doutor e, sim, carimbamba.

CARATER: — Linguagem popular corrente — Campos Novos, Joaçaba — resto, aparência; exemplo: O senhor não quer lavar o carater.

CARTUCHEIRA: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos

Novos Joaçaba, Chapecó — cinta larga de couro que também serve de bolsa ou carteira; exemplo: Ele tinha mais de cinco na cartucheira.

CATARINETA: — Linguagem popular corrente — Curitibanos, Campos Novos — catarinense; exemplo: Eu não sou barriga-verde litorâneo) mas sim catarineta.

CHIBARRO: — Linguagem popular — Campos Novos — Ele comprou um rebanho com dez chibarros.

CHEIRUNÇO: — Linguagem jocosa — Lajes, Curitibanos; exemplo: A guaiaca dele tem muito cheirunço

CHUCRO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — indômito, que não foi domado; figurado (linguagem familiar, amargo; exemplos: Uma tropa de potros chucros: O café está chucro.

COLA: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — cauda; exemplo: O cavalo foi tosado de cola e crina. No sentido figurado, em linguagem jocosa, quando se diz de cola e crina significa: completo; exemplo: O barbeiro fez o serviço de cola e crina.

COMER LEITE: — Linguagem familiar corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — tomar leite; exemplo: Ele precisa comer leite gordo para ficar forte.

CALAVEIRA: — Linguagem jocosa — Joaçaba — velhaca; exemplo: Não quero negócio com aquele calaveira.

COMPOR: — Linguagem popular corrente — Campos Novos, Curitibanos, Joaçaba, Chapecó — concertar, arrumar.

COMPOSITOR: — Linguagem popular corrente — Curitibanos, Campos Novos — tratador de cavalos de corrida; exemplo: O tordilho ganha a carreira porque tem bom compositor e está em boa compositura.

COMPOSTURA: — Ato de compor, conserto; exemplo: Ele gastou um cento na compostura da ponte.

COMPOSITURA: — Tratamento de um cavalo de corrida.

COMPRAR NA FORMIGA: — Linguagem jocosa — Lajes — comprar uma tropa em diversas partes; exemplo: O troupeiro anda comprando gado na formiga para completar a tropa.

CONDUTO: — Linguagem popular — Chapecó, Joaçaba — parte do barbaquá. O conduto do Chapecó precisa de compostura.

CONSERTAR OS ARREIOS: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — arrumar os arreios, apertar; exemplo: O troupeiro estava parado consertando (compondo) os arreios.

COPO: — Linguagem popular — Curitibanos, Campos Novos — caneca de folha; exemplo: Ele aproveitou as latas vazias de doce para fazer copos.

CORREDOR: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — estrada com cerca ou tapum de ambos os lados; exemplo: A Fazenda é atravessada por um corredor de duas léguas.

COSTA ARRIBA: — Linguagem jocosa — Curitibanos, Campos Novos — sem cabimento; exemplo: casamento de rico com pobre é causa de costa arriba.

COSTA (NA COSTA DE): — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos na região; exemplo: A Fazenda é na costa do Rio Marumbas. Ele mudou-se para a costa da Linha (estrada de ferro).

CRIAÇÃO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — gado; exemplo: a criação do vizinho estragou a nossa plantação.

CRIADEIRA: — Linguagem popular corrente — Curitibanos; porca; exemplo: A criadeira fugiu ou encerra.

CRIADO: — Linguagem jocosa — Lajes, Curitibanos, Campos Novos; que tem bastante idade; exemplo: Ele casou quando já era criado.

CRIAR: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — dar cria; exemplo: A vaca vai criar por estes dias.

DAR LOUVADO: — Linguagem familiar corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos; pedir a bênção; exemplo: Filho, vae dar louvado ao teu padrinho.

DE BOM JEITO E BOA PROSA: — Linguagem popular — Lajes — educado, bem apessoado; exemplo: O moço é de bom geito e boa prosa.

DE JÁ HOJE: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — há pouco tempo; exemplo: ele passou aqui de já hoje.

DESCAIDO: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — magro, enfraquecido; exemplo: Com a doença fiquei muito descaído.

DESCAMPADO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — lugar aberto, sem arvoredo;

exemplo: Lá faz muito frio porque é muito descampado.

DESCONTADO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — defeituoso, doente; exemplo: Ele é descontado na vista.

DESPROPÓSITO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — grande quantidade; exemplo: Havia tanta gente que era um despropósito; era de barbaridade para cima, de despropósito para baixo.

DESISTIR: — Linguagem familiar — Campos Novos, Curitibanos — fazer efeito (purgante); exemplo: O doente melhorou depois que o purgante desistiu.

DEVA (O DEVO): — Linguagem popular corrente — Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba — documento de vida por que usualmente tais documentos começam com as palavras: "devo que pagarei"; exemplo: Ele recebeu um devo de um conto nas mãos do Senhor Jangu'a.

DOR NA NUCA: — Linguagem jocosa — Lajes — preguiça — exemplo: Eu não tenho vontade de trabalhar, estou com uma dor na nuca.

ÉGUA MADRINHA: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — égua com sincerro que puxa a tropa; exemplo: Sem égua madrinha a tropa não viaja.

EM SER: — Linguagem popular — Chapecó, Joaçaba — em estado primitivo, original, virgem: Esta terra é de um herval em ser.

ENCERRA: — Linguagem popular — Lajes, Campos Novos, Curitibanos — exemplo: A criadeira fugiu da encerra.

ENFUEIRAR: — Linguagem jocosa — Lajes, Curitibanos — surrar; exemplo: Os bandidos enfueiraram o viajante.

ENROSCAR O CARGUEIRO: — Linguagem jocosa — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — errar o cálculo, atrapalhar-se; exemplo: Ele quiz me lograr, mas enroscou o carguelro (saiu perdendo).

ENTREVERAR: — Linguagem popular corrente — Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — misturar; exemplo: No Galpão, as bruacas, as cangalhas, os arreios, está tudo entreverado.

ESCABRIADO: — Linguagem jocosa — Campos Novos, Joaçaba — o que rouba no jôgo, velhaco; exemplo: Não consinto que case com minha filha porque é um sujeito escabriado.

ESCALAR: — Linguagem jocosa — Lajes — furtar; roubar; exemplo: Ele gosta de escalar gado.

ESCANFORA: — Linguagem jocosa — Campos Novos, Joaçaba — ruim, de má qualidade; exemplo: O milho, êste ano, saiu muito escanfora. Aquele sujeito é um individuo escanfora.

ESCOTEIRO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — sòzinho, isolado, sem tropa; exemplo: Ele viaja depressa, porque anda escoteiro.

ESTIVAR: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — cobrir; exemplo: O chão estava estivado de pinhão.

EXISTÊNCIA: — Linguagem popular corrente — estoque de mercadorias; exemplo: Êle vendeu o negócio por vinte contos, sendo a casa por dez e a existência por dez.

EXQUISITOS: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos — mato inacessível — exemplo: Os bandidos fugiram pelos exquisitos da Fazenda Serra Negra.

EXTRANHAR: — Linguagem popular corrente — Curitibanos, Campos Novos — brigar; exemplo: Os homens se extranharam e saíram lastimados.

FAZER CASAR UMA FILHA: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — aprontar uma filha para casar; exemplo: O Coronel teve muitas despesas porque fêz casar uma filha.

FEIXO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — tapume, cêrcas, taipas; exemplo: É preciso compor os feixos da invernada.

FERVIDO: — Linguagem familiar corrente — cozido; exemplo: Hoje vamos almoçar fervido.

FESTAR: — Linguagem popular corrente: — Curitibanos, Campos Novos — ir à festa; exemplo: O Coronel foi festar na cidade.

FOGE: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — buraco sem fundo, abismo — exemplo: O animal caiu num foge e desapareceu.

FRANGO: — Linguagem popular — Chapecó — milho duro da tarde, milho assado; exemplo: Pode apear para almoçar mas só tem frango.

GADO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — bovinos; exemplo: Êle veiu com uma tropa de gado e mais cem animais.

GATEADO: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — pêlo de cavalo entre vermelho e amarelo.

GAVIÃO — Linguagem popular corrente: Lajes, Curitibanos, Campos Novos — fujão — exemplo: Aquele cavalo é muito gavião.

GEITO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — direção; exemplo: Êle mora no jeito do Rio Canoas.

GELO: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — geada; exemplo: O gelo está prejudicando a planta.

GOMITO OU GOMES: — Linguagem familiar — Curitibanos, Campos Novos, Lajes — vomito; exemplo: O doente está mais aliviado depois que teve o gomes.

GORFE: — Linguaguem popular — Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — gole, sorvo; exemplo: Êle está tomand um gorpe de chimarrão.

GUAIACA: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó; sinônimo de cartucheira.

GUACHO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — criado sem mãe, órfão; exemplo: Aquela novilha foi criada guacha.

GUAIPECA: — Linguagem jocosa — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — cachorro pequeno; exemplo: Aquele guaipeca não morde. E sentido figurado: pessoa sem importância.

GUAMPA: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — chifre, chifre usado como vasilha; exemplo: Aquela vaca dá duas guampas de leite.

GUAMPAS (ir às guampas de alguém, dar bofetadas em alguém, partir a cara, surrar).

GUARIBA: — Linguagem popular — Curitibanos, Campos Novos — pelego; exemplo: O animal estava apeirado com um guariba vermelho.

HA POUCAS HORAS: — Linguagem familiar corrente — há poucos minutos, neste instante — Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó, Lajes — exemplo: Êle chegou há poucas horas, nem deu tempo de desencilhar.

IR À REATA DE ALGUÉM: — Linguagem jocosa — Curitibanos; tirar a namorada de alguém; exemplo: O João foi à reata do Pedro.

IR ATRAZ DE ALGUÉM: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — procurar; exemplo: Êle anda atraz de um cavalo tordilho.

INCOMODO: — Linguagem familiar — Curitibanos — parto.

INTENDENTE: — Linguagem familiar — Curitibanos — entendida, parteira; exemplo: Êle foi atraz da intendente porque estava com incômodos em casa.

LAJEADO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — riacho que corre sôbre pedras (lajes); exemplo: O lajeado é a divisa entre as duas propriedades.

LAMBER UMA SECA: — Linguagem jocosa — Lajes, Curitibanos — fazer uma conversa; exemplo: Compadre, passando lá por casa não deixa de lamber uma seca.

LARGADO DA JUSTIÇA: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — indivíduo vagabundo, sem idoneidade, sujeito com o qual nem a justiça se preocupa, último degrao da escória social; exemplo: Aquele indivíduo é tão ruim que até é largado da justiça.

LASTIMAR: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — ferir; exemplo: Dá briga, os dois sairam bem lastimados.

LOUCENÇO: — Linguagem familiar — Curitibanos, Campos Novos — tumor; exemplo: Tenho sofrido muito com um loucenço nas contas.

LUBUNO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos; pêlo de cavalo cor de fumaça.

LINGUARÁ: — Linguagem popular — Curitibanos — intérprete; exemplo: Para entender o alemão só arranjando um linguará.

MADRINHEIRO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — o que monta a égua madrinha puxando a tropa; exemplo: O

piá Manoel vai de madrinheiro na égua tordilha.

MAE DO CORPO: — Linguagem familiar — Curitibanos — útero.

MALACARA: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó; pêlo de cavalo com manchas na cabeça.

MANGUEIRA: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — cercado onde se prende o gado; exemplo: A encerra fica bem a par da mangueira.

MANSO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — o que não é manhoso, tolerante — exemplo: Aquele cavalo é bem mande arreios.

MATEU: — Linguagem jocosa — Lajes — exemplo: O mateu não o deixa trabalhar.

MELADO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — cavalo com a cara branca.

MELAR: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — tirar mel silvestre; exemplo: Os índios vivem caçando, pescando e melando.

MEMÓRIA: — Linguagem familiar corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — anel de casamento, aliança: exemplo: A noiva ganhou uma memória de ouro.

MISERAVEL — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — fraco, medroso; exemplo: Êle foi um covarde porque deu num miserável.

MISTICO: — Linguagem popular — Curitibanos; parte da caixa em que se fricciona o fósforo; exemplo: O fósforo não acende porque o místico está molhado.

MANDAR ROUPA PARA O RIO: — Linguagem familiar — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — mandar roupa a lavar; exemplo: A sua roupa está no rio.

MOCHO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — boi sem chifres; exemplo: Naquela tropa tem dois mochos.

MOER UMA FORTUNA: — Linguagem jocosa — Joaçaba, Chapecó — exemplo: É um homem gastador, já moeu uma fortuna.

MONTAR EM PÊLO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — montar cavalo desencilhado; exemplo: O peão foi campear o burro gavião, montado em pêlo no petiço malacara.

MULADA: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — exemplo: A mulada está amilhada.

MULHER VELHA: — Linguagem familiar corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — tratamento carinhoso para uma senhora — exemplo: A mulher velha anda muito descontada.

NAFICO: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — pouco defeituoso de uma anca — exemplo: O cavalo é nafico, não é bem nonanco.

NONANCO: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — defeituoso de uma anca.

ORELHANO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — sem marca; exemplo: Não se sabe de qual fazenda é aquela rez porque é orelhana.

OVEIRO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — pêlo de cavalo malhado.

PARAR RODEIO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — reunir o gado; exemplo: Êles foram parar rodeio na invernada dos fundos.

PARELHO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba; exemplo: Tôda a tropa é de gado parelho.

PASSOCA: — Linguagem familiar corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — carne socada no pilão com farinha; exemplo: Êle levou uma boa passoca para comer na sesteada.

PATACÃO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — moeda de prata de dois mil réis; exemplo: Êle ganhou um patacão do padrinho.

PEÃO: — Linguagem ppoular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — empregado da Fazenda; exemplo: João é um bom peão.

PEONADA: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — grupo de peões; exemplo: A peonada dorme na ramada.

PERSOELO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — mala de couro usada atraz do cavaleiro; exemplo: As compras estão nos persoelos.

PERTENCE: — Linguagem popular — Campos Novos, Joaçaba — escritura particular antiga assim chamado porque as escrituras antigas começam com a palavra "pertence"; exemplo: Pertence o terreno adiante descrito ao sr. .... O pertence do terreno dêle está realizado.

PIA: — Linguagem familiar corrente— Lajes, Curitibanos, Campos Novos — guri, moleque; exemplo: João é um bom piá.

PICAÇO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos; pêlo de cavalo pintado.

PONTA CABEÇA: — Linguagem popular corrente — Campos Novos, Curitibanos, Joaçaba; exemplo: Êle caiu de ponta cabeça.

PINCHAR: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — arremessar; exemplo: Êle pinchou-se do cavalo abaixo.

PERERECAR: — Linguagem familiar corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — estar doente, achacado; exemplo: Ultimamente ando sempre pererecando.

PREÇO ALTERADO: — Linguagem popular corrente — Curitibanos, Campos Novos — preço elevado, exagerado; exemplo: Eu não posso comprar o terreno porque o dono exige preço muito alterado.

PONTA DE GADO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó; exemplo: O fazendeiro comprou uma ponta de vacas.

POUSAR: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — pernoitar: O troupeiro pousou (está de pouso) (está de pousada) na ramada do Cel. Fulgêncio.

PROSA: — Linguagem familiar corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — exemplo: Êle é muito instruido e de boa prosa.

PUXAR: — Linguagem familiar — Curitibanos, Campos Novos — conversar; exemplo: A visita puxou durante duas horas.

QUATI: — Linguagem jocosa — Curitibanos, Campos Novos — preguiça; exemplo: Êle não fêz o serviço porque o quati não deixou.

QUERENCIA: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Cnapecó — lugar onde os animais estão acostumados (aquerenciados) exemplo: A querência do malacara é na fazenda do vizinho.

QUIRERA: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — cangica muida, milho triturado, cousa sem importância; exemplo: O resultado do negócio foi quirera.

RABICHA: — Linguagem jocosa — Lajes, Curitibanos — exemplo: Êle casou com uma rabicha.

RABO DE TATÚ: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — chicote feito de couro trançado, tendo numa extremidade uma peça de couro duro com a qual o animal é surrado e tendo na outra extremidade uma argola de metal; exemplo: Êle levou uma surra de rabo de tatú.

RANCOLHO: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — meio castrado.

RAMADA: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — alpendre ou rancho anexo da casa, onde ficam os animais.

REATA: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — correia de couro; exemplo: As bruacas são seguras pelas reatas.

RECONVENÇA: — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — incumbência; exemplo: Êle deu a reconvença de avisar o senhor.

RECEITA: — Linguagem popular — Joaçaba, Chapecó, Curitibanos, Campos Novos; nota, fatura; exemplo: Eu não sei o preço da mercadoria porque a receita não chegou.

REMORSO: — Linguagem familiar — Lajes, Curitibanos — mal estar do estômago; exemplo: Está tomando remédio para os remorsos.

REVÉSO: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — animal sobresalente; exemplo: A tropa tinha vinte mulas de cangalha; dez animais de montaria e cinco revesos.

REVIRADO: — Linguagem familiar corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — farnel; exemplo: Para a viagem êle levou como revirado uma pasoca para comer na sestiada.

SALÁRIO LIMPO: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — salário e alimentação; exemplo: O camarada ganha em patacão perdia limpo.

SALÁRIO SUJO: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — salário sujeito às despesas de alimentação; exemplo: O camarada ganha cento e cinquenta sujo.

SCISMATICO: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba; pensativo.

SESTEADA: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — pequena interrupção da viagem para repouso durante o dia; exemplo: A tropa pousou na Fazenda Veiha e esteve de sesteada no Lajeado do Pinheiro.

SOCADO: — Linguagem popular corrente — lombilho de madeira que serve para domar animais chucros; exemplo: O burro éstava encilhado só com o socado. (Lajes, Curitibanos, Campos Novos).

SOGA: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — corda; exemplo: O cavalo está na soga.

SOQUETE: — Linguagem familiar corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — osso, sopa de ossos e pouca carne; exemplo: Um soquete dá um almôço.

SOQUETEIRO: — Linguagem jocosa — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — pejorativo — o que vive às expensas de alguém; exemplo: Manoel é peão soqueteiro do Cel. Fulgêncio.

SUMIDOR: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba — buraco sem fundos, abismo; exemplo: O banhado é muito perigoso por causa dos sumidoros.

TAIPA: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — muro de pedras soltas sobrepostas; exemplo: Os feixos da fazenda são quasi de taipa.

TAMPINHA: — Linguagem jocosa — Joaçaba, Chapecó — velhaco; que rouba no jógo; exemplo: Cuidado com aquele sujeito que é um tampinha escabreado.

TEATINO: — Linguagem jocosa — Lajes, Curitibanos — sem dono; exemplo: Êle vive como cachorro teatino.

TENTEAR: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — iludir; exemplo: Vá comendo estas frutas para tenteiar o estômago.

TENTO: — Linguagem popular corrente — correia fina de couro de cavalo; exemplo: alças do referido material com as quais é seguro o poncho atraz do lombilho; exemplo: Êle tem um belo poncho nos tentos.

TER ESTADO: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — estar gordo; exemplo: A tropa foi bem vendida porque tinha estado.

VACA FALHADA: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — vaca que não dá cria; exemplo: Na tropa tinha dez falhadas.

VACA SOLTEIRA: — Linguagem popular — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — novilha, vaca nova que ainda não deu cria. Encontramos a expressão em uma descrição de bens em antes de inventário: tantos bois criados, tantos de soberano, tantos terneiros, tantas vacas de cria, tantas ditas solteiras, etc.

VELA: — Linguagem familiar — Lajes, Curitibanos, Campos Novos — qualquer aparelho de iluminação; exemplo: É preciso comprar querosene para as velas.

VENTA FURADA: — Linguagem jocosa — Joaçaba, Chapecó — sinônimo de ventana.

VENTANA: — Linguagem popular corrente — Joaçaba, Chapecó — perigoso, desordeiro; exemplo: Aquele sujeito ventana anda sempre brigando.

VARAR: — Linguagem popular corrente — Lajes, Curitibanos, Campos Novos, Joaçaba, Chapecó — atravessar, passar; exemplo: A tropa varou a porteira.

VIRAR O FIO: — Linguagem jocosa — Lajes, Curitibanos, Campos Novos; perder a paciência, desmandar-se, brigar — exemplo: Êles eram amigos, mas por causa de uma intriga viraram o fio.

ADAGIÁRIO SERRANO:

Quem não quer ouvir bulha de porungo, não os acolhere aos dois.

Não há tropa que não tenha boi corneta.

Em casa de coronel, peão não diz: não.

Baiano a cavalo não atura, gaúcho a pé, também não.

Em baile de corvo, inhambú não dança.

Bugio roncou na serra é sinal de chuva.

Boi sôlto, lambe-se todo.

Cavalo melado e baiano só dá bom por engano.

Enquanto mulher tiver filho e égua der cria, não há homem valente, nem cavalo parelheiro.

O cavalo dado, não se olha os dentes.

Não pode ser feliz porque tem praga de madrinha.

A COMISSÃO solicita dos Srs. Correspondentes:

A COLHEITA E REMESSA de termos regionais e vocábulos comum nas zonas em que residem, com a sua significação. Êste Boletim já publicou, e podem servir de modelo, um trabalho de Euclides José Felipe (nº 3), outro do Pe. Alvino Bertoldo Braun (nº 3) e outro do nosso Diretor (nº 4).

(Sugestão do Prof. Custódio Campos aprovada em sessão de 1º de abril de 1950).

"CORAÇÕES" E "PÃO-POR-DEUS"

Henrique da Silva Fontes

I

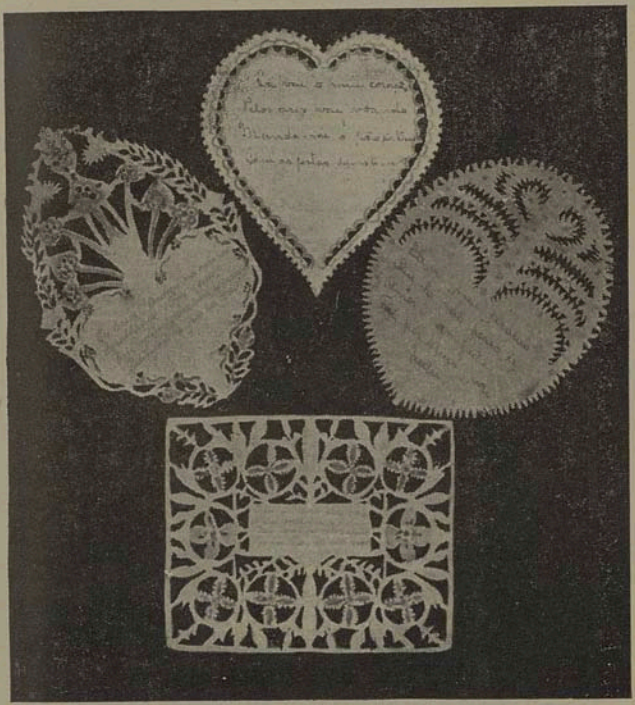
Os "corações", — missivas de simpatia, de amizade ou de amor, em que se pede uma prenda ou presente, a que se dá o nome de "pão-por-Deus", — constituem velho uso da população do litoral catarinense. É, entretanto, uso que está em vias de desaparecimento, pois só é mantido, e sem a antiga gentileza e generalidade, em pobres localidades rurais.

O pedido é feito em verso, comummente numa quadrinha setissílaba. O papel da missiva, branco ou de côr, é rendilhado a bico de tesourinha, ou também entrançado, podendo ser ainda vàriamente colorido e ornamentado. Arma-se, às vêzes como cestinha e pode apresentar-se com outras formas. Em regra, porém, na configuração e nos recortes, estiliza um coração, símbolo que dá o nome à missiva (1).

"Lá vai o meu coração,
Neste papel recortado:
Vai pedir o pão-por-Deus
A quem é do meu agrado".

(1) Vão em anexo alguns espécimens de "corações" que figuraram na Exposição Histórica, Geográfica e Folclórica, organizada por ocasião do Primeiro Congresso de História Catarinense.

Como observação geral, esclareço que, nos versos que cito, alguns por mim colhidos diretamente, faço, quando me parece razoável, pequenas modificações, que se me afiguram necessária reconstituição, porque, a meu ver, o que certas lindas quadrinhas apresentam de imperfeito no ritmo e no sentido, é deturpação de quem a guardou de memória. Não modifico, porém, o que, embora êrro de linguagem segundo a gramática dos letrados, é do falar corrente do povo.



"Corações" de várias formas. (Exemplares que figuraram na Exposição do 1º Congresso de História Catarinense)

"Lá vai o meu coração,
Já que eu não posso ir:
Vai levar lembranças minhas
E pão-por-Deus vai pedir" (2).

"Atende ao meu coração,
Que ora vai te visitar;
Esperando um pão-por-Deus,
Se tu me quiseres dar".

"Lá vai o meu coração,
Correndo mundo sem fim:
Chega lá, bate na porta,
Pede o pão-por-Deus por mim !" (3).

"Lá vai o meu coração
Longe daqui passear:
Vai pedir o pão-por-Deus
À linda flor do lugar" (4).

"Pega a chave do teu peito,
Para abrir meu coração,
Que eu fico aqui esperando
Pão-por-Deus da tua mão" (5).

O pedido é feito a pessoa, ao menos hipotèticamente, de mais poder e respeito: de mulher para homem, sem necessàriamente implicar idéia de namôro; de moça para senhora de mais idade; de pessoa pobre para pessoa rica; de moradora do sítio para morador ou moradora da cidade; de admirador ou admiradora para pessoa admirada por seus primores morais ou intelectuais ou pela formosura.

(2) Esta e outras quadrinhas foram-me fornecidas pelo sr. Professor Clementino de Brito, do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

(3) Esta e outras quadrinhas foram colhidas no livro "Terra Catarinense", do jornalista e escritor catarinense Crispim Mira, no capítulo relativo aos "corações".

(4) Esta quadrinha e outras foram colhidas no trabalho relativo ao folclore catarinense que o Sr. Alvaro Tolentino de Souza apresentou ao Primeiro Congresso de História Catarinense, e a que se refere o Dr. Oswaldo Cabral no Boletim Trimestral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, n. 2, pág. 26. Nêle, há um trabalho do Dr. Plácido Gomes sôbre "Folclore Joinvilense", no qual se trata de "corações" (págs. 14 a 16).

(5) De um escrito do Sr. Celso Liberato, de Itajaí, sôbre "Corações". Foi publicado no "Anuário de Itajaí para 1924".

"O pedir é vergonhoso
Para quem vergonha tem:
Se lhe peço pão-por-Deus
É porque lhe quero bem" (6).

"Muito embora pequeninho,
Eu quisera agrados seus:
Sempre o pobre ao rico pede
Um bonito pão-por-Deus".

"Por seres boa pessoa,
Foi que me veio a lembrança
De te pedir pão-por-Deus,
Mas perdoa a confiança".

"Embora que eu não mereça
Agrado dos olhos teus,
Espero de tuas mãos
Um mimoso pão-por-Deus".

"Vou pedir o pão-por-Deus
A quem tanto pode dar,
Por tão pouco não deixeis
Meu pedido envergonhar".

"Lá vai o meu coração
Nas asas duma pombinha:
Vai pedir o pão-por-Deus
À minha rica madrinha".

"Os lírios crescem nos campos,
Espalhando olores seus:
Em mim cresce uma esperança,
Pedindo-lhe pão-por-Deus".

"Olhos de amor-perfeito,
Bôca de jardim florido,
Mandai-me o pão-por-Deus,
Meu anjo do céu querido!"

(6) Esta quadrinha e outras foram tomadas de um trabalho do Sr. Almirante Lucas Alexandre Boiteux apresentado ao Primeiro Congresso de História Catarinense. A êle também se refere o Dr. Oswaldo Cabral, no citado Boletim n. 2, pág. 30.

"Brilham as estrêlas no céu,
Brilham mais os olhos teus:
Ainda mais brilharão,
Se me deres pão-por-Deus"

"Apreciados por todos
São os lindos modos teus:
Mais crescerão de valor,
Se me deres pão-por-Deus".

"De perto vos quero bem,
De longe tenho saudade:
Mandai-me um pão-por-Deus
Com amor e amizade".

"Se os anjos do céu soubessem
A graça dos olhos teus,
Desciam do céu à terra
Para pedir pão-por-Deus".

"As nuvens no céu azul
Vivem sempre num vai-vem:
Pão-por-Deus de coração
Concede a quem te quer bem".

"Folha de malva-maçã,
Meu lindo cravo encarnado,
Manda-me o pão-por-Deus,
Anjo do céu adorado!"

Há também pedidos humorísticos, como êste, que se fazia no Dia de Finados:

"Quem tem cabras tem cabritos,
Quem tem porcos tem presuntos:
Manda-me o pão-por-Deus
Por alma dos seus defuntos".

Outro exemplo:

"Manda-me pão-por-Deus,
Não me faça sovinice,
Êsse mal já lhe persegue,
Desde a sua meninice".

Apareciam também corações com versos eruditos, reveladores da sua circulação em meios urbanos e ilustrados:

"Se me deres pão-por-Deus,
Tocado de amor tu és,
Bem como a rocha tocada
Pela vara de Moisés".

"Lê-se no santo Evangelho
Do Apóstolo Mateus:
"Pedi e dar-se-vos-á",
E assim peço pão-por-Deus".

O coração, é enviado até ao dia 2 de novembro, devendo ser atendido até ao Dia de Natal com a remessa do **pão-por-Deus.**

O recebimento do Pão-por-Deus obriga a uma retribuição, chamada "festas", cuja entrega não deve passar do Dia de Reis.

"Meu coração vai provar
O grande amor de nós dois:
Mandai-me um pão-por-Deus,
Que as festas irão depois".

Se me deres pão-por-Deus,
Festas também hei de dar
A quem sòmente o meu pranto
Pode fazê-lo parar".

"Lá vai o meu coração,
Pelos ares vai voando:
Manda-me o pão-por-Deus,
Que as festas depois te mando".

II

De onde terá vindo para o litoral catarinense a delicada e amorável usança, que, ao que parece, é desconhecida em outros pontos do Brasil?

De Portugal e das suas ilhas povoadoras do mesmo litoral parece que não vieram os "corações". É o que se conclui, ao menos provisòriamente, das pesquisas a que procedeu o Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral e que coincidem com as que também fiz.

O que recebemos dos portuguêses e dos açorianos foi a expressão "pão-por-Deus", correspondente, é certo, a um pedido e a uma dádiva, mas com forma e objetivo diferentes.

"É evidente, — diz o Dr. Oswaldo Cabral, — que o Pão-por-Deus sofreu, com a viagem através do Atlântico e dos séculos que passaram, modificações que poderão ser assim resumidas:

1º — quanto à época: — lá, quer nas Ilhas açorianas, quer no arquipélago da Madeira, o dia do peditório é o 1º de novembro, ou então, o mais tarde, o dia 2, dia de Finados; aqui estas datas marcam o fim da temporada do peditório.

2º — quanto às pessoas: — lá são os meninos que pedem pão, guloseimas, etc. ...; aqui o costume foi modificado, passando os pedintes a ter qualquer idade e o objeto do pedido qualquer outra coisa, até mesmo amor...

3º — quanto ao meio de fazer o pedido: — lá as cantorias infantis ou as solicitações simples; aqui, adotado o costume pelos adultos, crearam-se os "Corações", apropriados para as solicitações amorosas. Em outras palavras: lá, a solicitação oral; aqui, escrita, e, com esta, a invenção da missiva simbólica.

Não obstante a transformação porque veio a passar o costume, conservou, entretanto: o nome e a época do pedido" (7).

III

As conclusões do Dr. Oswaldo Cabral foram comentadas por um folclorista insulano, o Dr. Francisco Carreiro da Costa, da Ilha de São Miguel, Açôres, que informa não serem lá conhecidos os "corações", trazendo, porém, uma informação preciosa: a da existência, naquela Ilha, do "papel recortado à tesoura ou à navalha", "manifestação artística que remonta ao século XVII, sendo uma criação freirática que alcançou o seu apogeu no século seguinte". Aventa, por isso, a ligação dessa habilidade artística com o aparecimento dos "corações" (8).

A hipótese não é de rejeitar, porque para Santa Catarina, na imigração insulana, vieram no século XVIII, justamente no apogeu do rendilhado de papel, muitos micaelenses, conforme está registrado num escrito histórico do Dr. Oswaldo Cabral:

"De São Miguel nos vieram muitos povoadores. Um dêles foi Antônio Francisco Moniz Barreto, pai do Dr. Luiz Carlos Moniz Barreto, a respeito de quem já fiz referência em um artigo anterior; outro foi Bartolomeu Furtado, mestre oleiro, também referido em artigo já publicado. Da família dos Velhos veio Estanislau Dámazo da Silveira, filho legítimo de Antônio Dias da Costa e Joana Isabel da Silveira. Seus avós eram Antônio Dias Ponte (?) e Teresa Costa, os paternos; e os maternos Domingos Velho de Souza e Maria do Santo. Antônio Floriano Eloy de Medeiros, filho legítimo de Bento Martins de Arruda e de Margarida Ignácia de São José era de Ponta Delgada e foi tronco de numerosa e importante família. José Pereira da Costa, filho legítimo de Manoel da Ruda e Maria Rezendes, era da freguesia de São Pedro e da de São Sebastião eram João de Andrade e Vitória da Costa, e José Rabelo de Souza, filho de Francisco Rabelo e Ana de Souza.

(7) Boletim da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, n. 2, págs. 30 e 31.
(8) Boletim da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, n. 5, págs. 71 a 73.

Ainda micaelenses: Joaquim de Abreu; o alferes Manoel Medeiros de Souza e sua mulher Luzia Francisca da Assumpção; Miguel Francisco de Medeiros; Manoel Pacheco, sua mulher e uma filha que veio a ser mulher do Capitão Antônio Tavares Ferreira; José Francisco de Medeiros; e Simão Pereira de Carpes, filho de Manoel Pacheco e Francisca Xaviera acima citados, e que chegou a ser sargento granadeiro do Regimento da Ilha e Manoel Joaquim do Rego. Um dos pobres que vieram dos Açores foi o mudo e entrevado Domingos José Pena e era da Ilha de São Miguel ...".

"Luiz José de Souza, filho de Miguel de Souza e de Ana Maria e Antônio de Souza Raposo, finalmente, foram os nomes que, até 1796, encontrei nos registros da Ordem Terceira como naturais da Ilha de São Miguel" (9).

Outra informação preciosa traz o Dr. Carreiro da Costa. É a seguinte: "Ainda hoje, em S. Miguel o peditório do Pão-por-Deus com versinhos em papel é tradição arreigada mas circunscrita aos distribuidores dos jornais que todos os anos, pelos Santos, solicitam uma dádiva aos fregueses e assinantes. Os rapazitos dos jornais compõem algumas quadras e quintilhas todos os anos por aquela época e imprimem-nas em pedaços de papel que depois vão deixando pelas várias casas, com o sentido de recolher a esmola no dia seguinte".

É de perguntar: Tal pedido em versos, que ainda hoje lá se faz, não será modalidade de congênita vocação poética que se extravazou aqui em carta carinhosa e artística?

É possível, pois, que os micaelenses tenham sido os criadores, em Santa Catarina, da delicada missiva.

Estranho é, porém, como, em época de comunicações tão difíceis, poderia a graciosa instituição, que parece ter por centro a cidade do Destêrro, capital da Capitania, estender-se aos demais núcleos de população do litoral, alguns notavelmente distantes, quais os de Itajaí e de São Francisco.

IV

Constituem os "corações" problema que requer estudo científico, a começar pela área da sua distribuição. Pareceram-me, por isso, merecedores da atenção do ilustrado Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore, embora esteja eu convencido de que a Comissão Catarinense de Folclore os terá no seu programa de trabalho para bem orientadas pesquisas.

Nutro ainda a esperança de que a mesma operosa Comissão tudo fará para que a mimosa usança reviva, floresça e volte a alegrar corações verdadeiros.

(9) "Assuntos Insulanos", coleção de trabalhos elaborados por ocasião das comemorações, em 1948, do Segundo Centenário da Colonização Açoriana, págs. 59 e 60.

A CERÂMICA POPULAR CATARINENSE

por WALTER F. PIAZZA

AS SUAS ORIGENS

Quem anda pelas estradas do litoral da Terra Catarinense encontra de quando em vez carroças conduzindo louças de barro e outros artigos de cerâmica popular.

De onde vêm?

Em inquérito realizado pela Comissão Catarinense de Folclore em acôrdo comum com o Departamento Estadual de Estatística, constatou-se que, ùnicamente, em três municípios de nosso Estado se fabricavam tais artigos: Pôrto-Belo, São José e Imaruí.

E, agora, um pouco de história....

Antes de 1748 — data da vinda intensiva de casais açorianos e madeirenses para Santa Catarina, Rio Grande de São Pedro e Colônia do Sacramento — não se tem notícia da fabricação de artigos de barro em nossa orla litorânea... e, nem tão pouco, no interior que era, então, mato brabo.

Cremos, assim, ter vindo das Ilhas dos Açores esta arte que tanto nos liga às gentes do Arquipélago e cujos panoramas nos unem de maneira convincente, como se deduz dêste trecho de Raul Brandão:

Fig. 1
Pilando o barro

"É aqui que os barcos de três velas vêem buscar o barro em bolas, para São Miguel fabricar grandes talhas, canecas porosas, vasilhas de tôdas as formas e feitios. Santa Maria não só fornece os oleiros dos Açores mas fabrica também cântaros, púcaros, cabouços, numa ruazinha escondida da Vila. Processos primitivos: o homem numa oficina escura

Fig. 2
Fazendo a mistura

prepara e amassa o barro, a que outros vão lentamente dando feitio no engenho. Trabalha a mão e o pé: — o pé na grande roda que faz girar o prato com o barro ainda informe, e a mão dando-lhe forma". (1).

E, estudando os habitantes da cidade de Destêrro e seus arredores, nos primeiros anos após a vinda dos açorianos, pergunta erudito historiador catarinense:

"... aquele Bartolomeu Furtado, natural de São Miguel, filho de Gonçalo Furtado e de Bárbara de Souza, mestre fiscal de oleiro, não teria sido o mestre que ensinou na nossa terra a fabricação da louça de barro" (2).

Fig. 3
O pé na roda e a mão na massa

E, aduzimos em consideração à tese de ter sido o açoriano o introdutor desta arte em nossa terra o seguinte fator:

Todos os três municípios onde se fabricam, atualmente, artigos de cerâmica popular, em nosso Estado, estão incluídos dentro da zona onde se localizaram os "casais" que nos vieram das Ilhas.

(1) Raul Brandão — "Ilhas Desconhecidas", citado por Oswaldo R. Cabral — "Assuntos Insulanos".
(2) Oswaldo R. Cabral — "Assuntos Insulanos", edição da Imprensa Oficial do Estado, 1948, pág. 22.

Fig. 4
Amoldando o objeto

São, portanto, todos os indíces favoráveis a que se dê ao açoriano essa prioridade.

A FABRICAÇÃO

Como vimos três são os municípios do nosso Estado de Santa Catarina onde se fabricam artefatos de cerâmica popular.
Todos êles têm seus centros produtores.

Fig. 5
"Murchando" a louça

Entretanto, só, de dois conseguimos dados mais completos.

Em Pôrto-Belo, no Canto Grande dos Zimbros, e em São José, na Ponte de Baixo.

No primeiro a confecção dêsses objetos é feita por mulheres e adolescentes, no segundo todo o serviço emprega homens, excetuando o polimento que, também, às vêzes, é feito por mulheres.

As fases dessa manufatura são três: o recolhimento e preparo do barro, a confecção pròpriamente dita, e o polimento.

Em Canto Grande dos Zimbros (Pôrto-Belo) o processo usado é o mais primitivo possível e basta dizer que não fabricam louça vidrada, ao seu produto denominam "paisana". Lá, em São José confeccionam das duas qualidades.

Fig. 6
O interior de uma Olaria

Vale, ainda, ressaltar o espírito cooperativo das mulheres do Canto Grande que fazem unidas os serviços, desde a coleta da "argila vermelha" até o polimento e, ao final, dividem, entre si, amigàvelmente, o produto de seus esforços.

Vejamos, agora, as fases dessa "arte popular".

A coleta do barro se procede fazendo-se grandes bolas que são deixadas por alguns mêses na sombra e cobertas para "morrer". "Morto" o barro é pilado e pulverizado.

Abramos, aqui, um parêntesis ...

No Canto Grande dos Zimbros a pilação é manual, enquanto em Ponte de Baixo é por tração animal.

Pulverizado o barro faz-se, então, uma argamassa, onde são pos-

tas algumas substâncias orgânicas que lhe dão a consistência necessária para o fabrico pròpriamente dito.

Tomando a consistência são feitas grandes "torcidas".

E, neste ponto, divergem os métodos de fabricação adotados.

Em Canto Grande dos Zimbros as "torcidas" são colocadas sôbre uma mesa ou grande tábua e aí vão dando a forma de aspiral e a forma desejada.

Já em São José, na Ponte de Baixo, o método adotado é semelhante em tudo ao açoriano.

Fig. 7
Passando a "coronha"

E, o trecho de Raul Brandão: "Trabalha a mão e o pé: — o pé na grande roda que faz girar o prato com o barro ainda informe, e a mão dando-lhe forma", bem retrata o que se vê naquela localidade josefense.

Dada a forma lixam as arestas com um sabugo de milho molhado.

Murcha, depois, e vai endurecendo, tomando solidez.

O polimento é feito depois com uma "coronha" — fruto córneo de um certo cipó existente na região — que é molhada na saliva e passada na superfície interna do objeto que se está fabricando.

É levado depois ao fogo brando, de onde sai pronto para o comércio.

E, assim, temos uma descrição, ainda que imperfeita, de como

é fabricada a louça de barro tão apreciada para preparar gostosas feijoadas e suculentas peixadas.

O VALOR ECONÔMICO DA CERÂMICA POPULAR

Todo artezanato tem, lògicamente, o seu valor econômico. Assim, com a nossa cerâmica popular.

E, para demonstrar êste teorema fomos buscar no Departamento Estadual de Estatística (DEE) alguns dados que evidenciarão a realidade da nossa proposição e que, também, nos apontaram as falhas havidas no inquérito realizado pela Comissão Catarinense de Folclore conjuntamente com aquele órgão da Administração Pública Estadual — 1º Inquérito Demológico realizado em Santa Catarina — pois, se constatou a existência do artezanato de cerâmica popular nos seguintes municípios, no ano de 1949 — ano que se efetuou o inquérito folclórico citado —: **Criciuma** (distritos de Criciuma e Nova Veneza), **Imaruí** (distritos de Imaruí e Rio d'Una), **Pôrto-Belo** (distritos de Pôrto-Belo e Itapema), **São José** (distritos de São José e Angelina) e **Tubarão** (ùnicamente no distrito de Tubarão).

Como se verá adiante, pela informação estatística dos anos de 1943 a 1948, inclusive, também, se confeccionavam artigos de cerâmica popular nos municípios de: **Araranguá** (de 1943 a 1946), **Blumenau** (de 1943 a 1947), **Canoinhas** (1943 e 1944), **Joinvile** (sòmente em 1943), **Lajes** (sòmente em 1945), **Mafra** (de 1945 a 1947), **Pôrto-**

Fig. 8
Enchendo o fôrno da Olaria para a "queima"

União (sòmente em 1948), **Rio do Sul** (de 1943 a 1945), **Tijucas** (de 1943 a 1945), e **Urussanga** (nos anos de 1943 e 1946).

Está, primeiramente, acentuada a forte tendência para o desaparecimento dessa atividade popular.

Fig. 9
A louça pronta para ser vendida

Apontadas as fontes de produção e já estudado o processamento do fabrico, vejamos o que produzem.

Açucareiros, alguidares, bilhas, bules, caçarolas, manilhas, moringas, panelas, potes e pratos, entre os utensílios de cosinha. Vasos e bonecos, entre os objetos de ornamentação.

Agora, analisemos o valor da produção!

O quadro n. 1 — elaborado com dados fornecidos pelo Departamento Estadual de Estatística — nos dá uma idéia, ainda que rápida do que seja essa atividade econômica.

Por êsse apanhado estatístico sabemos que o total, estimado, em 1949 alcançou a cifra de Cr$ 598.844,oo, o que significa um belo resultado.

Vimos o quadro. Vejamos, agora, os preços das utilidades.

O preço máximo é o de uma manilha, em São José, ou sejam quinze cruzeiros. E o mínimo, ainda, em São José, é o de uma caçarola: um cruzeiro e noventa centavos.

Isto, recentemente.

Os preços variam ...

Em Criciuma o preço médio das utilidades de cerâmica popular é de Cr$ 7,78; em Imaruí o é de Cr$ 5,1o; em Pôrto-Belo o é de .... Cr$ 6,33; em São José o é de Cr$ 3,93; e em Tubarão o é de Cr$ 4,22.

A mais procurada e mais conhecida é, também, a mais barata: a de São José.

E, vemos, dessa forma, que bem grande é o valor econômico da louça de barro em nosso Estado, principalmente em São José, onde famílias e mais famílias vivem dessa modalidade de artezanato.

Ali a **olaria** passa de pai para filho e dêsse para seu filho. E, assim, uma herança certa!

E êste, também, queremos crer, um dos motivos porque encontramos muito difundido o emprêgo da louça de barro em nosso Estado.

Apesar da grande variedade de modernos utensílios de cosinha, quer sejam de aluminio ou de outro metal qualquer, as panelas de barro, as moringas, os alguidares são, ainda, muito procurados nos nossos mercados e feiras.

Fig. 10
Jarras, alguidares e panelas...

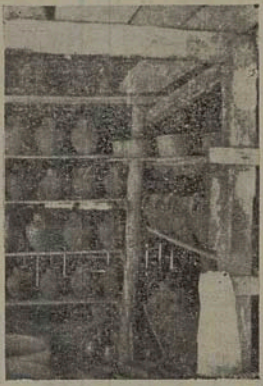


Fig. 11
E potes e mais potes a espera de comprador

O Mercado Municipal de Florianópolis é o grande entreposto da cerâmica popular procedente de São José.

E, temos, de modo sucinto, o valor econômico da cerâmica popular catarinense.

Florianópolis, abril de 1951.

QUADRO N. 1

VALOR DA PRODUÇAO DE LOUÇA DE BARRO — ESTADO DE SANTA CATARINA

Período de 1943/1949

Municipios	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949
Araranguá	5.400,oo	9.200,oo	19.600,oo	30.000,oo	—	—	—
Blumenau	41.841,7o	67.466,oo	79.981,9o	210.516,2o	86.146,8o	—	—
Canoinhas	51.880,oo	18.000,oo	—	—	—	—	—
Criciúma	—	—	—	—	—	55.150,oo	64.240,oo
Imaruí	—	—	—	—	—	19.200,oo	18.054,oo
Joinvile	90.343,7o	—	—	—	—	—	—
Lajes	—	—	2.200,oo	—	—	—	—
Mafra	—	—	15.530,1o	17.873,oo	10.211,5o	—	—
Pôrto-Belo	—	—	—	—	—	24.400,oo	31.800,oo
Pôrto-União	—	—	—	—	—	9.500,oo	—
Rio do Sul	10.605,oo	16.731,oo	12.072,2o	—	—	—	—
São José	80.438,oo	156.454,oo	154.020,oo	227.550,oo	212.520,oo	148.400,oo	457.450,oo
Tijucas	38.237,oo	29.900,oo	* 216.000,oo	—	—	—	—
Tubarão	54.422,6o	30.000,oo	40.000,oo	90.000,oo	42.800,oo	62.650,oo	27.300,oo
Urussanga	1.500,oo	—	—	5.500,oo	—	—	—

* Este dado não cremos ser exato.

Dados fornecidos pelo Departamento Estadual de Estatística.

LOUÇA DE BARRO
Municípios figurantes no inquérito demológico e que, também o são do estatístico (1949).
Municípios que, sòmente, figuram no inquérito estatístico (1949).
Municípios que figuram nos inquéritos estatísticos anteriores a 1949, ùnicamente.
ESTADO
DE
SANTA CATARINA
ESCALA - 1:2 000 000
Porto União
Canoinhas
Matra
C. Alegre
Joinville
S. Francisco do Sul
S. Bento do Sul
Itaiopolis
Jaraguá do Sul
Araquari
Guaramirim
Timbó
Indaial
Gaspar
Itajaí
Blumenau
Rodeio
Camboriú
Porto Belo
Ibirama
Brusque
Taió
Chapecó
Concórdia
Joaçaba
Videira
Tangará
Curitibanos
Rio do Sul
Nova Trento
Tijucas
Capinzal
Campos Novos
Piratuba
Ituporanga
Biguaçu
São José
FLORIANÓPOLIS
Lajes
Bom Retiro
Penha
São Joaquim
Orleães
Imaruí
Laguna
Tubarão
Urussanga
Criciuma
Jaguaruna
Turvo
Araranguá

SANTA CATARINA
DE
ESTADO

CALUNGAS DE BARRO COSIDO

Oswaldo R. Cabral

Embora a existência de olarias empregadas na confecção de louça de barro, segundo a documentada pesquisa de Walter Piazza, abranja vários municípios do litoral de Santa Catarina, só as das proximidades da Capital, melhor localizando, as estabelecidas no município de São José, oferecem um aspecto diverso da sua atividade básica, bastante interessante para o folclorista, qual seja o da escultura.

A ESCULTURA — A escultura em barro é feita por certos e determinados oleiros, não todos, em horas de trabalho ordinário, geralmente quando não há serviço normal na olaria, isto é, quando os tornos não funcionam por excesso de louça no secador e no fôrno e redução no montante das encomendas. É um trabalho para aproveitar as horas, que os oleiros de mais responsabilidade julgam com certa severidade, achando-o tolice ou brincadeira.

MATERIAL — A escultura é feita com o mesmo barro que é empregado na fabricação da louça, isto é, uma homogênea mistura de barro comum com argila obtida nas proximidades dos brejos e dos pântanos, escura, cinza-azulada, no qual é grande a presença de matéria orgânica, barro por isso chamado de "gôrdo", pegajoso, servindo, assim à liga necessária.

TIPO — O tipo das esculturas é bastante primitivo. As figuras geralmente obedecem a duas ordens: a do tipo zoomorfo e a do antropomorfo.

Dentre as primeiras são mais comuns a dos animais caseiros e a dos animais cuja fotografia ou gravura seja conhecida.

As fotos 1 e 2, por exemplo, mostram uma galinha ao centro; à direita, a mesma ave aninhando-se com alguns pintinhos e à esquerda um casal delas tendo à frente um ninho com ovos.

A pintura é variada nas cores, ao gosto primitivo do Autor ou dos fregueses. As dificuldades em obter com a matéria prima, muitas vêzes, detalhes delicados e frágeis, leva, como no caso dos pés da galinha, o autor a esculpir uma espécie de pedestal para lhe dar estabilidade.

O perú, nestas esculturas também aparece (Foto 3 e 4) e diferencia-se do pavão por que tem a crista caida sôbre o bico.

Nas fotos 5 e 6 poderemos descobrir três cães em atitudes diferentes e mais dois outros nas fotos 8 e 9, sendo que um dêles tem uma bola entre as patas dianteiras. Na foto 10 a bola está entre as patas de um cão sentado.

A terceira figura, ao centro, nas fotos 8 e 9, é um veado. Os chifres são uma espécie de corôa, partindo tôdas da cabeça do animal, sem ramificações.

Na foto nº 10 mostra um tatú canastra, pintado de marron, uma cobra branca, com listas vermelhas e pretas, e um lagarto verde, com a cabeça branca.

São, uns, animais conhecidos do escultor, que os executa de maneira mais perfeita, o que não pode acontecer, por exemplo, com o leão, animal de que apenas viu uma ou outra figura ou fotografia, e que procurou reproduzir de memória (fotos 11 e 12). Na mesma foto em que pôsa o leão, encontramos um boi, ao centro, e uma cabra, ao lado.

A figura do leão, de fato, é bastante interessante, com a sua juba branca e o seu focinho de cão.

As atitudes dos animais variam, de acôrdo com a imaginação do autor. As côres também, procurando os mesmos dar uma impressão das côres reais. As pintas que se notam nas fotografias são de colorido diverso e mostram as manchas do pêlo dos animais.

As esculturas antropomorfas também representam tipos conhecidos do escultor: um marinheiro, um soldado a pé ou a cavalo, um tocador de violão, um ou uma tocadora de sanfona, em atitudes diversas, como podem ser apreciados nas fotos 13 a 16.

As côres das partes descobertas do corpo, mãos, rosto, etc..., apresentam os matizes naturais. Já tenho encontrado também estas figuras representando pretos: soldados e marinheiros pretos, tocadores de sanfona ou violão igualmente pretos.

Barbas e cabelos de côres igualmente naturais, colocados ao gôsto do artista. Os bigodes são geralmente apenas pintados.

As vestes são as geralmente usadas por um roceiro em dias de grande gala. Não se encontra, por exemplo, um pescador com a sua "gandola" de baeta vermelha ou azul. Os calungas hão de estar sempre endomingados, calçados e bem vestidos. As vestes femininas também são as da roceira em dia domingueiro, nos seus figurinos de dia santo, pintados com côres vivas e berrantes, representando babados e rendas, fitas e outros enfeitos.

Nunca se encontra na escultura dos nossos oleiros, uma representação dos tipos que lhe são comuns em redor. O pescador, o lavrador, o condutor do carro de bois, o vendedor de verduras, tipos que tornariam interessante como documentário, a escultura dos nossos patrícios. Os figurinos são sempre os mesmos. O que o escultor vê nos dias de festa, nos lugares de ajuntamento: o policial, o tocador de sanfona, um marinheiro extraviado, uma jovem com um cãosinho no colo. Entretanto, um dêstes escultores especializou-se em fazer uns frades, que são vendidos clandestinamente. Parece um santo — e por isso é retirado da vista das pessoas que o poderiam tomá-lo por tal — mas basta puxar um cordel para que levante um enorme falus, surgindo dentre a batina que é de pano.

As esculturas de barro, naturalmente com exceção desta última figura, são os bibelots dos nossos caboclos, os Sèvres da nossa gente roceira, as estatuetas dos colecionadores rurais.

MERCADO — Os pontos de venda mais comuns são as casinhas do Mercado Municipal de Florianópolis, e as casas de negócio das estradas do interior, as chamadas "vendas".

CUSTO — No Mercado de Florianópolis o preço atual varia de 2 a 5 cruzeiros o exemplar.

EVOLUÇÃO — As fotos 17 e 18 mostram várias cabeças numa "experiência" tentada por um dos oleiros. As duas primeiras são tentativas de auto-retrato, que demonstram já um aperfeiçoamento da sua arte e uma indiscutível tendência para o retrato. A terceira cabeça é de uma filha do oleiro, que tem a sua olaria em Ponte de Baixo, município de São José. As figuras 19 e 20 mostram oleiros no trabalho: o pé na roda, as mãos modelando a louça no tôrno. A foto nº. 20 mostra um oleiro fazendo um gargalo de moringue, que se assemelhará aos que se encontram no primeiro plano da fotografia.

CONCLUSÕES — A escultura de barro foi uma atividade complementar que se desenvolveu paralelamente à indústria da louça de barro;

apresenta ainda hoje exclusivamente motivos zoo e antropomorfos;

desenvolveu-se exclusivamente nas proximidades da Capital do Estado, sendo inexistente em outras zonas em que se encontra a indústria da louça;

encontram-se em via de desaparecimento;

os artistas inspiram-se em motivos fáceis e conhecidos, mas não

apresentaram nem apresentam capacidade para a fixação dos tipos humanos caracteristicos da região;

a obra apresent u sempre caracteristicas de trabalho primitivo e rudimentar, quer na parte escultórica, quer na parte pictórica;

faltou sempre qualquer educação profissional e artistica aos autores.

Fig. 1

Fig. 2

Fig. 3

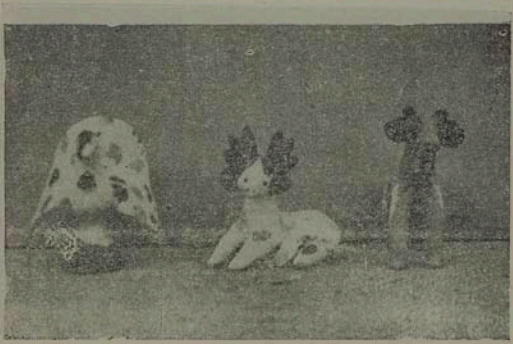


Fig. 4

Fig. 5

Fig. 6

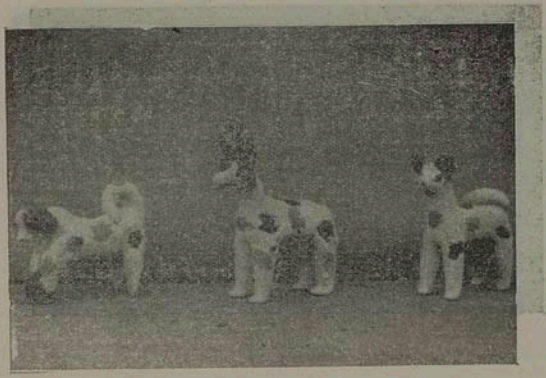


Fig. 8

Fig. 9

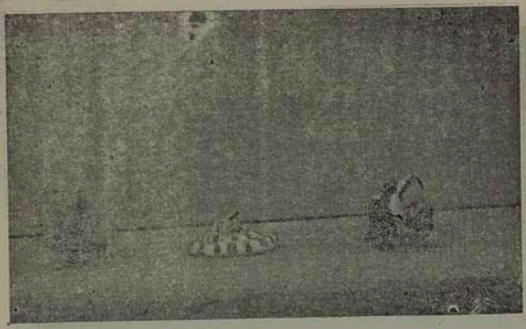


Fig. 10

Fig. 11

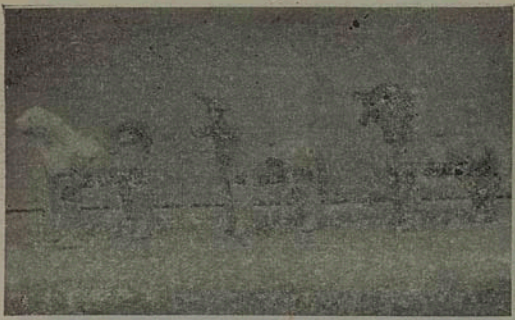


Fig. 12

Fig. 13

Fig. 14

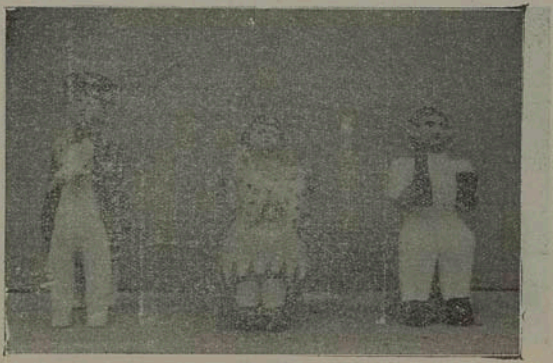


Fig. 15

Fig. 16

Fig. 17

Fig. 18

Fig. 19
Fazendo a louça (modelando) — S. José

Fig. 20

COMENTÁRIOS AO "VOCABULÁRIO DE CONSULTÓRIO MÉDICO" DE OSWALDO R. CABRAL

Jefferson Davis de Paula

NR. — No vocabulário publicado em nosso nº. 4, assinalou o autor têrmos que "não serão exclusivos a estas zonas (litoral e praiana) serão talvez conhecidos em outros pontos. Mas, a maioria, possivelmente, é de usança exclusiva dos mesmos".

O nosso ilustre companheiro Jefferson Davis de Paula, no trabalho agora publicado, aponta aquêles que são de fato conhecidos "em outros pontos".

Outros, como acostumado, aduela, coroto, destravar, embucho, fazer serviço, gastura, hemorróida, leveza, licenço e sangrador, que não foram registrados pelo nosso companheiro, tanto poderão vir a ser de exclusividade local, na acepção em que são empregados, como poderão ainda vir a ser apontados, por outros autores, como corriqueiros em outras zonas.

O que, entretanto interessa em matéria de pesquisa folclórica, não é o que seja exclusivo, mas o que seja usual.

Bem ao contrário, não se busca com a pesquisa apenas registrar o que é peculiar, mas o que é de uso generalizado. Só assim poderemos estudar, através do folclore, a aculturação, a semelhança, a identidade entre povos diversos.

Em nossa revista temos publicado justamente artigos e pesquisas realizadas em outras regiões do Brasil e até em outros países, principalmente Portugal (incluídos os Açôres), para que pelo estudo comparativo do folclore, possamos determinar aquilo que foi trazido pelos primeiros povoadores e o que tem resultado da influência dos colonizadores que nos chegaram depois.

Há sobrevivências e há aculturação — e tudo deve ser objeto de estudos, de pesquisas, de colheita, de registro.

Não sendo, pois, o nosso Boletim um órgão destinado à divulgação de estudos filológicos, não lhe cabe inserir apenas o glossário do que é peculiar à nossa terra, como curiosidade linguística. Sendo, isto sim, um veículo de divulgação de registros folclóricos, está dentro de seu programa estampar a linguagem usual da nossa gente, ainda que seja também usual em outras terras e frequente as páginas literárias de certos autores.

Demais a mais, o fato de figurar em dicionário e de ser encontrado em obras de vários autores, não que dizer que determinada expressão seja usual entre o povo. Folclore é o registro do que é usual, no caso a linguagem comum, corriqueira, de tôda a gente. A maneira pela qual um ou outro possa expressar os seus pensamentos ou que venha a registrar nos glossários, não figurem no nosso programa de divulgação, por isso que deixa de ser folclore para ser filologia.

Nem todos os têrmos que registram os dicionários são de uso corrente. Mas, aquêles que o forem, ainda os comuns a mais de uma região, são objeto de registro folclórico. E, por virem averbados nos glossários nem por isso lhes despe do interêsse que, sob êste ponto de vista possam despertar.

ACIDENTE — Significando desmaio, vem êste vocábulo arrolado em os dicionários Lello Universal e Cândido de Figueiredo, o que torna provável o seu uso em outras regiões.

ASSISTIDA — Na acepção de menstruada, deparamo-lo em Aulete, Cândido de Figueiredo, Enciclopédia e Dicionário Internacional e Lello Universal, pelo que não será êste têrmo de uso apenas em Santa Catarina.

ALOJAR — No sentido de vomitar, além de ocorrer em Minas Ge-

rais, por vir averbado por Hildebrando de Lima e G. Barroso, Laudelino Freire e Lello Universal, terá curso em outras regiões do País.

AR — É êste vocábulo de uso frequente em Minas Gerais, para designar a moléstia cuja causa se atribui a "golpes de vento" — a paralisia facial. Regista-o não só os léxicos supra-mencionados, como o Prof. Álvaro Magalhães (Dicionário Enciclopédico), Fausto Teixeira, "Estudos de Folclore", pág. 19. Luiz de Câmara Cascudo, "Antologia do Folclore Brasileiro", pág. 307, regista, para a hemiplegia, Ar do Vento, e pelos "Melhores Contos Rústicos de Portugal", Seleção e Pref. de Jorge de Lima, pág. 270, parece-nos não ser estranho, além mar, o vocábulo: "e os homens dos coelhos juravam pela sorte dos filhos que a evidente paralisia dos membros posteriores de um dêsses bichos, que querem vender, é apenas passageiro arejo nas canelas!"

BICHAS — Usado, ao que parece, em todo País, para designar vermes ou parasitos intestinais, vem êste vocábulo recolhido pelos dicionários Lello Universal, Peq. Dic. de H. de Lima e G. Barroso, Laudelino Freire e Aulete que o abona neste passo: "A criança têm bichas". Comum em Minas Gerais, ver em Fausto Teixeira, obr. cit., pág. 26.

BOCA DO ESTÔMAGO — Cremos ser esta locução de uso generalizado no País, para indicar o epigastro. Acolheram-na os léxicos de Aulete, C. de Figueiredo, H. de Lima e G. Barroso, Laudelino Freire e outros. Taunay, Inocência, pág. 180, dela se serviu neste passo: "...por sinal que me veio com uma grande dor na boca do estômago". É de uso também na Terra Lusitana, segundo "Os Melhores Contos Rústicos de Portugal", pág. 239.

CADEIRAS — De uso possivelmente generalizado no País, para designar a região lombar, os quadris, além de acolhido por L. Freire, C. de Figueiredo, Lello Universal e H. de Lima e G. Barroso, dêle se valeram, também, Fausto Teixeira, obr. cit., pág. 23, Mário Sette, "Arquinhas e Bernardas", pág. 31, e Godofredo Vianna, "Por Onde Deus Não Andou", pág. 187.

COBREIRO — De uso também generalizado no País, para designar herpes (cobrelo). Regista-o Laudelino Freire e Cândido de Figueiredo, e dêle se ocuparam Luiz da C. Cascudo, obr. cit., pág. 229, João Dornas Filho, "A Influência Social do Negro Brasileiro", pág. 56 e Fausto Teixeira, obr. cit., pág. 21.

CONSTIPAÇÃO — Na acepção de resfriado, é termo consagrado pelo uso e como tal ocorre em vários Estados, além de averbado por Hildebrando de Lima e Gustavo Barroso, Lello Universal, Dicionário Enciclopédico Brasileiro, Prof. Francisco Fernandes, "Dicionário de Verbos e Regimes", Humberto de Campos, "Sombras Que Sofrem", pág. 133, também dêle se ocupou.

DESMANCHO — Recolhido êste têrmo, na acepção de abôrto, pelos dicionários de C. de Figueiredo, Aulete, Lello Universal, H. de Lima e G. Barroso, cremos seja êle usado em outras regiões do País.

DESPACHAR — Na acepção de evacuar os intestinos, apesar de averbado por Hildebrando de Lima e Gustavo Barroso, como brasileirismo do Sul, é vocábulo de uso frequente em Minas Gerais, especialmente na zona da mata.

DESTRONCAR — No sentido de luxar, vem êste vocábulo recolhido por H. de Lima e G. Barroso e Morais, de quem o Prof. Francisco Fernandes, obr. cit., nos dá êste exemplo: "Tirar, fazer sair da junta ou articulação": "Destroncar um braço, um pé". De uso frequente em Minas Gerais, ocorre, também, no Rio, segundo informa Gladstone de Melo, "A Língua do Brasil", pág. 144.

EMPALAMADO — Para designar o individuo opilado, anêmico, é têrmo usado em diversos Estados. Embora dicionarizado noutro sentido. Taunay, obr. cit., pág. 142, abona-o neste passo: "O Senhor, declarou êle voltando-se para o doente, está empalamado". Catulo Cearense, em o "Meu Sertão", pág. 144, empregou-o na mesma acepção, apenas com a troca do e inicial por i, fato, aliás, que tem apôio na pronúncia geralmente adotada para vocábulos tais, quer por pessoas cultas ou incultas. José A. Teixeira, em "Estudos de Dialetologia Portuguesa — Linguagem de Goiás" — IV Parte, Glosário Regional, ao registrar empalemado de uso no nordeste, o faz com o seguinte comento: "Corr. de empalamado, têrmo popular, der. de emplasmado".

ENCANAR — Comum a vários Estados, no sentido de reduzir, "encanar um osso", vem êste têrmo recolhido por L. Freire, C. de Figueiredo, Aulete, H. de Lima e G. Barroso, Lello Universal e outros. Em Minas o seu uso é frequente.

ENCARANGADO — De uso em várias regiões do País, e mesmo além mar, guarda, não obstante, em algumas delas, ligeira diferença de sentido. Na acepção de encolhido, regista-o H. de Lima e G. Barroso, enquanto que para Laudelino Freire (Grande Dicionário) é, no sentido de "encolhido por ação do frio ou doença", gíria. Empregou-o o paulista Armando Caiuby, "Sapezais e Tigueras", pág. 248, neste passo: "Sem alimento, a dor aumentou, as mãos encarangaram-se, o coração mais se comprimiu, doendo". Assinalamo-lo, ainda, à pág. 94, "Folklore dos Bandeirantes", de Joaquim Ribeiro e, para a Lusitânia, em "Os Melhores Contos Rústicos de Portugal", pág. 92: "O pai estava encarangado e a minha madrasta era tão má, que, por eu me demorar num recado, partiu-me um braço".

FERIDA — No sentido de úlcera, acolheram-no C. de Figueiredo, H. de Lima e G. Barroso, e como tal conhecido em outros Estado. Luiz da Câmara Cascudo, obr. cit., pág. 352, regista-o neste passo: "Quem tem ferida no pé cura-se facilmente formando um círculo de cinza e deitando o pé doente no centro da circunferência".

FEBRE — Para designar a malária, sezão, é têrmo que ocorre noutros Estados, inclusive no Ceará, consoante nos informa Isabel Inah Frota Pessoa, em "Icaraú", pág. 66: "— Deve ser sezão.

— Não sei, inhor não. O homem está bom, está conversando, de repente vem a febre, fica mofino, lesado, nem fôrça tem p'ra se mexer".

FLATO — Vem êste vocábulo, significando meteorismo intestinal (flatulência) recolhido por Laudelino Freire, Cândido de Figueiredo, Lello Universal e outros, sendo provável o seu uso noutras regiões. Aliás, o flato como "fenômenos nervosos também curados com rezas", encontra-se em Luiz da C. Cascudo, obr. cit., pág. 228.

FONTES — Para designar as têmporas, é este vocábulo de uso generalizado no País e vem arrolado por Cândido de Figueiredo, Aulete, Lello Universal e outros mais. Empregou-o Lauro Palhano, em "O Gororoba", pág. 51, neste passo: "Um dente d'alho macho, aconselhou Sebastiana. Soque e esfregue nas fontes; é tiro e queda!..."

FRACO — Na acepção de predisposto à tuberculose, Laudelino Freire e Lello Universal registam fraco do peito, de uso muito comum em Minas Gerais, a par de "mal dos peitos", assinalada por Fausto Teixeira, obr. cit., pág. 26.

GARRÃO — É êste vocábulo correntio noutros Estados para designar a "jarrete do animal (e, por extensão, das pessoas)", inclusive Rio Grande do Sul, segundo nos informa J. Simões Lopes Neto, "Contos Gauchescos e Lendas do Sul", pág. 383.

INCHUME — No sentido de edema, inchação, vem êste vocábulo recolhido em o "Dicionário Enciclopédico Brasileiro", Lello Universal e Laudelino Freire, tendo curso em Minas Gerais e outros Estados. Para o Rio Grande do Sul, na acepção de inchação, tumor, registra-o J. Simões Lopes Neto, obr. cit., pág. 385.

INTANGUIDO — Na acepção de mal desenvolvido, é têrmo que ocorre em vários Estados, inclusive Minais Gerais, seja com referência às pessoas, animais ou cousas. Os dicionários de H. de Lima e G. Barroso, Laudelino Freire e Lello Universal que o acolheram perfilham, entretanto, a grafia com e inicial, e bem assim os escritores maranhenses Humberto de Campos, "Diário Secreto", O Cruzeiro, 10-2-51, pág. 66, e Viriato Corrêa, em "Baú Velho", pág. 74, que o abona neste passo: "...ninguem fizesse a alusão mais vaga ao seu vultozinho de criança entanguida".

JUNTA — No sentido de articulação, é de uso possivelmente generalizado no País, além de dicionarizado por Aulete, H. de Lima e G. Barroso, L. Freire e Lello Universal.

LAMBEDOR — Recolhido por Cândido de Figueiredo, H. de Lima e G. Barroso, Lello Universal, Aulete e Laudelino Freire, para designar xarope, não será êste vocábulo empregado apenas em Santa Catarina, mas comum a outros Estados.

MÃE DO CORPO — Comum a outros Estados, na acepção de útero, vem recolhido por L. Freire, Hildebrando de Lima e G. Barroso. De seu uso no nordeste, nos dá noticias José d'Aparecida Teixeira, obr. cit., IV Parte, Glosário Regional.

NATUREZA — Acolhido, na acepção de órgãos genitais, pelos

dicionários de C. de Figueiredo, H. de Lima e G. Barroso e Lello Universal, é provável o seu uso em outras regiões.

NERVO TORTO — Conquanto não seja dicionarizado, empregam-no as benzedeiras das Alterosas, como de outros Estados, para designar entorses, torcicolo.

OCUPADA — No sentido de grávida, teve êste vocábulo acolhida nos léxicos de Aulete, C. de Figueiredo e Lello Universal, dêle se ocupando, também, o Prof. Francisco Fernandes, obr. citada. Laudelino Freire regista como gíria. Não será, ao que parece, desusado noutras regiões.

PALETA — Não é êste vocábulo de uso exclusivo catarinense, de vez que, para designar "omoplata ou espádua do animal e, por extensão das pessoas", vem êle recolhido por J. Simões Lopes Neto, obr. cit., pág. 393. Igual significado empresta-lhe H. de Lima e G. Barroso.

PARTES — Averbado por Laudelino Freire, Cândido de Figueiredo, Lello Universal e outros, na acepção de órgãos genitais, ocorrerá, provàvelmente, noutros Estados.

PONTADA — No sentido de dôr aguda e momentânea, é têrmo que frequentemente se ouve em Minas Gerais, e como tal registado por C. de Figueiredo, diferindo, assim, da significação catarinense: pneumonia.

PISADURA — É êste vocábulo de uso em Minas Gerais, zona da mata mas para designar ùnicamente o ferimento do lombo do animal (muar ou equino) proveniente dos arreios ou cangalho. Nunca, ali, o vimos aplicados às pessoas, como é hábito dos catarinenses.

QUEBRADURA — É outro têrmo comum em Minas Gerais e outros Estados, para designar hérnia, e como tal recolhido por Aulete, H. de Lima e G. Barroso, e Lello Universal.

RENDIDURA — Na acepção de hérnia, ocorre também nas Alterosas e outras regiões, sendo recolhido por Lello Universal, Hildebrando de Lima e Gustavo Barroso e outros.

SAÚDE — Supomos não seja êste vocábulo de uso exclusivo catarinense, por vir averbado em o Lello Universal e Enciclopédia e Dic. Internacional.

SOLTURA — Como sinônimo de diarréa, regista-o L. Freire, H. de Lima e G. Barroso, L. Universal e outros, o que afasta a idéia de seu uso apenas em Santa Catarina.

SUJIDADE — Figura êste têrmo, no sentido de excremento, nos léxicos acima mencionados, o que parece evidenciar o seu emprêgo noutras regiões do País.

TRIZA — Como forma popular de ectericia, L. Freire, Lello Universal e H. de Lima e G. Barroso registam triz e trizia. Comum a outras regiões, temos, no caso, um fato de supressão da semi-vogal, tão frequente e generalizado entre nós.

UNHEIRO — Com o sentido de panarício, é têrmo usado em Minas Gerais, e recolhido por H. de Lima e G. Barroso e Lello Univer-

sal. Ocorre também no Ceará, segundo Luiz da C. Cascudo, obr. cit., p. 314.

VÃO — Usada em outras regiões, no sentido de hipocôndrio, flanco, tem, nos léxicos, significação diferente. José Américo, em "A Bagaceira", p. 101, dêle se serviu neste passo: "Sendo comigo, dava uma facada remexida no vão".

VIA — Arrolado por Aulete, L. Freire e L. Universal, na acepção de "reto", ter-se-á de admitir o seu emprêgo noutras regiões.

VIUVO — Para designar o terçol (hordéolo), embora não dicionarizado neste sentido, é comum a vários Estados.

VIRILHAS — No sentido de região inguinal, é têrmo de uso generalizado talvez em todo o País, além de averbado por L. Universal, Aulete, H. de Lima e G. Barroso. Laudelino Freire considera imp. a grafia virilhas, em vez de verilhas. A primeira, entretanto, está conforme a pronúncia adotada, quase que indistintamente pelas classes cultas e incultas.

ZIPRA — Em vez de erisipela, é têrmo usado em Minas e outros Estados, principalmente pelas benzedeiras.

A Comissão Catarinense de Folclore precisa da ajuda de todos os catarinenses para que possa preencher as suas elevadas finalidades.

Portanto, leitor amigo, coopere para o nosso engrandecimento cultural divulgando os seus conhecimentos sôbre a vida do nosso povo, nas suas horas alegres ou tristes, no trabalho ou no divertimento.

Envie o seu trabalho à Comissão Catarinense de Folclore, Rua Esteves Júnior, 138 — Florianópolis.

BATIZADOS & CASAMENTOS

Euclides J. Felipe

Ao permanecer uma temporada no distrito de S. Cecília, antigamente denominado "Corisco" (1) fui tomar conhecimento de um fato muito interessante, remanescente do antigo fanatismo da zona do Contestado.

Como é sabido, o ano de 1950 passou para a história do Catolicismo Romano, com a denominação de "Ano Santo" e assim, reviveu várias de suas antigas tradições. Também para os velhos fanáticos do Contestado, essa ocorrência constituiu verdadeiro motivo para o ressurgimento de uma de suas crendices, marcando uma época na história filosófico-religiosa local.

Espalhou-se como obra de sortilégio, a notícia de que o monje S. João Maria de Agostinho, havia "decretado uma lei" obrigando (2) tôdas as crianças nascidas antes de 1940, a serem rebatizadas ao pé da

---

(1.) CORISCO — Este nome provêm de uma pequena cordilheira denominada "serra do Corisco", a uns 10 kms. de S. Cecília, Mun. Curitibanos, S.C.

(2) É crença geral (que se vai extinguindo aos poucos) entre os sertanejos incultos, que o monje conhecido pelo nome de S. João Maria de Agostinho, ressuscitou a corrupção da matéria, ainda está vivendo, no cume da serra do Taió, (Mun. de Taió, S.C.), uma vida de contemplação e de orações e que algum dia voltará, para continuar sua doutrina.

cruz das Santas (3) Águas. Muitos faziam ouvidos de mercador; outros, pusilânimes, se inclinavam entre a dúvida e o receio, pois o desacato à "Lei" traria consequências desastrosas aos relápsos, segundo a "zoáda" que corria.

Entretanto, um grande número de crentes entusiasmados, acorria pressuroso, em cumprimento a êsse singular mandato, "considerando" ser o batismo realizado pelo rito que se dizia do profêta, mais eficiente, — porque — evidenciavam, — Jesus também foi batizado em água corrente, pelo próprio padrinho, — (4) sem intermediários para disputar as honras de compadresco.

Os dias escolhidos de preferência, eram as sextas-feiras e sábados, aqueles por serem consideradas dias sagrados e, êstes, por comodidade. Todavia, quaisquer outros dias também serviam.

Assim, no dia aprazado, lá se apresentavam com suas crianças, ao pé da Cruz de S. João Maria, que dista mais ou menos uns seiscentos metros da sede do referido distrito e, a madrinha, ou a mãe, ou mesmo a "apresentadeira" (5) segurava a criança, enquanto o padrinho, munido de um copo de água do córrego-santo, derramava sôbre a fronte do afilhado e pronunciava: — "FULANO, eu te batizo em nome do Padre, do Filho, do Espírito Santo e de São João Maria, Amem Jesus".

As velas de cêbo que se encontravam acêsas entre as mãos dos batizandos, eram devotamente depositadas ao pé da cruz, onde ardiam até consumir-se. Ninguém se ausentava sem ter pelo menos rezado um "padre-nosso" ao querido São João Maria e todos se dispersavam

(3) ÁGUAS SANTAS E CRUZES DE S. JOÃO MARIA: No município de Curitibanos existem várias "Santas Águas", entre as quais se salientam as de S. Cecília, Coletoria Velha, Campina dos Berivas, Fachinal das Águas, Fazenda do Doce, Picadas de Marombas, Cerrado, Caraguatá, assim como as "Águas Santas" do subúrbio da cidade, onde o povo devoto de S. João Maria erigiu uma capelinha de madeira, á custa de donativos e do resultado das festividades de 24 de junho, num sincretismo com o culto católico de S. João Batista. Atualmente os padres conseguiram abolir essa festa característica, das tradições populares, porém, o povo ainda não deixa de frequentar e enfeitar a sua capelinha, principalmente durante a Semana Santa, que é a época propícia para recolher as "garrafadas" de água do receituário caseiro. Enfim, em todos os lugares que o velho monje pernoitava, há uma "Água Santa" e diz a tradição que bastava a presença do "santo" para que as fontes brotassem expontâneamente do solo. E como lembrança dessas pousadas, depois de recolherem as cinzas, bem no local onde era feito o fogo, os devotos plantavam uma cruz de madeira tosca, de preferência o cedro, que em certas épocas do ano tem a propriedade de brotar e, não raras vêzes, tornar-se bela árvore frondosa em cujos galhos, por vêzes se notam dependuradas, inúmeras e variadíssimas oferendas, assim como: ramalhetes, grinaldas, velas, figurinhas de cêra representando animais domésticos, membros humanos, etc. etc.

(4) As honras de compadresco são tão disputadas, que se generalizou o costume do "batizado caseiro", para cuja cerimônia são escolhidos os parentes mais próximos. É tão importante tal honra, que os próprios filhos deixam de chamar seus progenitores de pae e mãe, para intitulá-los de compadre e comadre. Quanto ao batizado na igreja, os padrinhos geralmente são escolhidos entre os mais abastados, pela posição social ou influência política que desfrutam. É motivo de ofensa, alguém negar-se para batizar uma criança. Assim, são muitas as pessoas que possuem mais de duzentos afilhados. Aquí, poder-se-ia substituir aquele ditado: "Dize-me com quem andas ..." por: "dize-me quantos afilhados tens. ...".

(5) Suponho que é copiado da Igreja católica, o costume de levarem mais a "apresentadeira", que geralmente é uma mocinha e se torna também comadre.

com a grata satisfação de terem doado ao mundo, mais alguns "cristãos batizados". (6).

Em minhas perquirições, notei que alguns dos mais velhos, insistiam nas recordações da "Lei dos Redutos" e, conforme o depoimento que me prestou o sertanejo Jorge das Almas, antigo Jagunço e conhecidíssimo habitante da Serra do Corisco, da cerimônia do casamento, era lá uniforme e rigorosamente observada: — Os nubentes se apresentavam às autoridades competentes e estas nomeavam um Juiz, que geralmente era um dos "Doze Pares de França". (7). Este, munido de uma caderneta comum e de um lápis, registava as datas de casamento, paternidade e testemunhas dos noivos, e depois de certificar-se do mútuo consentimento, declarava-os casados, em nome de Deus, de S. Sebastião (8) e de S. João Maria. A seguir, uma criança "vestida de anjo, como nas procições", representando o destino, apresentava um prato esmaltado, contendo farinha, açúcar mascavo e uma colher, para que os noivos comessem alternadamente aquela farofa, na presença dos parentes, convidados e representantes da "Lei". Nessas ocasiões, certamente, não faltariam os ditos chistosos e piadas espirituosas, com certa ponta de malicia, da imaginação fertilíssima do nosso sertanejo.

Essa cerimônia, com o uso de prato e colher, representaria a unificação do casal, que permaneceria inseparável, até consumir as últimas migalhas da "Passoca da Vida". O açúcar, o lado bom ou as doçuras da existência, ao passo que a farinha representaria as transformações, os sofrimentos e os trabalhos que edificam a alma, em cumprimento aquela sábia determinação: "GANHARÁS O PÃO, COM O SUOR DO TEU ROSTO !"...

---

(6) Já notei que a palavra CRISTÃO entre os sertanejos, tem uma extensão mais dilatada, qualquer espécime da raça humana, é um cristão; outra cousa é ser cristão-batizado.

(7) Os Doze Pares de França, constituiam o Estado Maior dos Jagunços. Completamente iletrados, fascinados pelas novelescas aventuras de Carlos Magno, que algum sabido lhes insuflava no espírito infantil, identificados nos mesmos princípios de fanatismo e selvageria dêsse imperador, queriam imitá-lo de todos os modos. Portanto, ser "Par de França" constituia, para êles, um título proeminente, sem idéias regionais. E, se reclamavam o Império e davam vivas à monarquia, nisso não havia interêsse político imediato ou quaisquer relações com o Império Brasileiro, mas apenas influência dêsses livros, os únicos que conheciam.

(8) Acreditavam que S. Sebastião era o chefe da milicia celeste e, como tal, os auxiliaria nos combates, fazendo ressuscitar todos os que caissem no campo de batalha. Havia, ainda, o S. Jorge, montado em seu cavalo branco, empenhado na defesa da "causa santa".

(9) A poligamia era severamente combatida nos redutos, já pelas tradições de nossas Leis, assim como pela igualdade numérica dos sexos que lá existia. Entretanto havia uma exceção: Todos os chefes supremos eram acompanhados de sete virgens, que aos poucos se iam transformando em concubinas. Elas eram as suas inspiradoras e as intermediárias entre a Divindade e o "comandante". Algumas delas, dotadas de certa personalidade, chegaram a influenciar grandemente a vida dos redutos.

BICHOS AMALDIÇOADOS

O. Silveira

Corre entre a gente simples da nossa terra, a versão de que existem bichos abençoados e outros amaldiçoados pelo Creador. Assim, como também afirmam, que outróra os animais falavam e podiam conversar com os homens. E procuram justificar estas crendices, narrando historietas referentes a fatos passados no antanho e ciosamente guardados pela tradição, até os nossos dias.

Entre os bichos que dizem ter merecido a bênção de Deus, contam-se o carneiro, o boi, o pombo, a andorinha, a corruira e mais alguns. Quanto aos apontados como portadores de severo anatema, além da serpente, de biblica tradição, citam a mula, o linguado, a tigitica, o tico-tico e outros.

Vamos lembrar alguns dos ditos amaldiçoados.

Interessante é que, o que a respeito de alguns sabemos, prende-se à época da fuga da Sagrada Familia, para as terras distantes dos faraós.

Assim, contam que a mula, êste serviçal quadrúpede que tantos serviços presta ao homem, foi passivel da pena de maldição, por ter derrubado da sela, Nossa Senhora, quando da referida viagem. Por êsse motivo, foi castigada com o labeu da esterilidade, para que nunca mais pudesse procriar,

O linguado, peixe de horrendo aspecto, quando S. José, sua espôsa e o Divino Menino chegaram à beira mar, perguntaram-no se na ocasião a maré enchia ou vasava. E êle entre momices e tregeitos teria arremedado o modo de perguntar da Santissima Virgem. Daí o castigo a sua petulância: ficar para sempre com os olhos esbugalhados e a bôca torta.

Quanto a tigitica, passarinho tão visado pelos pelotes dos nossos bodoques na quadra infantil, afirmam que também, no tempo da fuga para o Egito, enquanto outro passarinho, a corruira, esforçava-se por ocultar, desmanchando com o bico e as azinhas, as pegadas de S. José e do jumento deixadas nas areias do caminho, esta arisca avezita ia avivando-as e assim revelando aos soldados judeus, o caminho certo seguido pelos santos fugitivos. Data de então, a perseguição tenaz que sofre e a obrigação que lhe foi imposta, de criar os filhotes luzidios e grandalhões do chopim.

Como esta, inúmeras outras crendices enriquecem a tradição dos que habitam às margens da encantadora Babitonga.

São Francisco do Sul — Setembro 1951.

AVISO IMPORTANTE

São constantes os pedidos que recebemos de coleções do nosso Boletim.

Avisamos aos interessados que, conquanto nos fôsse bastante agradável atendê-los, não nos é possível fazê-lo.

Acham-se totalmente exgotados os nºs. 1, 2, 3, 4 e 5 do Boletim.

PARECERES

Os pareceres que, neste número, publicamos, são de autoria de membros da Comissão Catarinense de Folclore e exarados em trabalhos apresentados ao 1º Congresso Brasileiro de Folclore, exceptuando o primeiro que se refere à Contribuição da Comissão Catarinense, aquêle certame cultural.

"INQUÉRITOS REALIZADOS PELA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE"

A Comissão Catarinense de Folclore oferece à apreciação do Congresso um conjunto de questionários e formulários usados pelo Departamento Estadual de Estatística na realização de Inquéritos Folclóricos. É um material muito interessante, sobretudo pelas sugestões que oferece para a generalização da pesquisa.

Os trabalhos que aquela Comissão vem realizando, com a colaboração dos órgãos estatísticos regionais — o Departamento Estadual de Estatística e a Inspetoria Regional de Estatística Municipal — comprovam a utilidade para as pesquisas folclóricas, de serem incluídos os Agentes Municipais de Estatística entre os informantes de cada Comissão Estadual. São elementos que conhecem o seu Município, que

têm intimidade na vida local, de modo que se lhes torna fácil obterem informações de natureza folclórica.

Sugiro que os questionários e formulários usados em Santa Catarina sejam encaminhadas ao Conselho Diretor da Comissão Nacional de Folclore para que se estude a possibilidade de sua utilização, como inquéritos a serem realizados em todos os Estados, quando da elaboração do Plano Nacional de Pesquisa Folclórica.

a) **Manuel Diègues Júnior**
Da Comissão Nacional de Folclore

*
* *

"ORIGEM DO JARAGUÁ E DA BERNÚNCIA" — Trabalho de Gustavo Barroso, da Comissão Nacional de Folclore

O distinto acadêmico, sr. dr. Gustavo Barroso, Diretor do nosso Museu Histórico e professor emérito de Heráldica no mesmo estabelecimento, apresenta ao "Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore" ligeiro e interessante estudo sob o título acima, que a mim coube a difícil incumbência de relatar.

Amador ou simples diletante de folclore ou, melhor, em meu fraco parecer; da Poranduba catarineta, nas limitadas horas de lazer, que a árdua profissão naval-militar me concedia, sinto-me por isso assaz embaraçado no desempenho da delicada tarefa de apreciar uma das produções do eclético e bem conhecido autor de bom número de obras literárias, históricas, folclóricas, etc.

Todavia, **noblesse oblige**... e, assim sendo, ponho mãos à obra.

Neste seu trabalho procura o fecundo poligrafo, — apontando os cômicos e ridículos figurante do auto popular Bumba-meu-boi ou Boi-surubi (conhecido, em Santa Catarina, por Bumba-meu-boi, Boi-de-Mamão e Dansa-do-Boi) — destaca o conhecido Jaraguá (?) do interior do Rio Grande do Norte e de Alagoas, e a **Bernúncia** (**Bernunça** e **Brenunça** também assim conhecida) de Santa Catarina "cuja verdadeira significação — escreve o operoso acadêmico — não foi devidamente estudada".

Aponta, do mesmo modo, **Margarida**, no Piauí, e **Previlégio** e **Cagapratí**, no Ceará, como similes dos referidos espectros ambulantes.

No seu estudo, encontra o dr. Barroso grande semelhança entre aqueles comparsas, achando idênticos os seus papéis, com suas bocarras imensas, seus dentes de jacaré, a "fazer mêdo e espalhar o poviléu miudo, abrir passagem ao sequito de que faz parte". E, afinal, conclue ser "perfeito o retrato do **Jaraguá** e da apavorante **Bernúncia**".

Entretanto, parece-me a mim que o **Jaraguá** do dr. Barroso mais se assemelha à **Maricota** catarinense, descrita pelo meu prezado patrício sr. Alvaro Tolentino de Souza; à **Margarida** do auto da Paraíba e ao **Previlégio** ou Cagapratí da terra de Iracema e do esclarecido acadêmico.

Em meu modesto entender a identidade das duas grotescas figuras não é tão próxima assim. Senão, vejamos.

O **Jaraguá** — anota o dr. Barroso — "**é um sujeito** vestido num camisolão geralmente branco, trazendo à cabeça horrenda máscara de saurio, com **fauces articuladas** (sic) por meio de um cordel que êle puxa, movendo-as e fazendo estralejar a pavorosa dentuça. Não canta nem fala; sòmente rosna ou grunhe"...

A **Bernúncia** é um bicho fantástico, teratológico. Apresenta o "focinho alongado de animal qualquer, bôca de baleia, dentes aguçados como os de jacaré. Suas mandíbulas são articuladas, prêsas por um arame, abrindo-se e fechando-se naturalmente, mas com um ruido desagradável de pôrco-do-mato. O arcabouço de forma alongada, com 2.5 a 3 metros de comprido, é revestido de pano preto, com olhos pintados à guisa de sapo-boi, de narinas largas e abertas. Aninha em seu bôjo **dois homens** compartes na tragi-comédia caipira. É muda, irrequieta, voraz".

E, além do mais, "o bicho que come crianças" e atemoriza moçoilas, engole a prêsa, que lhe passe ao alcance, e a rejeita logo "pela trazeira", cêna de alta comicidade a despertar irreprimíveis gargalhadas e escandalosas gaitadas.

Acredito que a incorporação à farandula do **Boi-de-mamão** catarinense dêsse burlesco comparsa, crismado **Bernúncia**, é de data relativamente recente, uns trinta anos no máximo. Não tenho idéia de tê-lo visto, como também o **Urubú**, o **Macaco** e a **Maricota**, em minha já distanciada juventude.

Quanto à origem do nome, plausível é fôsse tomado de uma corruptela da palavra latina — **Abrenuntio** — frequente no ritual romano do batismo.

É muito comum, em Santa Catarina, principalmente entre a gente ilhôa (descendente direta de Açorianos e Madeirenses), a exclamação de espanto e de repulsa — **Abrenuncio!** (Longe de mim!...) que, como é de vêr, bem se aplica a quem, cara à cara, entesta, inesperadamente, com exótico e apavorante abantesma...

Segundo Alvaro Tolentino, a **Bernúncia** foi trazida do "Itajaí do Norte", zona, como se sabe, onde predomina o elemento tudesco. Diante disso alguém, não me lembro quem, aventou provir o estropeado nome de **Bernúncia** do alemão — **Bär** ou **Burmonce**, isto é o **Urso** ou **Bicho-onça** (jaguar).

Esse nome, — pergunto eu, — não terá também alguma relação com as "Mascaradas" e "Encamisadas" dos remotos tempos hispâni-

cos ou portucalenses, em que seus compartes enfibulavam rústicos e amplos capotes de capuz, chamados **Burnus?**

A êstes ainda chamam os franceses **Bernous** e os italianos **Bernússo** ou **Bernusse.** E bem provável, como acredita o dr. Gustavo Barroso, que as ridículas e apavorantes figuras, hoje integradas à companhia do auto popular **Boi-de-Mamão** ou **Bumba-meu-Boi** tenham remotas raízes; e, ao perpassar dos tempos e ao entrechoque de usos, costumes, crendices, etc., das variadas correntes migratórias tenham sofrido mutações, acomodações importantes; e, afinal, chegaram até nós, talvez, completamente desfiguradas do seu sentido, de sua representação e do seu significado original. Assim, arribaram elas "à nossas plagas através da cultura peninsular, alicerçada na latinidade..." como observa o autor da tése em questão.

E o dr. Gustavo Barroso, na faina áspera de alcançar os mais distanciados similes dos extravagantes personagens, forra-se de eclética erudição e, arrimado em Naudet, cita trechos latinos de uma comédia do engraçado Plaut, discursos do severo Catão, sátiras de Juvenal, excerptos de Rabelais, um fragmento do francês arcáico do cura de Meudon, etc., e neles depara e focaliza dois burlescos bonecos, manequins ou titeres — **Manduco** (que o dr. Barroso chama Manducio) e Citéria — êste "falando por artifício", e aquele "de bôca enorme e escancarada, mostrando grandes dentes", como bem os descreve S. Saráiva, baseado em Festus, Catullo, Pompônio, etc., os quais eram levados pelas ruas nos festejos populares da velha Roma e chegaram a figurar até em peças teatrais.

Pelo que se depreende, não eram indivíduos grotescamente mascarados, mas verdadeiros manipansos ou "bonecos d'engonço", que a população metia à bulha.

Entretanto, o dr. Barroso, conclui que o **Jaraguá** nortista e a **Bernúncia** catarinense são "metempsicoses ou avatares folclóricos do **Manducio** latino", e nêle enxerga o "perfeito retrato daqueles comparsas da farça popular referida".

Parece-me a mim que o tal **Manduco** (comedor) mais se confunde com o **Bicho-Papão** ou o **Bicho-careta** catarinenses a começar da identidade de nome, pois, "manducar" e "papar", como é sabido, têm o mesmo significado.

A suposição que o dr. Gustavo Barroso apresenta de ser o nome tupi-guarani **Jaraguá** a metatese de **Jaguára** tem bastante fundamento.

A palavra **Jaraguá, na chamada** "língua geral" (o **abánhêen,** língua de gente ou nhéengatú, língua bôa, dos referidos amerindios) não tem nenhuma relação nem caracteriza o ridículo comparsa da "brincadeira" (assim chamada em Santa Catarina) do **Bumba-meu-boi.** Constituído dos étimos **Yara-guá,** significa "o vale ou a baixa do senhor", conforme nos explica Teodoro Sampaio.

O têrmo justo, verdadeiro, aplicável ao personagem em fóco deve ser **Jaguará,** formado de **Jagaá-rá,** cuja significação é: "tirado da on-

ça, ficção de onça", onça falsa, como ainda nos mostra o referido mestre (O Tupi na geografia nacional", 2ª edição, pág. 236), e que ao anotá-lo junta êste precioso esclarecimento: — "É um brinquedo que se fazia com o disfarce de uma onça, envolta em palha ou fôlhas sêcas".

Em minha terra (Santa Catarina), o matuto ou maratimba ao cão feio, esquelético, vadio, troca-pernas de magreza, o vira-latas enfim, ainda apôda de **Jaguára**, isto é, o esfomeado, em contraposição ao cachorro de estimação, o **bocica** (**môcica**, em guarani), cujo significado é — o que segue, o companheiro.

A contribuição do dr. Gustavo Barroso é bem feita, de real interêsse, meritório; demonstrando nela, seu distinto autor, grande empenho, erudição e sagacidade em esclarecer devidamente a obscura origem, a procedência, os nomes, o sentido e as mutações sofridas e o seu encadeiamento, enfim, em remotas fontes de duas extravagantes figuras de um dos nossos mais ruidosos autos populares. Bem merece, pois, ser aceita e incluída em os Anais dêste Congresso.

Rio de Janeiro, 16 de agôsto de 1951.

a) **Lucas Alexandre Boiteux**, relator.

*
* *

"ESTUDOS FOLCLÓRICOS SÔBRE A BOUBA" — Trabalho de ARNALDO TAVARES, da Comissão Paraibana de Folclore

1. — O dr. Arnaldo Tavares apresenta, como contribuição ao folclore médico rural, um interessante e erudito trabalho intitulado "CRENDICES POPULARES SÔBRE AS BOUBAS".

O trabalho em aprêço, oriundo de observações colhidas pelo seu A. no interior da Paraíba, onde exerce o elevado cargo de Chefe do Serviço de Combate à Bouba (Divisão de Organização Sanitária do Departamento Nacional de Saúde), está dividido em dez capítulos:

a) Introdução: — em que o A. história a sua colheita de material folclórico e a aceitação dos seus primeiros trabalhos, publicados no "Ceará Médico", que o animaram a reunir o vasto documentário que possue;

b) O que se entende por Bouba: — explanação científica sôbre a **framboesia tropica**;

c) A Bouba na História do Brasil: — rápida citação às primeiras e posteriores referências sôbre a bouba;

d) Estudo sinonímico da Bouba: — citação das denominações locais atribuídas à **framboesia**, seguida da sinonímia encontrada em outros países;

e) Terminologia popular sôbre as formas clínicas das Boubas:— verificada também em vários países;

f) Bouba e contágio ou transmissão no conceito popular;

g) Refronário popular sôbre as Boubas: — colheita do A. em que são citados os rifões, os adágios, os anexins, bem como as expressões populares sôbre o mal;

h) Conceito popular da sintomatologia da Bouba: — em que o A. descreve como o vulgo anuncia as diversas fases do mal, como lhe surgiu e como evoluiu;

i) Os tabús alimentares a respeito da bouba e, finalmente,

j) O tratamento dos boubentos, segundo os costumes caseiros.

2. — Assim, poderemos dividir o trabalho do douto sanitarista e folclorólogo em duas partes: — uma, histórico-científica, incluindo os três primeiros capítulos; outra, a folclórica, dos capítulos restantes. A primeira pode ser considerada como uma introdução à segunda, para a sua melhor compreensão; a segunda reune material interessante que representa valiosa contribuição ao estudo da nossa medicina popular, contribuição que avulta nos capítulos de VII a X.

Na parte do refronário há observação a fazer: o A. poderia ter feito uma separação entre as expressões populares relativas à bouba e os adágios e reifões criados pela sabedoria do povo em tôrno do mal.

Ferida agourada vira bouba — Só tem bouba quem Deus quer — Quando tem bouba numa casa é melhor todo mundo ter — Ferida que dóe não é bouba — Quem tem cravos não tem gôma — são rifões originados da observação do vulgo em tôrno da sintomatologia e da evolução do mal. Não devem ser confundidos com — Pior do que mosquito de bouba — Come mais do que ferida de bouba — Que a mofina te persiga — que são expressões populares mas sem as características dos rifões, principalmente por não encerrarem um conceito sentencioso, que é a principal delas.

A parte que trata do conceito popular da sintomatologia da bouba é bastante interessante e de lastimar que não tenha o A. tratado com maior minúcia dos tabús alimentares. A parte da terapêutica caseira é bastante completa e sugestiva.

3. — Em resumo, o trabalho do dr. Arnaldo Tavares é dos mais interessantes e, pela contribuição que traz ao estudo da medicina popular brasileira, merece ser aprovado e, de acôrdo com o que dispõe o parágrafo único, letra "d", do art. 3º, do Regimento Interno, recomendada a sua publicação nos Anais do Congresso.

Florianópolis, 24 de julho de 1951.

a) **Oswaldo Rodrigues Cabral, relator.**

*

* *

"QUEM DINHEIRO TIVER ..." — Trabalho de VERÍSSIMO DE MELO, da Comissão de Folclore do Rio Grande do Norte

"Quem dinheiro tiver..." é o título do trabalho do sr. Verissimo de Melo, da Comissão de Folclore do Rio Grande do Norte.

Afirma o autor que em Natal é comum o seguinte provérbio:

Quem dinheiro tiver, fará o que quiser.

Citando o rifão, o sr. Verissimo de Melo focaliza-o como exemplo de que os provérbios são sempre fragmentos de conto ou poesia popular, que com o tempo recebe aparas ou enxertos. Nesse processo de divulgação, a narrativa por vêzes desaparece, permanecendo sòmente o anexim.

A tese é, sem dúvida, digna de consideração. Amadeu Amaral, em TRADIÇÕES POPULARES, refere-se a "frases completas ou simples locuções que sem assumir a forma de apotegma, recordam narrações vulgares, ou se referem a contos já olvidados, tornando-se por isso mais ou menos enigmáticos (pág. 225). O sr. Verissimo de Melo, porém, vai mais longe, afirmando: **Temos a convicção de que os adágios, provérbios ou anexins — ou como queiram chamar — não aparecem na linguagem do povo isoladamente. Êles são sempre fragmentos de um conto ou de uma poesia popular.**

Os fatos folclóricos são evidentemente, traços culturais que devem ser tratados objetivamente. Os contos populares, originàriamente de criação individual, e mais tarde aceitos pela sociedade, permitem considerar-se os provérbios como restos de contos, mas também dão ensêjos a ter-se êstes como derivados daqueles. O exemplo em que se apoia o sr. Verissimo de Melo é dos mais interessantes que se pode encontrar. Já em 1848 o P. Perestrello da Câmara, em sua obra **"Coleção de Provérbios, Adágios, Rifões, Anexins, Sentenças Morais e Idiotismos da Lingua Portuguêsa"** o registrava (pág. 52). A área de sua divulgação parece-nos estender-se a todo país, pois que Mário Lamenza o consigna em 1941, em sua obra "PROVÉRBIOS" (pág. 230) como também o fêz o BOLETIM TRIMESTRAL (n. 6, Dez. 1950) da Comissão Catarinense de Folclore (pág. 59).

O interêsse do trabalho do sr. Verissimo de Melo cresce quando se tem em vista o caráter perfeito do provérbio em foco. Amadeu Amaral, na obra já citada, traça as condições a que satisfazem os adágios típicos (págs. 219-220):

a) — caráter de unidades completas e independentes;
b) — fundo de generalidade e de saber experencial;
c) — forma sentenciosa, concisa e pitoresca.

Tôdas essas qualidades possui o rifão — QUEM DINHEIRO TIVER, FARÁ O QUE QUISER ... Sendo antigo o provérbio, como antigo é o conto que aparece no livro O FOLKLORE NO BRASIL, de Basílio Magalhães, em que se apoia o sr. Veríssimo de Melo, surge então o problema seguinte: estamos em face de um adágio que pro-

vém daquele conto popular, ou de um conto baseado no provérbio e aceito pela sociedade?

O sr. Verissimo de Melo não teve em mira a defesa de uma tese. Apresenta uma contribuição valiosa para o tratamento dos provérbios como fragmentos de contos e poesias, trabalho que reputamos de valor por focalizar antiquissimo provérbio, ligado a antigo conto já registrado por estudiosos do folclore brasileiro. Por essa razão, opinamos pela aprovação do presente trabalho, e inclusão do mesmo nos Anais do Congresso.

Florianópolis, 19 de de julho de 1951.

a) **Victor Antônio Peluso Júnior.**

*
* *

"FÓRMULAS PARA TERMINAR "ESTÓRIAS" — Trabalho de **Rossini Tavares de Lima**, Secretário Geral da Comissão Paulista de Folclore.

O presente trabalho contém quarenta "fórmulas" para terminar "estórias".

É um paciente trabalho de pesquisa de campo, e, como tal, pertence à classe dos trabalhos que mais devem interessar aos folcloristas e folclórogos brasileiros.

Estas "**Fórmulas para terminar "estórias"**, nos sugeriram uma ligeira análise do que temos em nosso Estado, e apresentou-se ao nosso pensamento esta da "Vaca Vitória" que, em nossa meninice, muitas e muitas vêzes repetimos:

"Era uma vez
A vaquinha Vitória
Deu um Suspiro
E acabou-se a história".

Ou, então, esta colhida na Ilha de Santa Catarina (Florianópolis):

"Era uma vez
Uma vaquinha Vitória.
Morreu a vaquinha,
Acabou-se a história".

E, com outras variantes e com outros motes vamos percorrendo um variado campo para os estudos demopsicológicos.

Ainda, em nosso Estado, quer na capital, quer no interior, ouvimos, o que se refere à XXII[a] "fórmula":

"Acabou-se o que era dôce
Quem comeu, arregalou-se,
Quem não comeu.
Comesse !"

E, da mesma forma, outras "fórmulas" apresentadas pelo ilustrado e incansável pesquisador paulista.

Assim, o trabalho que nos coube relatar, "Fórmulas para terminar "estórias", preenche as finalidades requeridas para a sua aprovação pelo 1º Congresso Brasileiro de Folclore.

Somos, portanto, pela sua aprovação e inclusão nos Anais dêsse Congresso.

Florianópolis, em 16 de julho de 1951.

a) **Walter F. Piazza**, relator.

NA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE NÃO SE CULTIVAM VAIDADES

Todos trabalham pelo amor de trabalhar, para elevar o nome da sua terra. A cooperação é a lei máxima.

Todos encontrarão estímulo para as suas pesquisas e o que um de seus membros possue, pertence a todos.

Trabalho de equipe. Solidariedade. Companheirismo.

Só se olha por uma coisa:— a maior glória da Nossa Terra e do Brasil. Acima de tudo, o ideal.

E. SANTO

"TENTATIVA DE SISTEMATIZAÇÃO"

Hermógenes Lima Fonseca

Nos trabalhos da "Semana de Folclore" de 1948, drigidos pela nossa Comssão Espírito-santense de Folclore, Renato Pacheco publicou em "A Gazeta" do dia 31 de agôsto daquele ano, um estudo que denominou: **Tentativa de Sistematização** — sugerindo, para o estudo de nosso Folclore, a divisão do Estado em grupos municipais, onde haja a homogeneidade de tradições.

Classificou, então, os grupos em cinco zonas:

1ª — Litoral
2ª — Vale do Cricaré
3ª — Vale do Rio Doce
4ª — Funil teuto-italiano
5ª — Cultura do Café.

Nessas cinco zonas ficariam compreendidos os seguintes agrupamentos municipais:

1ª — **Litoral:** Conceição da Barra, Linhares, Aracruz, Fundão, Serra, Vitória, Espírito Santo (Vila-Velha), Cariacica, Jabaeté, Guarapari, Anchieta, Iconha, Itapemirim e Itapoama. Subdividindo em parte de influência jesuítica e parte de foz de rios.

2ª — **Vale do Cricaré:** Barra do São Francisco e São Mateus.

3ª — **Vale do Rio Doce:** Colatina, Baixo Guandú. Subdividida em zona cacaueira e dos lagos, dentro do município de Linhares cortado pelo rio Doce e zona da Estrada de Ferro.

4ª — **Funil teuto-italiano:** Alfredo Chaves, Domingos Martins, Santa Leopoldina, Santa Teresa e Ibiraçú.

5ª — **Cultura do Café:** Afonso Cláudio, Castelo, Muniz Freire, Iúna, Guaçuí; Alegre, Cachoeiro do Itapemirim, Muqui, Mimoso do Sul e São José do Calçado.

Esta classificação, se bem que tivéssemos na época apresentado certo reparo, continua na ordem do dia de nossos estudos, até que, como já nos referimos, um vasto material coletado nos prove o contrário ou sugira modificações.

Dentro dêsse critério estabelecido no estudo feliz de Renato Pacheco é que temos nos movimentado, procurando elementos de elucidação de sua justeza. Assim é que trazemos como subsídio à classificação proposta, dois trabalhos de colheita, comprobatórios da existência da 4ª zona — **Funil teuto-italiano,** do município de Domingos Martins, onde fomos especialmente para observar a Festa da Páscoa, dêste ano de 1951.

* * *

OVO DE COELHO

Domingos Martins, ou Campinho, como é conhecida, é a cidade do município do mesmo nome, colonizada pela imigração alemã vinda de várias partes da Alemanha na metade do século passado e, por conseguinte, a maioria de sua população é de descendentes daquele povo.

Hoje, segundo nos informaram, não chega a uma dezena o número dos primitivos imigrantes que ali se localizaram e êsses mesmos já velhos.

O aspecto dessa cidade serrana, com o seu clima frio, é bem europeu e então nesse domingo de Páscoa, chuvoso e nevoento, dava a impressão de uma aldeia da velha Europa, que por vêzes temos visto no cinema ou em revistas. As casas dos colonos, nas redondezas e algumas na cidade, têm o telhado alto, construído no costume europeu

contra a acumulação da neve, formando o sotão, de grande utilidade, com a cobertura de taboinhas.

Com o sr. Francisco Santos Silva, Coletor Estadual, tivemos o primeiro contacto com aquele povo e em sua própria casa estava o que procurávamos — O OVO DE COELHO. Os seus filhinhos brincavam com uma cestinha enfeitada e cheia de ovos coloridos. Explicou-nos, então, o sr. Chiquinho (como é conhecido) o tradicional costume.

Na noite anterior ao Domingo de Páscoa, tôdas as crianças, antes de se deitarem, arrumam em suas caminhas um ninho para que o coelho, vindo a noite, coloque ali os ovinhos, e, na manhã seguinte, alegres e felizes, encontram as cestinhas cheias de ovos, como no dia de Natal encontram os sapatinhos cheios de presentes deixados por Papai Noel.

São ovos de galinha, cozidos em água colorida com anilina ou com tinta extraída de papel de sêda. As mamãs preparam uma cestinha de papelão, enfeitam-na com papel de sêda e juntamente com os ovos colocam balas, chocolates e bombons. Algumas pessoas de gôsto mais apurado, retiram a clara e gêma do ovo e depois de enfeitado com desenhos de figuras, flores, fôlhas, ou mesmo desenhos simétricos enchem os ovos de confeitos, farinha de amendoim ou outras guloseimas preferidas pelos petizes. Os desenhos hoje não são muito comuns, mesmo assim ainda conseguimos um ovo com êsse processo, pois há, atualmente, a facilidade da ornamentação com delcaque-mania.

Nas ruas de Campinho vimos crianças com suas cestinhas contendo os **ovos de coelho.** Umas feitas com capricho, outras, observamos, eram cestinhas de cipó recobertas de papel de sêda de várias cores. Por uma casa que passamos, vimos três cestinhas sôbre um banco de carpinteiro e a nossa curiosidade levou-nos a indagar a quem pertenciam. U'a menina moreninha, pobrezinha, atendeu-nos como a dona de uma. A outra cestinha pertencia à sua irmãzinha deitada a um canto, junto a umas táboas e enrolada em um cobertor.

— É da minha irmã, ela está com uma febre!...

— O senhor qué a cestinha pro senhô? Pode levá, disse-nos a doentinha.

Tratava-se de pessoas não descendentes de alemães. Seus pais eram bem morenos e não denunciavam nenhuma mistura de sangue nórdico, o que prova que o costume é generalizado, recebendo o elemento nacional a influência do costume alemão. Agradecemos a oferta e verificamos que a cestinha havia sido construida com pedaços de papelão cozidos a agulha, com a alça também de papelão pregada a linha.

De outras crianças nas portas de suas casas ou na rua, indagamos se haviam recebido "ovo de coelho", e a resposta era sempre afirmativa. Uma senhora, vendo o nosso interêsse, indicou-nos uma casa a uns quinze minutos de distância, onde ainda poderiamos conseguir **ovos de coelho,** pois aqueles moradores haviam preparado em quanti-

dades. Mas, como sabemos que quando êsse povo do interior diz "é ali", fazendo os lábios em bico, não tem nada de quinze minutos, desistimos da visita. Um garoto adiantou-nos que um senhor, cujo nome não podemos anotar, havia feito muitos "ovos de coelho" e colocára numa moita para que seus filhos achassem.

A oferta da garotinha doente entregamo-la ao Secretário Geral de nossa Comissão — Guilherme Santos Neves — para enriquecimento de nosso museu folclórico.

*
* *

Ao registrarmos êste material sôbre a Festa da Páscoa em Domingos Martins, (no dia seguinte, afirmou-nos um rapaz que assistia ao jôgo de futebol, não trabalharia, pois guardavam êsse dia por ser a **oitava da quaresma**), como uma tradição originária da Europa, trazida pelos alemães, segundo nos consta, também usada em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, aguça-nos a curiosidade em perquirir a razão de não terem sido introduzidas no Brasil, pelo menos não conhecemos e nem temos notícia até agora, as tradições comemorativas da Páscoa das aldeias portuguêsas. Inquerindo portuguêses se comemoravam a Páscoa em Portugal, tivemos informações interessantes do sr. Manoel Francisco Gonçalves, de Vila Nova de Gaia, do sr. Álvaro Marques Pinto, de Póvoa de Varzim, do sr. Abel Lemos, de Aveiro, todos dos arredores do Pôrto, da Província do Douro. Relataram-nos, então, que no Domingo de Páscoa todos os afilhados vão tomar a bênção a seus padrinhos para receberem o FOLAR, que é um presente, podendo ser u'a moeda, cuja importância varia com o grau de consideração e amizade pelo afilhado ou posses do padrinho. Recebem também os afilhados o REGUEIFO — uma rôsca grande, que os padrinhos compram nas padarias, ou, aqueles mais abastados, fazem de massa de pão de ló. Há casas, como diz o sr. Álvaro Marques Pinto, que sôbre a mesa 10 ou 15 Regueifos esperam os afilhados.

Ainda é tradicional o COMPASSO. O vigário da freguesia percorre as ruas com o Crucifixo à mão, seguido da Irmandade do Sacramento e as casas, que de véspera foram limpas e ornadas com toalhas e vistosas colchas, atapetadas de fôlhas de éra e flores pelo chão, recebem a visita do pároco. Todos se ajoelham e beijam o Crucifixo. Um sinal de fôlhas em sea indica o lugar onde se encontra alguma oferenda ao Sacramento, tal o relato do sr. Manoel Francisco Gonçalves.

No domingo de Páscoa inicia o jôgo da Pêla. Jogava-se ao meio da rua e nessa informação do sr. Álvaro Marques Pinto, afirmou ter notícias de que êsse jôgo, por vêzes, a colônia portuguêsa no Rio de Janeiro, realizava em convescotes em Paquetá e noutros lugares apraziveis e de recreiação.

*
* *

CASAMENTO DE POMERANOS

Ainda em Domingos Martins foi o sr. Francisco Santos Silva o informante dêsse caracteristico costume dos Pomeranos.

Enquanto que os descendentes de alemães originários de outras partes se adaptam e se misturam, os Pomeranos continuam mais ou menos isolados em suas comunidades, falando o seu dialeto e mantendo os mesmos costumes, havendo, é claro, exceções.

Os casamentos verificam-se geralmente numa quarta-feira. Dias antes do enlace matrimonial, sae um moço fazendo os convites para o casamento. As pessoas convidadas são das relações dos noivos e na casa em que é feito o convite nem tôdas são convidadas. O mensageiro (HOCHZEITS-BITTER) a cavalo bem ajaezado e enfeitado chega a casa onde faz o convite, entra sem cerimônia e em versos faz o convite e os convidados terão que pregar alguma cousa em seu paletó, uma fita, um pedacinho de fazenda, um lenço colorido, e assim êle prossegue na sua missão, percorrendo todos os indicados para convidados. Quando regressa vem com o paletó e chapéu enfeitados.

No dia do casamento êle vai à frente do cortejo nupcial, com a mesma indumentária de que se serviu para os convites.

O cortejo é feito a cavalo e encabeça um tocador de harmônica, tocando o tempo todo do trajeto. De regresso os convidados tiram pedaços da vestimenta da noiva. A meia noite todos terão que dançar com a noiva, mas antes de tirá-la para dançar deverão colocar u'a moeda numa salva ou num prato, sem o que não poderão fazê-lo.

Cantam e dansam, sendo que um dos convivas declama uns versos no dialeto pomerano, cuja tradução o sr. Chiquinho prometeu conseguir em uma oportunidade, de alguém que conheça o dialeto.

Esse é, tanto quanto possivel nos informou o referido senhor, o Casamento dos Pomeranos, confirmado por muitas pessoas de Campinho de Santa Isabel, do municipio de Domingos Martins.

Ernst Wagemann, em seu livro "A COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO ESPÍRITO SANTO", citando o trabalho de Hugo Wernicke (Deutschevangelisches Volkstum in Espirito Santo. Eine Reise zu Deutschen Kaffeebauern in einem Tropichem Staate Brasiliens. Potsdam, 1910), assim descreve A Bôda:

"Também as festas seguem bastante os velhos usos. Nas solenidades de casamento, introduz uma nota diferente, o percurso feito a cavalo, por homens e mulheres, para a igreja. Em cavalos ou muares ajaezados, os noivos vão para a igreja, seguidos dos padrinhos e madrinhas, que, a espaços, soltam, em côro, gritos de júbilo que ressoam, penetrando através da mata e dos campos, anunciando, ao longe, o cortejo nupcial. O encarregado dos convites (Hochzeits-bitter) vem à frente, agitando uma bandeira ornada de flores. Foi êle quem pediu a comparência de todos os convivas. Para êsse fim, saira num animal

coroado de flores, e pusera um chapéu a que diversas fitas emprestam um aspecto variegado. Onde êle tinha alguém a convidar, anunciava, talvez, a sua presença, batendo palmas, à porta da casa, segundo o costume local, e ia entrando pela sala a dentro, por conta própria, ai dava voltas, e transmitia em versos a sua incumbência. Depois tomava algo para se fortalecer, se já não o tivessem fortalecido demais, mas, os moços que se encarregam dos convites, comportam-se de acôrdo com a importância e a dignidade da incumbência que recebem. Se a pessoa convidada é de sexo fraco, pega um lenço de cabeça lindamente colorido, e o prende por uma ponta ao ombro do mensageiro, de modo que fica dependurado às costas por muito tempo. Com o chapéu preto mole, de abas largas, ornamentado de fitas de várias côres, e com os numerosos e variegados lenços, montando um muar engrinaldado, a aparência do mancebo é realmente pitoresca".

Juçaras e flores decoram, abundantemente, a casa dos pais da noiva, onde, depois da cerimônia da igreja, realiza-se o banquete, seguido de dança. Nessa ocasião, em pleno dia, segundo é costume no Brasil, soltam-se foguetes, o que espanta os animais amarrados".

Muitos outros motivos estão ainda para serem coletados que atestarão essa classificação proposta por Renato Pacheco, afirmando a influência teutônica. Quanto aos motivos de origem italiana, resta-nos observar, principalmente no município de Santa Teresa e, certamente, haverá bastantes para comprovar a divisão proposta.

Vitória, 5 de maio de 1951.

* * *

ALGUNS COMENTÁRIOS

Walter F. Piazza

O trabalho que acabamos de ler do prezado amigo Hermógenes Lima Fonseca, da Comissão Capixaba de Folclore, nos sugere alguns comentários e alguns adminículos a duas das três partes que se compõe.

Queremos, em primeiro lugar, assinalar a vantagem que certos contatos nos proporcionam.

O trabalho em aprêço nos foi dado a ler durante os dias do 1º Congresso Brasileiro de Folclore, no Rio de Janeiro.

Desde logo nos empolgou por ser um tema de expressão, também, de nosso Estado e que, como todos aquêles que nos falam da contribuição européia à nossa formação, mereceu o nosso estudo e os nossos aplausos.

A sua primeira parte — "TENTATIVA DE SISTEMATIZA-

ÇÃO" — é necessária para a melhor compreensão de seu todo.

"OVO DE COELHO" é o título de sua segunda parte.

É neste ponto que trazemos alguns adminículos.

O seu uso, em nosso Estado de Santa Catarina, transcende aos limites da área de colonização teuta, avançou em tôdas as direções e, hoje, passado o primeiro século da vinda dos primeiros germânicos, é um fato concreto nos habitualismos barriga verdes.

Assimilaram-no os descendentes de italianos, de poloneses, de russos brancos e até de portuguêses e de açorianos.

Quanto à **oitava da Páscoa,** que o esforçado estudioso capixaba grafa como **oitava da quaresma,** é guardada, religiosamente, em muitas cidades de nosso torrão natal, sendo que em algumas (p. ex. Brusque) é (ou era) feriado municipal.

A terceira parte — "CASAMENTO DE POMERANOS" — nos deu a oportunidade de aclararmos a origem de um fato folclórico já nosso velho conhecido e cuja procedência nos faltava.

Referimo-nos ao que Hermógenes Lima Fonseca, assim, narra:

"À meia-noite todos terão que dançar com a noiva, mas antes de tirá-la para dançar deverão colocar u'a moeda numa salva ou num prato, sem o que não poderão fazê-lo".

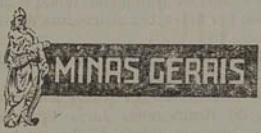
Assistimos, em meados de 1948, em acontecimento dêsse gênero no bairro da Garcia, da cidade de Blumenau, tendo o noivo afiançado ser neto de italianos e a noiva brasileiríssima da **silva.** E ficamos a matutar ...

Veio, assim, da Terra Espíritossantense a luz necessária à solução de um enigma da demopsicologia catarinense.

Por estas razões que nos esforçamos por trazer aos leitores dêste "Boletim" o trabalho de Hermógenes Lima Fonseca e, ao mesmo tempo, apelar para que, em defesa dos habitualismos de nosso Povo bom, ordeiro e trabalhador divulguem as suas observações, enviando-as à Comissão Catarinense de Folclore que, nesta hora, realiza um trabalho nunca assaz louvado em prol da Cultura Brasileira!

Prezado leitor!

Contribua para uma maior divulgação das nossas coisas enviando a sua contribuição à Comissão Catarinense de Folclore — Rua Esteves Júnior, 138 — Florianópolis.



O CAMPEIO

1. Mecanismo do serviço
2. Bicheiras e suas causas
3. Diferentes processos de curar o gado.

Saul Martins

Na região norte-mineira do Vale do Rio São Francisco, cria-se o gado sôlto nos campos, o que dificulta o trato, exigindo muita gente ou muito esfôrço para mante-lo sadio e domesticado.

Toma conta da criação o próprio dono, que é auxiliado por membros da família, ou por vaqueiros da redondeza, contratados para cuidar das reses em troca de "sortes" por ocasião das vaqueijadas, de glebas para a lavoura e de certa porção do leite.

Quando uma vaca apanha barriga, satisfeito o vaqueiro acompanha a evolução do fenômeno, passando a frequentar seus pastos. E quando amoja visita-a mais amiúde, aumentando o número de passeios à medida que ela se aproxima de "dar cria".

Vendo rastro de vaca parida o vaqueiro segue-o até encontrar o bezerro. E para facilitar o rastreio anda prevenido de "artifício" ou de fósforo, mais raramente, para queimar os pastos no período das sêcas. Isto oferece outra vantagem, no entender do sertanejo, que é a de abreviar a germinação de novas pastagens no tempo das chuvas.

Achar a "cria" na primeira semana de nascida é sempre a preocupação do bom vaqueiro, pois, nessa fase, é perseguida pela moscavarejeira, que põe seus ovos no umbigo do bezerro, ainda não cicatrizado. E as lêndeas se desenvolvem, tornam-se larvas, depois bichos, que provocam o aumento da ferida, cujo tratamento deve ser feito nos primeiros dias.

O gado é conservador. Habituado que seja a um bebedouro, ou a um logradouro, dêle só se ausenta enxotado ou corrido de inundação, sêca, incêndio, ou de outra calamidade. Possui também instintiva noção de horário, descendo pela manhã para beber, e regressando depois do meio dia, ao logradouro, para pastar e dormir, circunstância esta auxiliar do vaqueiro, que conhece o seu gado e aprendeu-lhe tôdas as manhas. Isso não obstante, prefere o campeador trabalhar à tarde, porque é mais fácil tratar a rês no logradouro do que à beira d'água, geralmente acidentada, quando não embrejada. Acresce ainda que a vaca parida de novo não conduz, nunca, o filho ao bebedouro, pois deixa-o escondido entre ramos du'a moita. Por essas razões o vaqueiro só arreia sua montada para tratar bezerros ao cair do sol. Ao contrário do campeio destinado a junta de gado durante as vaqueijadas, ou a trocas e mudanças, para êste serviço escolhem cavalos mansos, lerdos mesmo, uma vez que o tratamento é feito, quasi sempre, debaixo da montada, cautela esta que se torna indispensável quando a vaca fôr arremetedora.

Quando, todavia, o vaqueiro esbarra com uma vaca parida, sem estar acompanhada do filho, toca-a para o curral, fechando-a neste. À tardinha, ata-lhe um "gongôlo" no pescoço, liberta-a e acompanha-a de longe, guiado pelo tinir do chocalho, porque ela vai certo ao filho, sem mesmo pastar pelos caminhos. O bezerro não arreda do lugar onde ficara escondido, morrendo de fome se a êle não chegar-se a mãe. Se esta se aproxima, berra surdamente, respondendo aquele e correndo ao seu encontro para mamar. Se, contudo, o vaqueiro não dispõe de um "gongôlo", por já haver distribuido todos neste caso, seguindo a vaca, de quando em quando procura arremedar o bezerro, com o intúito de forçá-la a estugar o passo, atrás do filho.

O vaqueiro conduz o medicamento necessário a curar as bichei

ras, que, além das de umbigo, podem ser advindas de mordeduras de cães e outros animais, ou sobrevindas de picadas de morcegos, cobras e motucas. E ainda de arranhões de macambiras e de estrepadas diversas. Há vaqueiros que preferem a creolina, enquanto outros o mercúrio, especialmente o "Ribeiro da Costa", que sinonimiza, já, o medicamento. No primeiro caso leva o vidro de creolina pendurado na garupeira, junto com o laço, já com o "izope" para pincelar a ferida. No segundo, carrega o mercúrio dentro do "picuá", que é uma caixinha de madeira, paralelepipedal, de dez a doze centímetros, protegida por um cordão encerado em tôrno dela. Sua parte interna é cilíndrica, feita com trado ou com goiva, naturalmente antes de preparada a parte externa. Há quem prefira "picuás" de taboca, de cabacinhas, às vêzes um vidro de bôca larga. Em ambos os casos levam, ainda, no bôlso do gibão, um canivete bem amolado, estrume de cavalo, sêco, o qual serve de bucha para segurar qualquer dos remédios. Não havendo estrume de cavalo, usam raspa de tinguí, de grão-de-galo, ou de muricí.

Encontrado o bezerro, o vaqueiro laça-o por meio de uma vara, mesmo sem apear. Depois, com os cuidados necessários a não provocar caruara, puxa-o, de frente, para baixo da montada, onde faz o curativo. A vara serve ainda para amedrontar a vaca que tentar arremeter ao vaqueiro. Nessa ocasião, o cavalo ou está sôlto, ou, se não inspirar confiança, está prêso pelo cabresto, cuja ponta é amarrada à do laço. Pode ser dispensado êste quando o bezerro fôr novinho, de um a dois dias, período em que chega a confundir a mãe com o cavalo.

Até seis dias de idade o bezerro é portador da chamada "bicheira verde", ou bicheira de lêndeas, mais trabalhosa porque pede mais de um tratamento. A partir do sexto dia, no entretanto, o bezerro está com sua bicheira "no ponto, porque já comeu a peda do ímbigo", sinal de que tem bichos adultos. E neste caso faz-se o curativo uma só vez.

O bezerro pode ainda apanhar bicheiras nas orelhas e nas cruzes, originadas de dentadas de cães, razão pela qual evita-se o auxílio dêstes, que são empregados com proveito noutros serviços do gênero, exceção feita, também, quanto aos marruás, que acossados por cachorros tornam-se perigosos. Acresce ainda que a vaca parida nunca mostra o filho, se acuada por cães, escondendo-o nalgu'a moita. Está sujeita, mais, a "cria", de tanto lamber outras bicheiras, a apanhá-la na bôca, entre os dentes. E em qualquer parte do corpo a cura destas é relativamente fácil, o que não acontece com as de bôca, porque os remédios atacam as mucosas. Curam-nas, pois, removendo os bichos com uma talinha de madeira chamada "desbichador", intervenção demorada e que exige perícia do vaqueiro. Antes do mais tem êste de apertar as cavernas onde os bichos se alojarem para evitar que, tocados com o "desbichador", mergulhem

por elas a dentro, o que impede ou dificulta a remoção. E, se não curado, o bezerro morre com certeza, porque não pode mamar.

Faz-se o tratamento da bicheira cortando-se o umbigo com o canivete e depois "queimando a sizura" com creolina ou mercúrio. Se a bicheira já tiver bichos adultos o vaqueiro aperta-a com a mão para provocar a expulsão de todos êles de uma só vez, e também da carne podre. Caso fique algum remanescente, retiram-no com a ponta dos dedos ou recorrem ao "desbichador". Isto feito, toma-se o estrume, esfarinha-se bem e, embebido com creolina, enche-se a caverna, fazendo-se pressão com os dedos para que a massa penetre bem. Se o curativo fôr feito à base de mercúrio, neste caso deita-se cuspo no estrume, depois pulveriza-se o medicamento e procede-se como no primeiro caso.

E quando o tampão cair a bicheira está curada, pois isto não falha, nunca.

Tratado o bezerro, tosa-se-lhe o sedém, complemento da tarefa e sinal de trato.

Há tardes em que um vaqueiro, apenas, cura cinco a seis bezerros, até mais. Ocasiões há, no entretanto, que bate campo vários dias atrás de um só e o não encontra.

São os espinhos do ofício!

Neste caso, vale-se da reza e benze o animal, pelo rumo até. Ao mesmo processo de cura recorre-se também quando o vaqueiro dá com uma vaca parida e não tem medicamento algum, porque outro era o seu destino. Verdade, é que não abandona a "cria" e benze-a a vista, porisso que todo vaqueiro, que quiser ser tido como tal, deve saber benzer. E a reza é aprendida de u'a mulher, que por sua vez aprendera de um homem. Só vale a reza, já se vê, se aprendida de uma pessoa do sexo oposto.

Só benzem pelo rumo quando têm certeza de que tal vaca "deu cria", ou de que tal criação está de bicheira, porque, se não estiver, a criação seca a parte onde julgaram existir a ferida e morre. São muito fortes as rezas, tão fortes que se a criação, no momento em que o rezador benzer, encontrar-se debaixo dum pé-de-pau, às fôlhas dêste murcham e caem e a árvore apodrece. Também a bicheira curada por meio de reza não pode mais receber medicamentos, porque pesteia o animal que a possuir.

Para se benzer uma criação, seja a vista ou pelo rumo, primeiro o vaqueiro joga o chapéu para trás, deixando-o pendurado pelo barbicacho. Em seguida, faz "Nome-do-Pádi" e toma três fôlhas ou três ramos verdes, com os quais de novo se benze. Depois, com um ramo ou fôlha de cada vez, começa a reza, que é três vêzes repetida:

Sinhora Sant'Ana, mãe de Maria Santisma,
E Maria Santisma, mãe de Nossinhô Jesúis Cristo!
Assim como estas palavra é dita e certa,
Bicho cai, bichêra seca!

No correr da reza, com às fôlhas ou com os ramos gesticula cruzes sôbre a bicheira, ou no rumo da criação. Em seguida, reza um Padre-Nosso com uma Ave-Maria para Nossa Senhora do Destêrro desterrar os bichos da bicheira e salvar a criação. Depois, junta os ramos ou fôlhas verdes, aqui murchos pela influência do mal, e com êles benze-se de novo e os atira para trás, finalmente.

O trato de poldros, muares e jumentos difere um pouco. Êstes, mesmo novos, não se deixam apanhar no mato, circunstância que obriga o vaqueiro a tocá-los para o curral juntamente com as mães, que nunca se separam dêles, como acontece com as vacas. Tosam a cauda do poldro para engrossar-lhe a anca, o mesmo fazendo com a crina para engrossar-lhe o pescoço. E êste tratamento é repetido de seis em seis mêses, preferentemente na passagem do quarto crescente para a lua cheia.

Os vaqueiros são muito camaradas, porisso tratam o animal encontrado com bicheira, mesmo que não lhes pertença.

2º CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE

— 1953 —

CURITIBA — PARANÁ

Santa Catarina não poderá faltar nem desmerecer o alto conceito em que é tida. — É, pois, preciso que cada um, desde já, pense na sua contribuição e inicie as pesquisas para os seus trabalhos.

NOTAS SÔBRE O ROMANCE DA DONZELA OU DA MENINA QUE MORREU DE FEBRE AMARELA

Rossini Tavares de Lima

Em nossa tradição, encontramos dois tipos de romance: um de procedência ibérica e outro de criação nacional. Ao primeiro, pertencem velhos romances, que tiveram grande difusão nos séculos XVI e XVII, e outros de origem relativamente recente. No segundo, incluem-se os romances, décimas e abecês de animais, cangaceiros, etc.

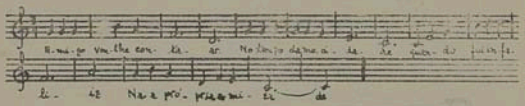
Aos romances ibéricos de origem relativamente recente, pertence o romance da Donzela, um dos mais populares do Minho (1). Dizem os Pires de Lima (ob. cit.), que êle foi ouvido a cégos e cantadores e talvez provenha de folhetos de cordel, acrescentando que "algumas quadras desse romance

são conhecidíssimas na região, e são cantadas, soltas, em festas populares e nos trabalhos campestres". Lima Carneiro (ob. cit.), registra-o com o título de "Fado", comparando-o à versão "cantiga da pomba sem fel", recolhida por Cardoso Marta, no Cadaval.

No Brasil, não temos conhecimento de qualquer publicação, que mencione esse romance. É possível, porém, que seja muito difundido, pois a partir de 1948, recolhemos numerosas versões, entre as quais as cinco seguintes:

VERSÃO Nº 1

Local: Tubarão (Estado de Sta. Catarina).
Data do registro: 1948.
Idade do documento, na opinião do informante: trinta anos.



Amigo vou lhe contar,
No tempo de minha mocidade,
Quando fui infeliz
Na própria amizade.

Eu tinha dezoito anos,
Quando amar principiei,
Pela minha infeliz sorte
Pouco tempo gozei.

Eu amei uma menina
Formosa como os amores,
Era orfã, não tinha pai,
Morava com sua mãe.

Sua mãe que não queria,
Que amores ela tivesse,
Amavamos escondido,
Sem que sua mãe soubesse.

Havia uma enfermidade
Chamada febre amarela,
Que durante vinte e quatro horas
A febre deu conta dela.

Ela queria morrer,
Quando de mim se lembrou,
Chamou pela sua mãe,
Nestes termos assim falou:

— Ó rica mãe de minha alma,
Lhe peço com grande dôr,
Quero entregar minha alma
Não posso sem vêr meu amor.

A mãe perguntou
Como ele se chamava,
Ela tudo lhe disse
Até aonde êle morava.

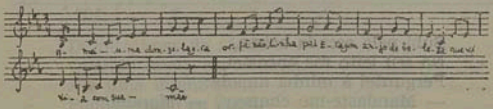
Quando êle chegou,
Encontrou a janela fechada,
Sua mãe tudo lhe disse,
Até aonde ela estava.

— Vem cá pombo sem fel,
Chega aqui perto de mim,
Me ajuda a trabalhar
Nesta morte tão cruel.

Nota — A informante, uma ex-aluna, não poude se recordar dos versos finanis, e me contou que o documento é conhecido pelo nome de "décima".

VERSÃO Nº 2

Local: Caxambú (Estado de Minas Gerais)
Data do registro: 1949
Idade do documento, na opinião do informante: trinta e cinco anos.



Amei uma donzela,
Era orfã não tinha pai,
Era um anjo de beleza,
Que vivia com sua mãe.

Sua mãe não queria,
Que a filha amores tivesse,
Amavamos escondido,
Sem que sua mãe soubesse.

Amamos oito meses,
Sem haver uma novidade,
No fim de oito meses
Veio uma enfermidade.

Havia uma molestia
Chamada febre amarela,
No fim de quatro (ou vinte e quatro) horas
A morte chamou por ela.

Chamou a sua mãe
No seu leito de dôr,
Não entrego minha alma à Deus
Sem despedir de meu amor.

Chamou depressa a criada,
Com toda pressa que havia,
Venha ver a sua amada
Nas ultimas agonias.

Eu de nada sabia,
Sobressaltado fiquei,
Passei a mão no chapéu (ou Puz o chapeu na cabeça)
E a criada acompanhei.

Quando eu vinha chegando,
Fiquei todo esmorecido,
Vi a janela fechada,
Lá dentro um triste gemido.

Subi pela escada acima,
No seu leito me encostei,
Perguntei à minha amada:
— Mandaste-me chamar? — Mandei.

— Mandaste-me chamar? — Mandei.
Ó minha pomba sem fel,
Aqui estou eu atalhando (ou batalhando)
A negra morte cruel.

— Meu bem mandei-te chamar
Para nós nos despedir,
A nossa eterna amizade
Já não pode existir.

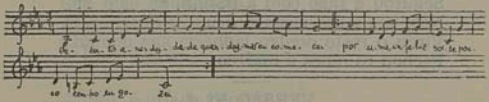
Ao dizer estas palavras,
Seu corpo todo tremeu,
Apertou minha mão na dela
Fechou os olhos e morreu. (ou Deu um suspiro...)

Ó morte, tirana morte,
Ó morte da ilusão,
Roubaste a minha amada
Da veia (ou prenda) do meu coração.

Ó morte, tirana morte,
Ó morte de tantas queixas (ou Eu contra ti tenho
[queixas)
Ó morte, tirana morte,
Ó morte de tantas queixas.

VERSÃO Nº 3

Local: S. José dos Campos (Estado de S. Paulo)
Data do registro: 1951
Idade do documento, na opinião do informante: quarenta anos.



Dezoito anos de idade
Quando amar eu comecei,
Por uma infeliz sorte
Pouco tempo eu gozei.

Por amar uma menina,
Que era orfã de pai,
Um anjo do céu querido,
Que vivia com sua mãe.

Como sua mãe não queria,
Que a filha amores tivesse,
Amavamos escondidos,
Coisa que ela não soubesse.

Arminda ficou doente
E era febre amarela,
No prazo de quinze dias
A morte tomou conta dela.

Chegou a mãe à cabeceira.
— Quero pedir um favor,
Não posso dar a alma à Deus,
Sem despedir do meu amor.

A mãe, então, perguntou
Aonde que ele morava,
Ela de tudo contou
Até como se chamava.

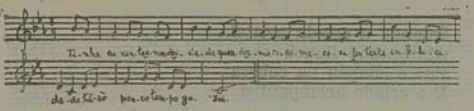
A mãe mandou uma criada
Em casa, no próprio dia.
— Vinde ver a tua amada,
Que está na ultima agonia.

Como eu de nada subesse,
Muito assustado fiquei,
Puz o chapéu na cabeça
E a criada acompanhei.

Segurou a mão com a minha,
Nem mais um suspiro deu,
Virou o rosto doutro lado,
Fechou os olhos e morreu.

VERSÃO Nº 4

Local: Santos (Estado de S. Paulo).
Data do registro: 1950.
Idade do documento, na opinião do informante: Cinquenta anos.



Tinha eu vinte anos de idade,
Quando amores comecei,
Foi tanta infelicidade,
Tão pouco tempo gozei.

Eu namorara uma menina,
Que era orfã, não tinha pai,
Era um anjo de beleza,
Que mora com sua mãe.

Sua mãe não queria,
Que a filha amores tivesse,
Namorava às escondidas
Para que ninguem soubesse.

Assim levamos nove meses,
Nunca houve novidade,
Ao findar nove meses
Deu-lhe Deus uma enfermidade.

Era uma frebre maligna,
Chamada febre amarela,
E em vinte e quatro horas
Toma a morte posse dela.

Mandou chamar sua mãe,
À cabeceira da cama,
E pediu-lhe com brandura,
Que deixasse se despedir do amor.

Sua mãe nada sabia,
Atarantada ficou,
Chamou sua criada
E tudo esta lhe contou.

— Vai, ó criada bendita,
Vai dizer àquele amante,
Que sua amada querida
Está muito delirante.

Quando a criada avistei,
Atarantado fiquei,
Puz o chapéu na cabeça
E a criada acompanhei.

Quando a sua casa avistei,
Atarantado fiquei,
Puz o chapéu na cabeça
E a criada acompanhei.

Quando a sua casa avistei,
Portas e janela fechadas,
Disse comigo e Deus,
Já se foi a minha amada.

Entrei pelo quarto à dentro,
À sua cama me encostei,
E ali naquele instante
Muitas lágrimas derramei.

Dai-me, dai-me um abraço,
Antes que me coma a terra,
É o lucro que tú tiras
De tão infeliz donzela.

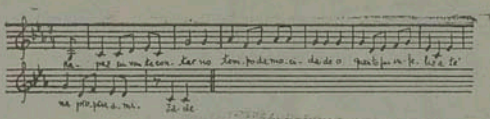
Dizendo estas palavras,
A cabecinha virou,
E alí naquele instante
A alma à Deus entregou.

Ó Morte, tirana morte,
E de ti tenho mil queixas,
A quem deves deixar, levas,
A quem deves levar, deixas.

Eu mandei fazer o luto,
Do mais pesado que havia,
Quando olhava de cima à baixo
O luto me entristecia.

VERSÃO Nº 5

Local: Friburgo (Estado do Rio).
Data do registro: 1949.
Idade do documento, na opinião do informante: cinquenta anos.



Rapaz eu vou te contar,
No tempo da mocidade,
O quanto eu fui infeliz
Até na própria amizade.

Namorei uma menina,
Era orfã, não tinha pai,
Era uma simples donzela,
Ela morava com sua mãe.

Namoramos catorze anos,
Sem a menor novidade,
Em uma hora repentina
Deus nos deu a infelicidade.

Havia uma moléstia,
Chamada febre amarela,
Que em vinte e quatro horas
Deus tirou-me a posse dela.

— Minha mãe, minha mãezinha,
Vos peço com grande dôr,
Não posso dar a alma à Deus,
Sem despedir do meu amor.

Logo no mesmo instante
Mandou a criada chamar,
Que fosse ver minha amada
No leito para expirar.

Sua mãe que de nada sabia
Estarrecida ficou,
Mas vendo-a tão abatida
Muitas lágrimas derramou.

Depressa subi as escadas
No seu leito me encostei,
Vendo-a em tão triste estado
Muitas lágrimas derramei.

Mandei-te chamar meu bem,
Me disse a pomba sem fel,
Porque já lutei debalde
Com a morte fria e cruel.

Suas mãos unidas às minhas,
Estas palavras falou,
E virando-se para o canto
Fechou os olhos e expirou.

Analisando estas versões, concluimos:

1 — Quanto aos personagens

Eles são quatro: a menina ou donzela, o poéta narrador, que é o amante da donzela, a mãe desta e a criada. Na versão de S. José dos Campos (Versão n. 3), a jovem chama-se Arminda.

2 — Quanto ao assunto

Escrevem os Pires de Lima (ob. cit.), que o tema central deste romance é o da sedução de uma rapariga, que morre de parto. Em nossas versões, assim como na maioria das portuguesas, o assunto se refere à "estória" de uma jovem, que adoece de febre amarela, e que, à hora da morte, solicita a presença do homem, que ela havia amado escondido, sem que sua mãe soubesse. Em nenhuma delas, se faz menção ao parto, mas em tôdas se percebe o "leit-motiv" da sedução. Na versão n. 4, há mesmo alusão aos "nove meses", ao fim dos quais "Deu-lhe Deus uma enfermidade.", o que, também, se observa no documento recolhido, no Minho, pelos citados autores.

3 — Quanto à poesia

A poesia compreende quadrinhas setissilábicas, com rimas alternadas entre o segundo e o quarto verso. O poéta narrador, amante da donzela, está quase sempre com a palavra e inicia e termina todas as versões, com exceção da n. 1. Falam, de raro em raro, a donzela, a mãe e a criada.

"O BOI-DE-MAMÃO" — ÓLEO DE WILLY ZUMBLICK

OS VELLETS CATANDEASSES E O LOUCTOSE

4 — Quanto à música

As solfas estão tôdas no compasso ternário; quatro se encontram na tonalidade menor (Versões 2, 3, 4 e 5); tôdas terminam na tônica; quatro (Versões 2, 3, 4 e 5) têm seu inicio na dominante; há tres melodias semelhantes (Versões 2, 3 e 5), indenticas à do romance de Da. Silvana, registrado por Guilherme de Melo (2), à nossa roda infantil "Lá em cima da caixa dágua" ou "Morte de Iracema" (3), e à roda portuguesa "Senhora Aninhas", também conhecida por "Mariquinhas" e "A Menina Mariana" (4).

5 — Quanto à versão mais completa

A mais completa é a versão n. 4, de Santos (Estado de S. Paulo), que apresenta quinze quadrinhas.

BIBLIOGRAFIA

(1) Pires de Lima, Joaquim Alberto e Fernando de Castro — "Romanceiro Minhoto" — Porto, Portucalense Editora, 1943.
(2) Melo, Guilherme de — "A Música no Brasil" — "Dicionário Histórico, Geografico e Etnografico do Brasil", Introdução Geral, Primeiro Volume — Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1922.
(3) Tavares de Lima, Rossini — "Ai! Eu entrei na roda" — S. Paulo, Casa Wagner.
(4) Pires de Lima, Augusto C — "Jogos e Canções Infantis" — Porto, Domingos Barreira — Editor.

Este Boletim é órgão da Comissão Catarinense de Folclore, servindo aos folcloristas do Brasil e do Mundo.
Leitor amigo!
Colabore para a sua sobrevivência!

OS NÚMEROS NA TRADIÇÃO POPULAR

Tássilo O. Spalding

Desde a mais remota antiguidade tiveram os números papel saliente na vida cotidiana dos povos primitivos.

As primeiras superstições, vigentes entre os mais recuados povos, originaram-se, quasi sempre, dum início numérico. Assim é que vemos os números influir decisivamente nas cerimônias religiosas e nos mistérios de todos os povos antigos, inclusive nas fórmulas rituais dos Hebreus. Mais tarde, com o advento da Astrologia, ciência surgida da decadência da Astronomia, daquelas priscas eras, os números começaram a desempenhar função mais definitiva. Surgiram, então, os **numeri babylonii**, predição do futuro pelo estudo e observação dos astros, ocupação largamente difundida entre os Babilônios. Também a Astrologia dos Caldeus, famosa na História, achava-se intimamente ligada aos números. Com Pitágoras êstes passaram a ter valor quasi absoluto: tôdas as cousas são números. Conforme o grande filósofo-mistico-matemático, é preciso que se compreenda o número num sentido próprio, como a substância das cousas, ou interpretar as cousas em relações numéricas. A

formação dos corpos Pitágoras explica pela inhalação dum sôpro limitado que paira fora dos céus, e que, colocando-se entre as unidades que enchem o mundo, limita-as e forma os intervalos. As combinações das unidades que compõem o número podem formar séries pares e ímpares. Pitágoras explica cada ser pela mistura do **par** e do **ímpar**, ou, do determinado e do indeterminado. O conflito entre os dois nos dá conta da presença de propriedades opostas numa mesma cousa. Como, então, poderá haver união? Por meio de um terceiro princípio, a **harmonia**. Todo ser é uma **harmonia determinada**, quer dizer, um complexo fixo de par e ímpar.

Diz a tradição, contestada por autores de pêso, que Pitágoras hauriu sua doutrina sôbre os números dos velhos Egípcios. Certo, porém, é que sua numerologia tem íntima semelhança e apresenta notáveis afinidades com as teorias dos sacerdotes egípcios, por sinal admiráveis matemáticos.

Os Hebreus, Assírios, Babilônios, Persas ou Iranianos e mesmo os Indús, nutriam sempre grande veneração pelos números. Os Romanos criaram uma deusa dos números, e do cálculo, **Numéria**, cujos atributos e poderes nunca foram bem definidos.

Sôbre o valor e a virtude dos números os escritores antigos nos revelam particulares interessantíssimos. Mais tarde, com o florescer do Cristianismo, os números passaram a servir de símbolos. Os mistérios e os cultos secretos que desde o desabrochar da civilização oriental ocuparam lugar de destaque entre os povos da Ásia, da África e da Europa Oriental, ao desaparecerem, ou antes, ao perderem seu prestígio em face do Cristianismo triunfante, legaram à civilização bizantina e greco-romana um acêrvo colossal de interpretações numéricas.

Os Padres Apostólicos, os Apologetas e os Santos Padres nos herdaram riquíssimas e curiosas informações sôbre o valor, virtudes e emprêgo dos números, base de quasi todos os mistérios orientais. São Clemente de Alexandria, na sua célebre **Trilogia** e na homília **Quis dives salvetur?**; Orígenes, cuja obra monumental abrange a exegese, a apologética, a filologia, a história, a filosofia, sem contar os comentários e interpretações científicas, sermões e tratados teológicos e ascéticos, são, dos primeiros séculos do Cristianismo, os que melhor discorrem sôbre o papel dos números. Mais tarde, Santo Atanásio, os Capadócios, Santo Ambrósio e notadamente Santo Agostinho, também trataram dêste assunto.

De modo geral pode-se afirmar que tôdas as heresias surgidas no dealbar do Cristianismo, como gnosticismo, o maniqueismo, o monofisitismo, o monotelismo, os quiliastas que criam num reino de 1.000, e as várias modalidades da teologia montanista como o reinado do Paráclito e a Terceira Revelação, emprestam valor significativo aos números.

O número ímpar foi sempre venerado pelos antigos de modo especial. Vergílio, num celebrado relanço das suas Bucólicas (Ecl. VIII, 75) afirma que a divindade se compraz no número ímpar, **Número deus im-**

pare gaudet. Conforme a crença geral da época, oriunda talvês das doutrinas pitagóricas e esposada por Vergílio, os deuses preferiam os números ímpares em virtude de sua indivisibilidade. O Poeta, aqui como **número ímpar**, faz referência ao três, o principe de todos os números, por conter em si, segundo Aristóteles, o principio, o meio e o fim. O **número ímpar**, faz referência ao três, o principe de todos os números, como dos inferi: Júpiter possui o raio trífido, Neptuno por cetro tem o tridente, e Plutão o cão de três cabeças, o famigerado Cérbero. Três eram as Parcas, três as Fúrias. Apolo é triplo com o Sol e Liber, o mesmo acontecendo com a sua irmã, a virginal Febe, Diana na terra, Lua no céu e Hécate nos infernos, donde o nome de Trivia que os poetas lhe dão. A tripode (três pés), sôbre a qual tripudiava a pitia, notadamente a de Delfos, tornou-se célebre na história. O triambo, triunfo, era, também, um gesto triplice de aclamação a Dioniso ou Baco. Não devemos esquecer os três reinos: Céu, Terra e Inferno, assim como o reino animal, o vegetal e o mineral. Havia ainda as três almas, espiritual, animal e material. Plotino, fundador do néo platonismo, ensinava que a terceira hipostase engendrara, também, três almas, a alma do mundo, as almas particulares e os seres corporais e sensiveis. Além disso o número três originou tribo, tributo, tribunal ,tribuna, triente (moeda que valia o têrço dum asse), triennia (festas em honra de Baco), e um sem número de vocábulos nos quais se vê imediatamente a raiz do número três.

O número impar, qualquer que fôsse, teve sempre grande prestigio entre os antigos. Assim é que se encontram nos vetustos escritores conselhos como os exarados no In Geoponicis (I, 18), preceituando que o número de animais que compõem o rebanho seja sempre impar. Vegécio, no seu famoso **Epitome institutorum rei militaris**, estabelece que os fossos que circundam os acampamentos tenham, no mínimo, 9 pés e no máximo 17. Era fama que as árvores que não possuissem número impar de galhos, jamais produziriam bons frutos. É curioso observar — como nos afirmam os antigos — que as espigas, de qualquer natureza, têem sempre número impar de grãos. Confesso que nunca me dei ao trabalho de verificar a veracidade dêste asserto. A par do número três outro há menos curioso e igualmente não menos acatado pelos antigos: o sete. O **setenário** encheria volumes se alguém se desse ao trabalho de estudá-lo.

Vejamos como o sete entra em tôda parte: temos os 7 dias da criação, as 7 espécies, os 7 céus, os 7 climas, os 7 planetas, a Plêiade, grupo de sete estrêlas, o Setentrião, onomásia comum para o Norte, tomada de **Septemtriones**, isto é, os 7 bois, nome dado pelos antigos às 7 estrêlas da constelação da Pequena Ursa, por que ela apresentava, mais ou menos, a figura dum aparêlho debulhador puxado por bois. Há, depois, às 7 Artes, os 7 anos de carestia, os 7 anos de fartura e os 7 braços do candelábro no templo dos Judeus. Pergunta São Pedro ao Senhor se deve perdoar ao irmão 7 vêzes, e lhe responde Êle que sete vêzes 70 (São Mateus, XVIII, 21, 22). E nem podemos omitir os **Sete anos de pastor que**

Jacó servia a Labão, pai de Raquel, serrana bela, conforme o mimoso soneto do imortal Camões, e, de acôrdo com o texto bíblico.

Noé esperou duas vêzes 7 dias na arca que flutuara 7 mêses sôbre as águas do dilúvio. Temos ainda os 7 dons do Espírito Santo, os 7 Sacramentos, os 7 gozos e as 7 dores da Virgem Santíssima, os 7 dias da semana, os 7 sábios da Grécia, — Bias, Cleóbulo, Periandro, Pitaco, Quilão, Solão e Tales, — às 7 maravilhas do mundo, — os jardins suspensos e os muros de Babilônia, as pirâmides do Egito que por sinal são três, — Queops, Quefrem e Miquerinos, — o farol de Alexandria, o colosso de Rodes, o Júpiter Olímpico de Fídias, o templo de Diana, em Éfeso, e o túmulo de Mausolo. Há que mencionar às 7 obras de misericórdia, espirituais, e, por fim, os 7 palmos de terra da nossa última morada. Além disso fala-se muito no homem de 7 ofícios em responder com 7 pedras na mão, andar nas 7 quintas, dar no 7, trazer algo guardado a 7 chaves, fazer um bicho de 7 cabeças, pintar o 7, jogar o 7 e meio, e beber um trago de 7 virtudes...

Os povos semíticos, caldeus, fenícios, judeus e árabes, sempre tiveram grande consideração pelo número sete. Os gregos, e depois os romanos, o adotaram. No Antigo Testamento o SETE é encontradiço como número símbolo; o mesmo ocorrendo na **Ilíada** e na **Odisséia**, de Homero. Orfeu chorou Euridice exatamente 7 meses, como afirma Vergílio no passo famoso das suas imortais **Geórgicas** (Geo., IV, 506-508). "Conta-se que êle (Orfeu) chorou durante sete mêses inteiros sob um rochedo elevado, às margens do deserto Estrimão".

Fala-se muito que o 7 é conta de mentiroso. Mas qual seria a origem de tão aviltante ferrete gravado no infeliz e simpático 7? As explicações são poucas, muito vagas e indeterminadas. Uma há que, por curiosa, merece ser mencionada. Lá diz o Salmo 115, versículo 2, que todo homem é mentiroso, — **Omnis homo mendax. Ora**, tem-se por certo que a criança, ao completar 7 anos, entra no uso da razão, tornando-se, por conseguinte, mentiroso...

O número 13, por todos considerado número aziago, funesto, ou antes, azarento, parece que de longa data traz esta má sina, cuja causa não me foi possível atinar. No Apocalipse de São João, livro entre todos misterioso, ocorre uma quantidade enorme de números, cuja exegese ainda hoje é incerta para os bibliastas. Convém notar que o número 12, aí considerado como número nobre, por ser o produto de 4 vêzes 3, e o número 24 e o número 12, que tantas são as portas da Cidade de Deus, já vêem registados no Antigo Testamento como números favoráveis.

Quando São João, porém, quer insistir sôbre o mau predicado do demônio, não usa o número 13, mas o 7 ou o 10: a besta de 7 cabeças e de 10 cornos.

Antigamente tinhamos a **trezena**, reza ou devoção própria dos 13 dias que antecederam a festa do Santo ou da Virgem. Hoje em dia o **tríduo** ou a **novena** estão mais em voga.

Mil cousas, mil diabos, mil anos, etc., são números arbitrários para indicar cousa em grande quantidade. É de uso antiquissimo. Já os encontramos em Heródoto, Vergilio e outros autores mais, sem falar no Antigo e Novo Testamentos. São Gregório, Papa, no seu **Liber Moralium** (IX, 2), diz expressamente que o número redondo é tomado para indicar o todo, **pro universitate solet intelligi**, como hoje. Os poetas usam ainda o numeral três vêzes e quatro vêzes para indicar número muito grande e indeterminado, conforme o conhecido excerto de Vergilio imitado de Homero: **O terque quaterque beati!** (Eneida, II, 34).

LEITOR!

Esperamos que tenha gostado do nosso Boletim, entretanto, muito nos custa fazê-lo. Coopere com a direção ajudando, financeiramente, a Comissão Catarinense de Folclore.

COUSAS DO NOSSO FOLCLORE

Horácio Paz
("Peão" do "35" — Centro de Tradições Gaúchas)

Em o número 7 dêste Boletim, o professor Rossini Tavares de Lima divulgou uma "verdadeira e alegre "estória" de casamento de pobre, recolhida na tradição oral da Sorocabana". Intitula-se "Décima do Casamento". Conclue-se, pela exposição do professor Rossini, que tratam-se de "quadrinhas bastante antigas", po reconseguinte já incorporadas ao Folclore paulistano.

Com o intuito único de colaborar no sentido de que sejam situadas no tempo e no devido lugar, si possível, as verdadeiras origens dessa preciosidade folclórica, pedimos vênia ao ilustrado professor para oferecer-lhe aqui, transcrita do "Cancioneiro Guasca" — obra de compilação lançada em 1910 pelo nosso vaqueano regionalista João Simões Lopes Neto — uma variante da mesma "estória", porém recolhida no Sul do Estado do Rio Grande sob o título de "O Noivo Pronto".

Entre uma e outra há perfeita analogia de sentido, e mesmo versos quasi iguais, até o ponto em que o noivo pede emprestado os "trens" do vizinho para poder realizar o seu "casório". Daí em diante, embora mude o sentido da história, não se poderá negar uma origem

única para as duas versões. Talvez a função oral levando-a de rincão em rincão, fosse-lhe suprimindo ou acrescentando novas roupagens de acôrdo com as influências do meio ou da imaginação popular.

Êste, aliás, não é um caso isolado na obra literária de João Simões Lopes Neto. O escritor Aurélio Buarque de Hollanda, em seu magistral lançamento dos "Contos Gauchescos e Lendas do Sul", também nos revela a existência de duas variantes, respectivamente, para os contos "O mate do João Cardoso" e "Melancia e Côco-Verde": uma em Sergipe e outra no estado do Rio. A primeira, que aparece no romance "O Missionário", de Inglês de Souza, conta a história de um fazendeiro "também chamado João — João Pinheiro", que mandava servir café, em vez de mate. Quanto à segunda, recolhida por Silvio Romero, figura em seus "Contos Populares do Brasil", com o nome de "Melancia e Côco-Mole".

O mérito, porém, de situar a referida "Décima" em suas verdadeiras origens, não caberá a nós, que pouco ou nada entendemos dêsse ângulo científico da Sociologia — que é o Folclore. Aos estudiosos cumpre enveredarem pelo terreno da pesquisa. Em extensão e profundidade. À nós, queremos simplesmente a lembrança de havermos armado o confronto, nas páginas que seguem, e pedir ao mesmo a atenção dos interessados no assunto.

"DÉCIMA DO CASAMENTO"

(Versos recolhidos pelo prof. Rossini Tavares de Lima, graças ao informante Eugênio Pilar França)

Meu amigo e camarada
Não vim só para visitar,
Vim emprestar uns seus trens,
Porque estou para me casar.

Eu quero que me empreste
Seu lombinho com rabicho,
Se o senhor me emprestar
Meu casamento está "ficho".

Também quero que me empreste
Seu bom cavalo tordilho,
E o senhor será padrinho
Do meu primeiro filho.

Também quero que me empreste
Sua bota e sua espora,
Pois minha mãe quasi enloquece
Por querer ter uma nora

Também quero que me empreste
Sua camisa e sua gravata,
Pois a vontade de casar
De certo quasi me mata.

Também quero que me empreste
Uma caiça e uma ceroula,
Pois eu vou bem me casar
Com uma bonita crioula.

Também quero que me empreste
Suas meias e seu surtum
Pois eu quero me casar
E me acho quasi num

Também quero que me empreste
Aquele seu bom chapéu
Porque dizem que quem se casa
Ganha caminho do céu

Respondeu o homem brabo,
Brabo e franziu o naris:
— Vai mulher, vai lá dentro,
Com andarzinho de perdiz,
Vai buscar todos êsses trens
prá emprestar prá êsse infeliz

Voltou a mulher e disse:
— Moço vieste bem atrazado,
Os trens que vieste emprestar,
Já estão em outro noivado.

Voltou o moço bem triste
E muito desanimado:
— Senhora dona noiva,
O casamento está gorado,
Os trens que foi emprestar
Estavam em outro noivado.

Virou a noiva e disse:
Tenha coragem e fé,
Contanto que nóis se casa
Podemos bem ir de a pé.

—o—

Folclore Sul-riograndense

"O NOIVO PRONTO"

(Versos recolhidos no Rio Grande do Sul, antes de 1910, pelo escritor João Simões Lopes Neto)

Boa tarde, seu vizinho!
Bati como três vêzes na cancela,
E como ninguém mandou entrar,
Vai e foi... eu abri e entrei por ela.

Pelo grito... passa bem?
E também a obrigação?
Si lhe pergunto estas cousas!
É só por estimação.

Ora pois, aqui me tem
Assim um tanto avexado
Por ter o que lhe dizer
Sem saber dar o recado.

Vindo aqui na sua casa
não lhe venho visitar,
Mas sòmente lhe dar parte
Que em breve me vou casar.

Estou de um tudo preparado,
Nada me falta p'ra festa
Apenas uma camisa
Mais engomada que esta

Também lhe venho pedir
Seu lencinho de pescoço
P'ra ver si naquele dia
Fico o mais bonito moço.

Si não lhe faz desarranjo,
Suas calças e collete
P'ra não fazer má figura
Junta do meu ramalhete.

Também lhe peço emprestado
Seu casaco e seu chapéu
Pois quem vai p'ra se casar
Vae p'ro caminho do céu.

É p'ra acompanhar a fatiota
Suas botas e as esporas;
Minha mãe fica contente
Por causa das outras noras.

Ora, depois de vestido
O pó da estrada me suja
E não quero que por isso
A minha noiva me fuja.

Por isso também lhe peço
O seu cavalo tostado
Com êste finete em cima
Verá como êle é gabado.

E peço que êle vá pronto,
Com seus aperos de prata
O casar não custa nada
Quando o noivo se precata.

E para encerrar a festa
Tendo a gente algo que morda
Também lhe peço emprestada
Uma terneira bem gorda.

Só faltou dizer agora
Quem minha noiva vai ser,
Si o seu vizinho consente
É o que resta saber.

Tenho cavalo e arreios,
Traje, terneira, e vontade;
Agora lhe peço a mão
Da Rosinha, essa beldade.

Se consente em ser meu sogro
Pouco mais tenho a pedir
Cama e mesa e sociedade
No lucro feito e por vir.

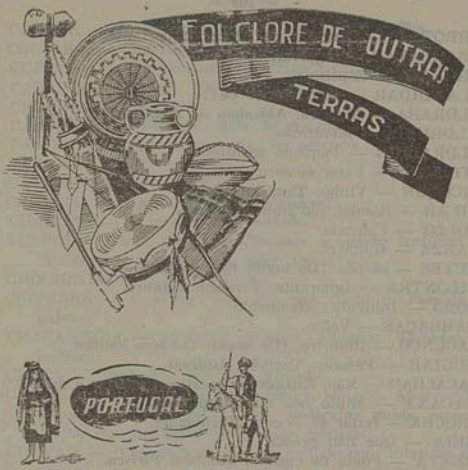
Nos tempos que vam correndo
Ninguém se deve amarrar
E eu esqueço tudo, tudo
P'ra co'a Rozinha casar.

E diga, no soflagrante,
Se devo me retirar
Si a Rozinha não me pega,
É capaz de se matar.

E apenas por um dever
De não provocar tristezas
Lhe peço êste adjutório
Apenas de miudezas.

E como consente e cala
É que vou por bom caminho
P'ra completar o serviço
Seja também meu padrinho?

Cantigas, rezas, benzeduras, quadrinhas, adágios, usos, costumes;
Gravuras, fotografias, objetos de arte popular;
Rendas, louças de barro, figuras, etc... Tudo isto nos interessa.
Comunique-se com a Comissão Catarinense de Folclore, contribuindo para a organização do nosso Museu Folclórico.



RÁPIDAS NOTAS SÔBRE A GIRIA PORTUGUESA

E ALGUNS PLEBEISMOS

Jorge Ramos

A linguagem popular portuguesa oferece características de grande interêsse para os estudiosos de filologia e investigadores eruditos. A giria, ou calão, com as suas pecularidades, é uma linguagem acentuadamente expressiva. Articula-se com um intenso e rigoroso poder de elasticidade interpretativa onde cada palavra adquire uma expressão viva, fácil, comunicativa, rica de significado. A construção do "calão" português revela notável substancia alegórica, ao serviço de uma das mais curiosas formas de reproduzir por significativo processo emblemático (a imagem como instrumento de sinônimo, naiguns casos) idéias, pensamentos, fatos, circunstâncias. Damos alguns sulsídios:

ALHETA — (Pôs-se na) — **Fugir** — (De alheta, pista, encalço).

ARMAR — **Armar aos cágados** — Pretender passar por pessoa inteligente.

ARAMES (Ir aos) — Irritar-se.

ALTO (estar) — **Possuir bastante dinheiro.**

ARREADO — Bem vestido. (De arreio).

APITAR — Protestar.

ARROTAR — Blasonar de pessoa importante.
ABARBATAR — Agarrar.
ARREAR — Espancar.
ALAJARDAR — Apoderar-se de ...
ALDRABA — Mentira. **Aldrabão** — mentiroso.
ALDRUBIA — Mentiroso.
ALDRALICE — Pequena mentira.
ATIRAR-SE — Fazer namoro.
BICOQUE — Vinho. Também **Pinga.**
BIFAR — Rondar (do francês **biffer**).
BOLÉO — Pancada.
BANZA — Guitarra.
BUTES — os pés. (Do inglês **boot** — bota).
BILONTRA — Ignorante. Também **Nhunro.**
BÓBÓ — Indivíduo afeminado.
BARBAÇAS — Velho.
BAGUNÇO — Dinheiro. (De **bago**). Também **Estilha.**
BUGIAR — Passear. Também **Laurear.**
BACALHAU — Mão. **Estender o bacalhau:** apertar a mão.
BACANA — Muito boa ou muito bom.
BROCHA — (estar á) — com dificuldades.
BEIA — Que não presta.
BEATA — Ponta de cigarro. Também **Pirisca.**
BEBER — Espancar. (Também se diz **comer, finfar, lamber**).
BARRO — (é Barro!) — Bom!
BICO — Indivíduo. Também **Ponto.**
BOTIJA — Cara.
BAÊTA — Barbeiro.
BARIL — Optimo. Também **Porreiro.**
BANZÉ — Desordem (do japonês: **banzai**).
BANZANADA — Pancada. Desordem.
BAZARUCO — Indivíduo tímido. Também **Iontra.**
BANZAR — Admirar.
CHOUJA — **(meter a)** — Encarecer. Explorar.
CHALADICE — Acto de **chalado. Chalado:** Indivíduo desajeitado, apático. Também se diz **fanfan.**
COPOFONE — Bebedor de vinho.
CÔCO (Comer do) — ser espancado.
CASACA — Patrão. **Virar a casaca:** Mudar de opinião (a locução teve origem no começo das guerras da Reforma).
CHEFE — **A chefe.** (Já Castilho nas "Georgicas", — págs. 243 — escrevia "A chefe é o núcleo da colméia". Garrett traduziu **chef d'oeuvre** por chefe de obra).
É em giria o feminino de **chefe** ...
CASCUDOS — Dinheiro. Deturpação de **escudos.**

CORTAR — Ter medo. **Cortar prego, cortar cavilha.**
CORTAR-SE — Roubar. Também **Esmifrar.**
CUFIA — Prestar demasiada confiança em alguém. **Dar cufia).**
CABANIR — Fugir. (Ou **cavanir**).
CEGONHA — Bebedeira.
CASQUEIRO — Pão rijo (giria de soldado).
CALDO — Pancada com a mão no pescoço.
CAVAR — Fugir.
CATARINAS — Notas de Banco.
CHUMÈCO — Sapateiro. (De **shoe-maker?**).
CHARTEÚ — O mesmo que **chalado.**
CUSPIR — Tirar. Arrancar. **Ensinar a cuspir:** inculcar a um "neófito" a aventura do amor venal.
CHÓCHINHA — Velho ridículo.
CHÓNINHA — O mesmo que **bazaruco.** Também **Pacovio, Pangaio.**
CRACANHOIS — Dinheiro. Moedas. Escudos. Também **paus, palitos.**
CHETA — Dinheiro. Também **Nhó-nhó.**
CHATEAR, **chatisse, chato:** Aborrecer. Maçada. Aborrecido (de **chato** resignação plebeia do **pediculus pubis,** espécie de piolho que prolifera nos órgãos genitais).
CRAVAR — (**Cravanço**):Pedir emprestado com intenção de não pagar.
CHULIPA — Pontapé. **Pontabutes.**
CHUPAR — Aturar. Beber. Ser espancado.
CHAPA — Dinheiro. Também **chelpa, fanfa.**
CLIZES — Mãos. Também **gadanho.**
CHOINA — **Choinar.** Cama. Dormir.
CANJA (é) — Optimo!
CEBOLA — Relógio de bôlso.
CANETAS — Pernas. Também **gambias.**
COXELAS — Côxo, no sentido pejorativo.
CAÇAR — Agarrar.
CEGA — Bebedeira. Também **camoéca, perúa.**
CHEGANÇO — Descompostura. Também **gaitada.**
CHUI — a polícia. Também **Bófia.**
CACHUCHO — anel.
CORNETA — Cara. Nariz.
DIVINA (estar á) — Não ter dinheiro. Diz-se também estar **á dependura.**
DEPENAR — Explorar. Também **esfolar.**
ENCANADO — Preso. **Engavetado.**
ESTAMPAR-SE — Cair. Também **Patinar.**
ESTAROLA — Boémio.
ESPADEIRAR — O mesmo que **cravar.** (De espada).

ESTICA — Cigarro delgado.
ESPETANÇO — Insucesso.
EXPLICAR-SE — Pagar.
ESTARIM — Prisão. Também **gavêta, xelindró, prisa, gaiola.**
ENCADERNAÇÃO — Indumentária. Também **farpela.**
ENGAVETAR — Prender.
ESTENDER-SE — Mentir.
ESTOIRAR — Gastar perdulariamente dinheiro.
FUSSANGA — Indivíduo que quer tudo para si.
FUSSAR — Trabalhar com entusiasmo.
FUSSA — Cara.
FOLE (ir no —) — Ser enganado.
FONA, FERRETA — Avarento. Também **fuinha.**
FIXE — Indivíduo sempre prestável.
FORA (dar o) — Ir-se embora.
FRANGO — Rapaz.
FOIASTA — Gatuna de forasteiros.
FARÓFIA — Vaidade.
FEDUCIA ou FIDUCIA — Mulher sem importância mas afetada
FAGOTES (ir aos) — **Esbofetear.**
FARRÓBÓDÓ — Pandega. Farra. Também **laró, ramboia, bródio.**
FAMELGA — a família.
FAIA — fadista.
GANAU — Piolho.
GAZIGA — Bofetada. Também **galheta, lamparina, narceja, biscoito.**
GIRO — Engraçado.
GRAXA (dar) — Elogiar.
GANGA — Operário (de "fato de ganga"?).
GUITA — Conversa. Soldado da Guarda Republicana.
GALINHA — Má sorte. Azar.
GUINES — Pequena moeda.
GANSOS — Dinheiro. Também **gaita.**
GRÔSSO — Embriagado. **Grossura: Bebedeira.**
LENÇOL — Nota de Banco de cem escudos.
LAMBADA — Pancada. (Relacionado com **lambor**, espancar).
LAMBUSSAS — Indivíduo sujo e mal vestido.
LISO (estar). Não ter dinheiro.
JONADA — Sôco (de **John**).
JARRA, JARRÃO, JARRETA — Velho ridículo.
INTRUJA — Intrujão.
HÓSPEDA — "Casa de passe", hospedaria reles.
LARICA — Fome. Também **traça.**
LATA — Descaramento. Rosto. Também **latosa.**
LIMPAR — Roubar.
LIMPESA — Roubo.

LAGARTO — Indivíduo esperto, sagaz.
LINGADA — Pancada.
LAGOSTA — Escarro. Também **ostra.**
LUVA — **(deitar a)** — Prender.
LEITEIRA — Sorte. **Que leite!** — Que sorte!
LITRADA — Um litro de vinho.
LIRU — Bem vestido. **Está liru** significa ainda: **Está maluco**
LAMPANA — Mentira.
LECAS, LIQUES — Dinheiro. (Também **massa, milho, maçaroca.**
MÊCO — Indivíduo. **Tipo** (do latim **mocchus**).
MAMAR — Viver à custa de outrem. **Mama.**
MANO — Companheiro. Também **primo.**
MAJOR (ir para o) — Morrer.
MANJA — Comida (de francês **manjer**) — **munquir**: comer.
MOINA — Vadio. Vagabundo. **Moinar, moinante.**
MECHA — Pressa.
MALTA — Grupo de amigos. **Maltosa.**
MÚSICA — Conversa.
MANCAR — Ver. Observar.
OSGA — Mentira. Bebedeira.
PÁUS **(andar aos)** — Estar sem trabalho.
PINGARELHO (armar ao) — Presumir de pessoa importante.
PASTA, PASTAURÉU — Dinheiro. Também **Painço.** (Ver **bagunço**).
POMBO — Indivíduo ingênuo.
PATROA — Mulher casada.
POMADA — Vinho de boa qualidade.
PAGAR O PATÁU — Ser incriminado sem culpas.
PENOSA — Galinha.
PENANTE — Chapéu.
PILÊCA — Cavalo magro.
PACHOLA — Indivíduo bem trajado. (Também **papo-sêco, pinóca**).
PERNIL — Perna de mulher. **Estender o pernil: morrer.**
PINOTE (dar o) — Fugir. Também **pisgar.**
PREGO — Penhorista.
PAIVANTE — Cigarra.
"É UM PAU!" — Significa: Contenta-te com isso, (que já não é mau, ou pouco).
PONTO — (um bom): Indivíduo com quem se simpatisa pelo seu feitio alegre, pitoresco.
PANÇA — Barriga.
PLANTA — **(ter)** —Ter personalidade, graça, bom aspecto.
MANDUCAR — Comer.
MACACO — Indivíduo esperto.

MOLHO — Pancada. Desordem.
MILHAFRES — Dinheiro. Escudos. Também **Palhaços.**
NIMAS — Cinema.
NAIFA — Faca (do inglez **knif**).
PÉRA — Sôco.
PÁPULA — Nota de Banco.
PALMETA — Pedaço de carne entre fatias de pão. **Diz-se sande** por "sandwich".
PALMANÇO — Roubo. **Palmar:** roubar.
PATÔ — Estupido. Também **trouxa, tapado, tanso.**
TAJONA — Pancada. **Tento.**
TACHO — Emprego lucrativo.
TRAÇO — Rapariga bonita (giria do norte de Portugal).
TACHADA — Sebedeira.
TANGA (estar de) — Estar sem dinheiro. **Estar têso.**
TAMPA (levar com a) ou **Tampada** — Ser rejeitado pela mulher que se pretendeu conquistar.
PINAR — Roubar. **Pinanço:** roubo.
PÊCEGA — Rapariga bonita (de **pêcego**).
PINHA — Cabeça.
PINHÃO — Empurrão.
PIANISTA — Gatuno.
PECEGADA — Coisa que não presta.
PURRIA — Bando. Grupo.
PALA, PALÃO — Mentira grosseira.
ROLANDOS (Também **Andolas**) Têrmo de calão dos Estudantes de Coimbra: Fés.
MANÊGO — O mesmo que gajo (Têrmo de calão dos Estudantes de Coimbra).
CANIVETES — pernas — idem.
LÁZARA — fome — idem.
GALDINAS — calças — idem.
CAROÇO — dinheiro — idem.
PÍRIOS — "O Manêgo que se avesa nos pírios": o indivíduo que é audacioso e corajoso — idem.
GALFÊRRO — Mão. (de galfarro?).
AVÊSAR — atrever-se.
MINHOCA — (Têrmo do Norte). Homem acanhado.
CAMILO — Calote. **Ferrar o cão:** não pagar uma divida.
SABÊLHA — Bofetada. (calão dos estudantes de Coimbra).
FÊZADA — Palpite.
CHEGANÇO — (ou **Raspanço**) Descompostura.
ARRAIAR (por arrear?) **bronca** — (têrmo dos estudantes de Coimbra). Cometer uma "gaffe".
FITOSA (de fita) — Complicação. Hipocrisia.
CHULÉ — Barulho. Vozeária.

ALANCAR — Carregar.
LABERCO — Ignorante.
CORINA — Bebedeira. (Têrmo dos estudantes de Coimbra).
APERTADO NAS LONAS — avarento.
SOQUENCO — (de soco — quengo?) sôco.
QUENGO — sôco.
LANGÃO (ou Calmeirão). Indivíduo alto.
ANDAR — morrer. "Fulano andou..."
PILIM — dinheiro (estudantes de Lisboa).
REBITE — bofetada. (idem) Também **Bandeira.**
ESCABECHE (fazer) — Fazer barulho.
FRONHA — Rosto. (Têrmo dos estudantes de Lisboa).
PIANÇO — Silêncio (de pio?) **Dar o pianço:** fugir.
BUQUE — o livro de estudo (de **book**) têrmo dos estudantes de Lisboa.
RÔLOS (**dar ou levar**) — Receber uma recusa.
NÉPIA — Nada. Não percebo népia".
VERDASQUEIRO — Indivíduo bem vestido (calão de Coimbra).
ESGUIZAR — rir às gargalhadas.
ÉGUA — (óh égua!) — Exclamação de júbilo (estudantes de Coimbra).
CHALÉ — Homem magro.
CHAPÉU! — Exclamação que equivale a "Tenho dito!".
CACHOLA — (Grande cachola!) — Ficar desapontado, desiludido.
GALIFÃO — Homem forte e alto.
SORNIR — dormir.
GANAJO E GAIOTO — Rapazinho (têrmo do Pôrto).
FARTOTE — "Um fartote de riso" — Que fêz rir muito.
MORTEIRO — BOFETADA (têrmos dos estudantes do Pôrto). Também **Recibo. Assorda.**
VERBA — Dinheiro — Idem.
ALÇAR — fugir (idem). Também **Raspar-se.**
CURVAS (estar para as) — Ser decidido.
FITEIRO (de fita, fitosa) — Hipócrita.
BRONCA (ou **Sujeira**) — Equívoco. Disparate.
ARREGANHAR A TAXA — Rir.
LUZIOS — olhos (de **luz?**).
MONA — Cabeça.
DAR O PIRO, OU PÔR-SE NA PIREZA — fugir.
CHANFRADO — Indivíduo de pouco juízo. Também **Destravado, Rôsca moida.**
PIORIA — Da pior espécie. Também **Xungaria.**
QUILO — mil escudos.
QUILÉ — "E levado do quilé" — Indivíduo desembaraçado e esperto.

QUÉQUE — Bofetada. (do inglês cake, quéque, bolo?). Anote-se que Biscoito significa bofetada.
RANHOSO — Indivíduo ridículo, inexperiente.
REINAR — De brincadeira. Reinadio: indivíduo alegre.
RÓTO — O mesmo que Descosido. Também Chóca, Amélia, "Da Córda", Rabicho.
RUIVA — a polícia.
SÓLHA — Bofetada. Também Sardinha, (Sardinhada em Coimbra) Ventarola no Norte.
SAIA — Manha, astúcia.
ESTAR À SOMBRA — Estar na prisão.
SÓPA — Criada de servir. Sopeira.
RÓSCA — Bebedeira.
TOLA — Cabeça.
TIPOIA — Carro.
TRAMPOLINÁSIO — Bofetada (têrmo dos estudantes do Norte).
TRAFULHA, TRAFULHICE — Embusteiro, embuste. Coisa mal feita.
TENIR (estar a) — Estar sem dinheiro (de tinir?).
RASCA — O mesmo que béra. "Estar à rasca": estar em apuros. Rascada.
UNHACA — Bom camarada.
VELHA — mãe.
VIROSCAS — Miope.
VENENO (Meter o) — Mentir.
VIDRAÇA — monóculo. Vidraças: óculos.
PATAVINA. (não perceber patavina). Não entender coisa alguma. Esta expressão provem da dificuldade em traduzir Tito Livio, nascido em Patavina, cidade de Itália.
GRANDECÍSSIMO (por "grandíssimo"). Já Garrett empregou grandecíssimo. Veja-se também Contos, de Fialho de Almeida, pág. 127. Este plebeísmo emprega-se geralmente na frase "Grandecíssimo marôto!" (ou velhaco, patife).

A CONDESSA DE ARAGÃO

A OSWALDO CABRAL

Por Fernando de Castro Pires de Lima

Acaba de chegar às nossas mãos por gentil oferta de seus autores, os eruditos folcloristas brasileiros Guilherme Santos Neves e João Ribas da Costa, seus excelentes volumes "Cantigas de Roda", nas quais se encontram elementos de grande interêsse para o estudo comparativo do folclore luso-brasileiro. Vamos levar ao conhecimento dos leitores um exemplo do que acabamos de expor.

.. Muitos lembram-se perfeitamente da "Bela Condenssa", mixto de dança de roda e de jôgo que foi belo entertenimento de nossas Avós e que ainda está em voga por essas aldeias de Portugal.

Trata-se como nos informam os supra-citados investigadores de "uma das mais antigas canções de roda".

Claro está que imediatamente fomos procurar a sua origem peninsular.

Rodrigues de Azevedo regista no "Romanceiro do Arquipélago da Madeira", de 1880, "Jogo da Condessa": "Sete raparigas, de mãos dadas, são filhas da Condessa, já entradas no Mosteiro para professar; Junto delas está uma rapariga, a quem por sorte coube ser a condessa. Sete rapazes, também de mãos dadas, se dirigem para a condessa; são cavaleiros que lhe vêm pedir as filhas em casamento.

Dizem êles:

"Aqui as vimos pedir
Para com elas casar".

Responde ela:

"Nem por ouro, nem por prata,
Nem por sangue de dragão,
Eu não dou as minhas filhas
Do Mosteiro ond'estão".

Respondem êles:

"Tão alegres aqui vinhamos!
Tão tristes que voltaremos!
Que as filhas da condessa
Por mulheres não levaremos.
Pois sabei que todos têmos
Senhorio sem igual;
Que todos somos fidalgos
Que nem de sangue real".

E vão-se retirando; mas a condessa os detém:

"Volvei a mim, cavaleiros:
Por serdes homens de paz,
Ide cada um à grade
Escolhei a que vos'praz".

Êles voltam, aceitam, e cada qual por sua ordem, observando cada uma das filhas da condêssa de per si, vai tomando para noiva a que lhe agrada.

Diz o primeiro cavaleiro:

"Esta não, nem esta quero;
Esta como pão de centeio;
Esta, vinho de cabaça;
Esta, carne do assento;
Esta, carne do assem:
Esta é de meu contento;
Andai comigo, meu bem".

Diz o segundo:

"Esta não, nem esta quero;
Esta coma pão de cento;
Esta carne do assento:
Esta é do meu contento;
Andai comigo, meu bem"

Diz o terceiro:

"Esta não, nem esta quero;
Esta coma pão de cento;
Esta vinho de cabaça:
Esta é de meu contento;
Andai comigo, meu bem".

Diz o quarto:

"Esta não, nem esta quero;
Esta coma pão de cento:
Esta é de meu contento;
Andai comigo, meu bem".

Diz o quinto:

"Esta não, nem esta quero:
Esta é de meu contento;
Andai comigo, meu bem".

Diz o sexto:

"Esta não, mas esta quero;
Esta é de meu contento;
Andai comigo, meu bem".

Diz o sétimo:

"Esta é de meu contento;
Andai comigo, meu bem".

À proporção que as noivas são escolhidas, vai cada par, de mãos dadas, enfileirando com o antecedente; por fim, dançando e cantando, fazem todos roda à condessa; e acaba o jôgo.

Para o recomeçar, é tirada nova sorte a ver qual das outras raparigas será condessa, ou, à ocasião da roda e dança final, é vendada a condessa do jôgo findo, e a rapariga a quem ela lançar mão fica sendo a condessa do jôgo seguinte; e ainda êste processo pode ser modificado;

vendada a condessa, escondem-se as filhas. O primeiro cavaleiro dá um apupo e desvenda a condessa; esta procura as foragidas; e a primeiro que acha fica sendo condessa.

Tem razão Teófilo Braga quando a respeito da "Condessa" escreve: "é verdadeiramente um drama, digno de ser estudado como um elemento orgânico do teatro português".

Inúmeras variantes dêste jôgo encontram-se por todo o país. Em Penafiel, segundo Teófilo Braga, põem-se treze raparigas atrás de uma cortina cada uma delas, e a mãe na frente. Entra o Embaixador e declara:

"Manda dizer el-rei de Obudo
Se ela manda uma das filhas
.....

A mãe principia por negar as suas filhas que virão a ser freiras no "Convento de Jesus" e acaba por consentir que leve as filhas tôdas uma a uma.

Também há outra variante intitulada "A Condessinha de Aragão", que se joga com meninas sentadas em volta de outra que fica de pé e a quem seguram a saia. Diz uma que entra:

— Mora aqui a Condessinha de Aragão?
— Mora, sim senhor! Que lhe quer?
— Que me dê a melhor filha que tiver.

Por fim a que está de pé acaba por permitir que leve as suas filhas se elas forem bem tratadas.

Na Póvoa de Lanhoso, ainda informação de Teófilo Braga, existe a seguinte versão: "Ao domingo juntam-se as crianças em qualquer casa conhecida, colocam-se dez ou onze dum lado, tôdas em fileira; e do outro lado duas, que vêm aproximando-se do grupo, entoando a seguinte cantiga:

"Senhora Condessa,
Senhora Abadêssa,
Se tem muitas filhas
Dê cá uma dessas".

As do grupo declaram que não dão as filhas, mas finalmente consentem e convidam o cavaleiro:

"Entra e escolhe a mais formosa
Que neste ranchinho achais".

Adolfo Coelho no seu magnífico livrinho "Jogos e Rimas Infan-

tis" transcreve a versão de Rodrigues de Azevedo, variante essa com que inicia êste estudo.

O dr. Augusto César Pires de Lima em "Jogos e Canções Infantis" cita uma variante de Santo Tirso: "De um lado está a Condessa com as filhas; do outro colocam-se os cavalheiros que podem ser meninas também. Adeanta-se uma que pede uma filha à Condessa:

"Me disseram a mim, Condessa,
Vós que tinheis muitas filhas;

Responde a Condessa:

Minhas filhas não as dou
Nem por ouro, nem por prata.

Retira-se o cavalheiro muito triste:

Ai que tão contente vinha,
Ai que tão tristinho vou

A Condessa enche-se de pena e concede-lhe a filha e tudo acaba alegremente.

O Padre Firmino Martins no "Folklore do Concelho de Vinhais" (Traz os Montes), traz o "Jogo da Condessa":

"Um cavalheiro bate à porta da Condessa, mãe de dezoito filhas:

— Traz! Traz!...
— Quem está lá?
— Aqui é a casa da Senhora Condessa de Oleão?
— É sim senhor.
— Vinha ver se me dava uma das filhas para casar

E diz:

Ó Condessa, ó Condessa,
Ó Condessa galarão!
Dá-me uma das tuas filhas
Por dezoito que elas são.

A Condessa responde que não dá filha nenhuma, e o cavalheiro fica muito triste. Então a Condessa tem pena e sempre lhe entrega uma das filhas com a condição de êle a tratar bem.

E assim sucessivamente até que por fim os rapazes e as raparigas cantam e dançam. O dr. Jaime Lopes Dias na "Etnografia da Beira", vol. VI, apresenta a "Condessa de Aragão" variante de "Idanha-a-Nova";

"Uma criança, a Condessa, ajoelha-se no meio do largo ou sala onde jogam e, em sua volta forma o grupo de jogadoras, pegando elas tôdas na saia. Uma, de fora do grupo, avança e diz:

Ó Condessa! Ó Condessa!
Ó Condessa de Aragão!
Dai-me uma das tuas filhas
Das melhores que aqui estão.

A Condessa declara que não dá filha nenhuma. Ao ir-se embora a que pede, a Condessa ainda diz:

Bem tratada, bem tratada
Cosidas n'uma almofada
Salta fora a esposada!

E sai do grupo uma em quem a Condessa bate. Repete-se a lenga-lenga, até terem saído tôdas do jogo. A Condessa, ao ficar só, cobre a cabeça com a saia para que tôdas se possam esconder sem que ela veja.

Passado algum tempo vai em procura delas. Aquela que se deixa apanhar antes de chegar ao Calhadouro, passa a ser a Condessa".

Vamos agora apresentar uma variante por nós recolhida no Pôrto e depois algumas variantes espanholas e a projecção peninsular na América Latina.

A nossa variante: Faz-se uma roda de meninas e meninos, uma fica dentro e outro fora da roda. Esta canta:

Ó Condessa, Condessinha
Ó Condessa de Aragão
Venho pedir-lhe uma filha
Das mais lindas que elas são.

A menina que está dentro e que se faz de Condessa responde:

Minha filha não t'a dou
Nem por ouro nem por prata
Nem por sangue da lagarta
Nem por sangue de leão
Que me custou a criar
Do fundo do coração.

O menino replica:

Ó que tão alegre vinha
Tão triste me vou achar
Pedi a filha á Condessa
A Condessa não m'a quiz dar.

A "Condessa" fica cheia de pena e resolve conceder a filha:

Torna a traz ó cavalheiro
Se fôres homem de bem
Dar-te-ei a minha filha
Se m'a estimares bem.

O menino fica todo contente e dirige-se para a menina e dá-lhe o braço dizendo:

Estimo-a bem como bem
Sentada numa almofada
Enfiando contas d'ouro
Anda cá minha esposada.

E a seguir repete-se sucessivamente até que meninos e meninas transformem a roda numa bicha.

Vamos encontrar na Coruña (Galiza) êste jôgo transformado em romance, tal como nos ensina José Perez Balesteros (Biblioteca de las Tradiciones Populares, tômo IV, Sevilha, 1884). Chamamos a atenção para a referência a um "pulido português":

De Francia vengo, señora,
de un pulido português
En el camino me ha dicho
Que lindas hijas tenéis.
— Si las tengo ó no las tengo
No las tengo para dar,
Con el pan que yo comiere
Tambien ellas comerán.
— Yo me voy muy enojado
á los palacios del rey
á contarle á mi señor
lo que vos me respondéis.

— Vuelva, vuelva, caballero
No sea tan descortes
Que de tres hijas que tengo
Escoged la que quereis.
— Esta escojo por hermosa,
Por esposa y por mujer,
Que me parece una rosa
Acabada de nacer.
— Bien guardada la tendré,
Sentadita en silla de oro
Bordando paños al rey.

Ajotitos con correa
Quando lo haya menester,
Mojadita con vinagre
Para que le sepan bien.

Informa-nos Teófilo Braga que Machado y Alvares aproxima êste jôgo que se usa na Andaluzia, chamado "La niña de los ojos negros" da forma minhota: Colocam-se várias meninas em fileira, sentadas no chão, cada uma tendo entre pernas a anterior, a quem vira naturalmente as costas; a última faz o papel de Mãe, e as demais em número indeterminado são suas filhas. Assim colocada chega um menino, que faz de Embaixador, entre o qual e a Mãe se trava um diálogo.

Não transcrevemos o diálogo porque é muito semelhante ao romance que José Perez Balesteros colheu na Galiza e que atrás transcrevemos.

O jôgo conclui por "O embaixador levar a Menina que está na dianteira e põe-na a seu lado; vai fazendo o mesmo com tôdas as outras, à excepção da última que é "La Niña de los ojos negros". Esta última é pedida pelos embaixadores mas a mãe desculpa-se sempre dizendo que a está lavando, penteando, vestindo; por último é raptada, e a mãe vai à procura da filha sofrendo muitos trabalhos.

Francisco Rodriguez Marin no tomo I, dos "Cantos Populares Españoles" regista um fragmento de outra versão extremenha. Maspons y Labros, segundo nos diz Teófilo Braga, traz também êste jôgo usado na Catalunha com o título: "A Conversa do Rei mouro".

Na "Biblioteca de las Tradiciones Populares", tomo III, no capítulo dedicado aos "Jogos Infantis da Extremadura", recolhidos e anotados por Sérgio Hernandéz de Soto encontra-se o jôgo "Zarcillos de Oro" que é muito semelhante ao nosso da Condessa. Principiam as meninas cantando:

De Francia vengo señora,
Traigo un hijo portugués,
Y en el camino me habla
De las hijitas de V.
.....

Hernandéz de Soto apresenta três variantes e mais nos diz que êste jôgo é conhecido na Andaluzia, em Portugal, em Huelva nas Astúrias e na Catalunha. Informa-nos ainda que na Itália (Coleção de Giusseppe Pitré) há um jôgo intitulado: "Santa Catarina de Sena", que é muito semelhante a êste: uma menina que faz de Santa Catarina, vai levando as meninas uma a uma, e quando fica a última a mãe não a quer dar e desculpa-se.

No notável "Cancionero Popular de Extremadura", de Bonifácio Gil encontra-se uma variante intitulada: "Venho de França, Senhores".

No "Folclore na escola", Eduardo M. Terner cita "as Filhas do rei mouro" que não é outro senão o "Jôgo da Condessa". Aníbal Sanchez Fraile no "Novo Cancioneiro Salmantino", Salamanca, 1943, regista um romance com o título "Al anillito de oro" que é mais uma variante.

No "Cancionero Infantil Español", de D. Sixto Córdova y Oña (Santander), Livro I, 1918, lá vem nova versão com duplo título: "De França venho, senhores" ou "As três filhas".

Agora a caminho do Brasil e da Argentina e outros povos da América Latina vamos passar pelas Ilhas Canárias. No belo livro de Luiz Diego Cuscoy "Tradiciones Populares — Folclore Infantil", encontramos "La Cinta de Oro", que não é outra coisa senão o nosso "Jôgo da Condessa". Também nas Canárias ainda é conhecido pelo "Jogar às Cabras".

Razão tem Serra Boldú (citação de Luiz Diego Cuscoy), quando escreve: "Tôdas as versões que conhecemos, que são algumas dezenas, são semelhantes na forma e apenas diferem no título".

Mestre Juan Alfonso Carrizo, sábio dos maiores, publica no seu monumental "Cancionero Popular de Tucuman" e depois na sua curiosissima "Antologia de Cantares Tradicionales de Tucuman", "Hilo de Oro, Hilo'I Plata", uma variante que principia assim:

Hilo de oro, hilo'i plata,
Vino el ángel San Gabriel;
Y me dijo una mujer:
— Qué lindas hijas tenéis!
.....

Depois a sequência é semelhante às outras versões. Apenas o cavaleiro ou o cavalheiro é substituido por um pastor.

Mestre Juan Alfonso Carrizo diz que "essa versão é popularissima".

Depois de referir algumas variantes espanholas declara que tem outras variantes publicadas no seu "Cancionero Popular de Catamarca" e "Cancionero Popular de Salta". Mais nos diz que Pedro Henriquéz Ureña e Bertram D. Wolfe, em "Romances Tradicionales en Méjico", José Maria Chacón e Calvo nos "Ensayos de Literatura Cubana", D. Maria Cadilla de Martinez, em "La Poesia Popular de Puerto Rico", Júlio Vicuña Cifuentes, em "Romances Populares Vulgares", do Chile e Ciro Bayo no seu "Romancerillo del Plata", apresentam algumas e curiosas versões.

Ernesto Moralles em "Niños y Maestros", Buenos Aires 1939, diz: "A canção conhecida em Espanha e América por "El hilo de oro", em Itália por "Ginoco dell Ambasciatore" e em Portugal "A Condessa de Aragão", é muito antiga como demonstra o facto de Lope de Vega em sua "Daca mi mujer", incluir dois versos desta composição poética".

"Hilo de Oro, Hilo'i Plata", vem ainda incluida na "Antologia

Folklorica Argentina", que o Conselho Nacional de Educação organizou para as Escolas Primárias dêsse grande País e ainda na magnífica "Didáctica del Folklore", de Ismael Moya.

No excelente "Cancionero Popular Uruguayo", de Ildefonso Pereda Valdez, "Montevideu — 1947", lá nos aparece "A Cinta de Oro". E informa o autor que no Chile é um jôgo com canto entre dois grupos de meninos.

E agora para concluir êste longo ensaio vamos até às terras de Santa Cruz e vamos outra vez citar o livro de Guilherme Santos Neves e João Ribas da Costa "Cantigas de Roda", 1º vol., de Vitória (Espírito Santo). Informam-nos os seus autores que conseguiram variantes de Vitória, Conceição da Barra, São Mateus, Santa Leopoldina e doutros municípios do interior. Informam-nos ainda que a ilustre Folclorista Brasileira D. Cecília Meireles, em "Infância e Folclore", dedicou a êste folguedo interessante estudo. Lamentamos não o conhecer. Mais nos dizem que José A. Teixeira cita uma versão em "Folclore Goiano".

Antes de transcrever uma das versões da "Bela Condessa", vamos dizer seu modo de brincar: Quasi não difere no Brasil a maneira de brincar esta roda, segundo o depoimento de Cecília Meireles. Forma-se uma fila de crianças de mãos dadas — é a Condessa e as filhas. Do outro lado, sòzinho, o emissário. Canta-se o longo diálogo, em movimentos de vai e vem. Escolhida a primeira "noiva", que fica assentada no lugar onde estava o emissário ou o acompanha nas embaixadas seguintes — a dramatização se repete até serem tôdas as filhas da Condessa, escolhidas como noivas dos reis:

Emissário: "Onde mora a bela Condessa,
Lingua de França, onde nasceu?

Condessa: "O que quer com a bela Condessa,
Lingua de França, onde nasceu?
— Senhor rei mandou-me aqui,
Buscar uma de vossas filhas
E levar você também.
— Eu não dou as minhas filhas,
Nem por ouro, nem por prata,
Nem por sangue de aragão.
Para casar com êsse ladrão.
— Tão contente que eu me vinha
Tão triste que eu me vou,
Por causa da bela Condessa
Que sua filha me negou.
— Volte atrás bom cavalheiro,
Por ser um homem de bem
Subie naquele outeiro

Escolhei daquelas três:
Uma se chama Maria,
Outra se chama Guiomar
A mais formosinha delas
Chama-se Estrêla do Mar.
— Assentai aqui menina,
Para cozer e bordar,
Que do Céu lhe há-de vir
Uma agulha e um dedal.
O dedal será de ouro,
A agulha será de prata
Palmatória de marfim
Para a mestra castigar".

Assim a "Condessa de Aragão" correu a Europa Continental e depois Canárias e Madeira e por fim Argentina e Brasil e outros povos da América Latina.

O gênio peninsular invadiu povos e raças e ficou para sempre a marcar a sua universalidade.

COLABORE COM A COMISSÃO. ENVIE-LHE AS SUAS OBSERVAÇÕES.

A SUA COLABORAÇÃO SERÁ PUBLICADA NO BOLETIM SEGUINTE SE CHEGAR A TEMPO.

O dr. Antônio Castilho de Lucas, insigne médico e folclorista espanhol, de quem já publicamos apreciado trabalho, hoje nos brinda com uma apreciação da obra de Augusto Cesar Pires de Lima, figura exponencial da demopsicologia lusitana.

É-nos, portanto, duplamente, agradável a publicação da notícia que se segue.

PIRES DE LIMA. Augusto Cesar — ESTUDOS ETNOGRÀFICOS, FILOLÓGICOS E HISTORICOS. — 6º. Volumen. Porto — 1951

Castillo de Lucas

La Junta de provincia do Douro litoral, continuando la feliz y generosa iniciativa de publicar los trabajos del ilustre Director de su Museo de Etnografía Dr. A. C. Pires de Lima, ha editado con toda esplendidez este sexto volumen, que comprende 418 páginas, y está ilustrado con numerosos grabados,

Al hacer la nota bibliográfica de los anteriores volúmenes, señalamos en alguno que no nos atreviamos a hacer una crítica, primero por ser el autor un maestro al que veneramos, y segundo por comprender trabájos publicados anteriormente en diversas revistas y que ya están juzgados encomiásticamente, y en la presente edición superados por nuevas adiciones, porque el maestro Pires de Lima infatigable juez de si mismo, no deja de pulirlos y perfeccionarlos con nuevos datos, producto de su constante investigación.

En este volumen figuran solo cuatro trabajos. El primero está dedicado a "**Os carvalhos**" y pertenece a una serie que está dedicando a las creencias populares sobre los árboles. No hay aspecto, creemos, que haya dejado de estudiar el Dr. Pires de Lima, en relación a los robles, y en este artículo trata ampliamente de la mitología, bosques y robles gigantes, utilidad, reproducción, ingertos y asociaciones de los robles. Los árboles, en la literatura erudita y concretamente los robles, asi como este en la historia, la leyenda, las bellas artes, en la lengua portuguesa y en el folklore.

Idéntica orientación tiene el estudio sobre **As oliveiras** en el que se puede admirar la erudición en la parte dedicada a los olivos entre los paganos y en el cristianismo. Los olivares em Portugal. Olivos monumentales. El cultivo, la recogida de la aceituna, a fabricación del aceite, la conservación de las olivas.

El olivo en la literatura erudita y en la arte, vocabulario, y la olivera en el folklore, en el que recoge refranes, coplas, con su correspondiente clasificación, leyendas, romances, supersticiones, y medicina popular.

A la aldea de S. Tiago de Areias dedica el tercer artículo de este tomo. Esta "freguesía" tiene para su autor los intimos afectos, por haber sido el lugar en que su padre ejerció como maestro nacional, y de su escuela salieron muchas generaciones de discípulos que hoy desempeñan altos cargos en todas las actividades: abogacía, iglesia, medicina, ciencias, ingenieria etc. Comprende este trabajo multitud de datos para su historia pacientemente recogidos en el archivo parroquial y directamente de la tradición popular. Completa el volumen una nota filológica del Dr. Joaquim da Silveira, sobre toponimia en esta aldea.*

Una vez más, felicitamos a la Junta de provincia do Douro Litoral, al publicar estos trabajos del Dr. A. C. Pires de Lima, que tanto beneficio reportan a la bibliografía folklórica universal, ya que la figura de este maestro extiende su acción gloriosamente fuera de los límites de su amada patria.

NOITE DE FOLCLORE

Sôbre o interessante espetáculo folclórico realizado na cidade da Laguna pelo Núcleo de Pesquisas Folclóricas "Saul Ulyssêa", célula da Comissão Catarinense de Folclore, o jornal "O Albor", em sua edição de 16 de fevereiro p. p. assim se expressou, sob a epígrafe acima:

"Sob o título acima e por iniciativo do Centro Cultural Antônio Guimarães Cabral, com o patrocínio do Clube Biondin e da Prefeitura Municipal, realizou-se no dia 9 do corrente mês, no recinto daquela sociedade recreativa, um espetáculo de caráter folclórico, com a apresentação das danças populares denominadas "Pau de Fita" e "Boi de Mamão".

O "Pau de Fita", embora seja uma dança popular característica do sul do País, estava desaparecendo por falta de amparo, pois requer a apresentação de seus participantes com fantasias dispendiosas que normalmente não podem ser adquiridas pelos dançarinos. A sua execução é feita por um conjunto de 12 figuras, ou seis pares, cada cavalheiro acompanhado de sua dama (que na interpretação é desempenhada por homens) dançando em tôrno de um mastro central, cada um dos figurantes sustentando a ponta de uma fita e que se vão trançando de modos diversos, ao som de cânticos populares e de instrumentos musicais, enquanto dançam.

A pantomima do "Boi de Mamão", aqui na Laguna, é desempenhada por figuras, tradicionais umas, outras introduzidas de pouco na brincadeira popular. A principal, como o próprio nome o indica, é o boi, feito de uma armação de madeira ou bambú coberta de pano pintado que, quasi sempre, traz nos flancos ou no dorso o nome: "Boi Pimpão", "Malhado", "Dourado da Guia"... A cabeça é uma caveira de boi com enchimento de palha e recoberta, também, com pano pintado. Outros bichos, igualmente antigos, são o cavalinho, a cabrinha, o bicho cervo. Há tempos introduziram o urso nestes autos populares e mais recentemente (na Laguna apareceu, pela primeira vez, em 1925) a "bernúncia", bicho dotado de uma bocarra de dentes em serra, que engole crianças. Todos êsses bichos tradicionais formam, com o "Pai Mateus" e o "Dou-

tor", as figuras obrigatórias da pantomima.

O espetáculo promovido pelo Centro Cultural Antônio Guimarães Cabral superlotou o recinto do Clube Biondin, que abriu suas portas ao povo da cidade e dos arrabaldes, numa demonstração do espírito liberal e democrático que preside aquela entidade recreativa.

Esteve presente a esta festa o dr. Oswaldo Rodrigus Cabral, secretário geral da Comissão Catarinense de Folclore, que viajou especialmente a esta cidade para colher material informativo sôbre o "Pau de Fita".

* * *

ESTUDOS DE MEDICINA POPULAR

A respeito do recente livro "Medicina popular" do folclorólogo cearense Eduardo Campos o nosso estimado amigo prof. Walter Spalding, em suas "Nótulas Bibliográficas", publicadas no "Jornal do Dia", de Pôrto Alegre, edição de 25 de novembro do ano findo, escreveu o que se transcreve abaixo:

"Rico é o folclore do Ceará e relativamente poucos o que se dedicam á coleta e aos estudos do precioso populário da terra de Iracema.

Mais uma prova do que afirmamos apresenta-nos um novo folclorólogo cearense, o sr. Eduardo Campos que, após paciente pesquiza de campo nos apresenta.

284 — MEDICINA POPULAR (Superstições, crendices e mezinhas no Ceará), que a Revista "Clã" editou num bonito volume.

"Medicina Popular" que traz belo prefácio, belo e expressivo, — do ilustre romancista Fran Martins, é um grande livro e o autor, "pioneiro, na geração atual de escritores cearenses, dessas pesquizas no nosso mundo folclórico", como o afirma o prefaciador, não é apenas o folclorista, o coletor, o colecionador de cascas e cousas folclóricas, mas legítimo folclorólogo, enfileirando-se, no campo da medicina popular, a esta brilhante figura do folclore nacional que é Osvaldo R. Cabral, autor de "Medicina, Médicos e Charlatães do Passado", e da tese premiada em São Paulo e em vias de publicação, — "Medicina Teológica," precioso manancial, no gênero.

Quando em outros Estados da União se fizeram estudos semelhantes, as obras de Eduardo Campos e Osvaldo Cabral servirão de paradigma e, sem favor, de base ao conjunto nacional da medicina popular.

O sr. Eduardo Campos, bem merece de nossos folclorólogos nacionais que lhe ficarão devendo o inestimável serviço que tão inteligente e cientificamente nos apresentou em sua "Medicina Popular".

É curioso notar-se como há "receitas", crendices e superstições cearenses idênticas ás de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul e, certamente, ás de outros Estados, o que mais uma vez comprova as origens comuns e a unidade nacional. E quanta cousa, usada ainda em nossos dias, vem contudo, nêsse terreno da medicina popular, relatado em Hesíodo, Heródoto, nos criadores da medicina e seus continuadores na velha Grécia, em Roma e na Europa Medieval"!

* * *

NECROLOGIA

Professor dr. J. A. Pires de Lima

Noticias particulares trazem-nos ao conhecimento haver falecido na cidade do Pôrto, Portugal, o ilustre médico e escritor lusitano Professor Dr. Joaquim Alberto Pires de Lima. O Professor J. A. Pires de Lima foi professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Pôrto e deixa numerosa descendência, sendo Pai do nosso ilustre colaborador Prof. Fernando de Castro Pires de Lima, também professor daquela Universidade e conhecido escritor português.

A bagagem literária de Joaquim Alberto Pires de Lima é numerosa, dela fazendo parte muito trabalhos de medicina e de folclore, como por exemplo: "A ectrodatillia na lenda"; "A Teratologia nas tradições populares"; "O dente Santo de Abdim"; "Tradições portuguesas de origem muçulmana"; "Falas do Povo"; "Vocabulário anatomico popular"; "Mouros, Judeus e Negros"; "Os curandeiros e seus êxitos"; "Contribuição para o estudo da Romanceiro Minhôto"; "O corpo humano no adagiário português" — e muitas outras inclusive obras de colaboração com seu filho Fernando de Castro Pires de Lima.

Pertenceu o Prof. Pires de Lima a inúmeras entidades culturais e científicas de Portugal e do exterior, sendo considerado o decano dos folcloristas lusitanos.

A sua exma. Familia, especialmente ao Prof. Fernando de Castro Pires de Lima, expressamos os nossos sentidos pêsames.

* * *

Prof. Dr. Luiz de Hoyos Sainz

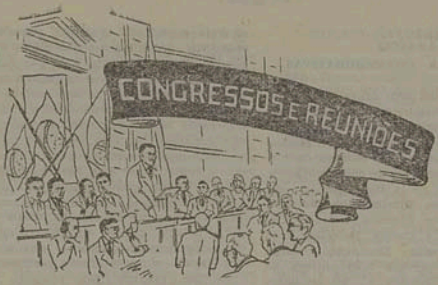
Em Madrid faleceu em dezembro o Professor Don Luiz de Hoyos Sainz, ilustre etnógrafo e folclorólogo espanhol, autor de numerosas e valiosas obras.

Foi Don Luiz de Hozos Sainz membro da Academia de Ciências, Senador do Reino e Diretor da Escola Superior do Magistério. Tendo sido mundialmente conhecido através das suas obras, cuja relação é por demais extensa.

A sua exma. Familia apresentamos os nossos sentimentos.

A Direção dêste Boletim está interessada no levantamento da Carta Folclórica do Estado.

Portanto, leitor amigo, contribua para que consigamos tal intento.



1º CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE

A respeito do 1º Congresso Brasileiro de Folclore, reunido em agôsto de 1951, no Rio de Janeiro, e do qual demos em nosso número anterior detalhada notícia, o "Boletin de la Asociacion Tucumana de Folclore", de Tucuman, República Argentina, dirigido por um dos mais eminentes folclorólogos sul-americanos, o Prof. Tobias Rosemberg, publica em seu n. 19/20, de novembro último, extensa reportágem. Da mesma retiramos as seguintes notas, que se referem a membros da Comissão Catarinense de Folclore e ao nosso Boletim.

AGRADECIMIENTO

Si todo fué grato para nosotros durante nuestra visita al Brasil, no podimos silenciar, sin embargo, las múltiples atenciones recibidas por parte de amigos y colegas en Rio de Janeiro. A todos aquellos que tantas muestras nos dieron de la cordialidad carioca, queremos hacerle llegar nuestro agradecimiento y vaya por ello un recuerdo afectuoso para el diputado Carvalho Neto y Señora, para la distinguida folklorista Mariza Lira y familia; para el professor Silvio Júlio y Señora, para el Dr. Oswaldo Cabral, para el profesor Custódio de Campos, para Antunes de Oliveira, todos los quales nos acogieron com ese espiritu franco y sin reservas que caracteriza a los seres superiores .....

.....

A todos ellos, una vez más, el testimonio hondo de nuestra amistad." ,

No artigo intitulado "Los Hombres del Congreso", assim se refere ao nosso Secretario Geral e a outros estudiosos do folclore, depois de referencias a Renato Almeida, Câmara Cascudo, Joaquim Ribeiro e Aires da Mata Machado

"Ya en distintos planos y siempre claro está por su destacada actuacion, cabe nombrar las figuras de Oswaldo Cabral, el dinámico representante de Santa Catarina, desgraciadamente poco conocido fuera de las fronteras de su pátria; la de Edison Carneiro, el notable estudioso de las culturas negras del Brasil, la de Manoel Diegues Junior, todos ellos de real significacion em nuestra disciplina y a las que se suman tambien las de Fernando São Paulo, Roger Bastide y otros".

Em outro tópico:

MEDALLAS CONMEMORATIVAS

"Al margen del acto oficial en el que Don Tobias Rosemberg, por encargo especial del Presidente del Primer Congreso Nacional de Folclore, Don Manuel Sarmiento, procedio a la entrega de medallas conmemorativas de dicho certamen a los Miembros de la Mesa Directiva del Primer Congreso Brasileiro de Folclore, Doctores Renato Almeida, Luiz da Câmara Cascudo y Cecilia Meirelles y al invitado de honor Dr. Antônio Jorge Dias, en acto privado hizo entrega de idênticas recordaciones a los siguintes folkloristas:

Dr. Oswaldo Cabral, de la Sub-Comisión Catarinense de Folklore, en su carácter de director de la mas importante Revista de Folklore que actualmente se edita en el Brasil".

Refere-se ainda ás concedidas aos nossos eminentes confrades Veriasimo de Melo, Silvio Julio, Basilio de Magalhães, Rafael Reyes Parga e Hita Cuellar Aquino.

Nas "Notas y Noticias" ha a seguinte dedicada ao nosso confrade Custódio F. Campos:

"Y ponemos punto final a estas Notas y Noticias com um amable recuerdo.

Se nos habia dicho que los cigarros de hoja eran muy baratos en Brasil. Por eso dispusimos abandonar los que usualmente consumiamos en nuestro pais, seguros de gastar otros de mejor calidad... y a que precios! La verdad que un buen charuto cuesta seis cruceiros, cuando nó más. Nos tocó um momento difícil en el cambio. El peso estaba a la par con el cruceiro, lo que en buen castellano significaba que cada cigarro nos costaba seis pesos. Como fumábamos de seis a diez por dia, és de hacer cálculos... Lo cierto es que habiamos dispuesto abandonar una de nuestras más grandes pasiones. Comenzamos a fumar cigarrillos. Pero no faltó un buen cristiano, gran fumador para más.

Habia adivinado nuestro problema y cada vez que nos encontraba, metia mano al bolsillo, sacaba un cigarro de los que acostumbraba fumar — muy bueno, por cierto — y nos lo ofrecia gentilmente:

— "Um "charuto", Don Tobias?

Y nosotros aceptábamos. Quien lo ofrecia era el profesor Francisco Custódio de Campos al que, desde entonces, bautizamos con el nombre de "O Rei dos Charutos".

Ahora, á la distancia, una vez más le hacemos llegar nuestro agradecimento".

Foram os seguintes os membros do 1º Congresso Brasileiro de Folclore que receberam das mãos do Prof. Tobias Rosenberg, Presidente da Asociación Tucumana de Folclore, diplomas de membros da mesma:

Honorários: — Silvio Júlio e Edison Carneiro.

Correspondentes: — Manoel Diegues Júnior, Cecília Meirelles, Oswaldo Cabral, Rossini Tavares de Lima, Téo Brandão, Francisco H. P. Leite, Mariza Lira, Dante de Laytano, Mário Ipiranga Monteiro, Joaquim Brás Ribeiro, Custódio F. de Campos e Laura Della Mônica."

IV SEMANA NACIONAL DE FOLCLORE

De 3 a 13 de janeiro p. p. a cidade de Maceió, capital de Alagoas, foi sede da 4ª Semana Nacional de Folclore.

Especialmente convidada a Comissão Catarinense de Folclore, deixou de se fazer representar devido a vários contratempos.

Sôbre essa reunião cultural damos abaixo uma pálida resenha extraída dos periódicos que a seu respeito publicaram alguma coisa.

A Comissão Alagoana de Folclore, à frente da qual se encontra o escritor Théo Brandão, realizou a IV Semana Nacional de Folclore.

O programa da importante reunião foi amplamente divulgado. Incluiu, êle, além das demonstrações folclóricas que constaram dos folguedos mais típicos e tradicionais: — Reisados, Guerreiros, Cheganças, Fandango, Pastoris, Presépio, etc., uma série de palestras a cargo de ilustres folcloristas e escritores de renome em todo o Brasil, já convidados para tal fim: profs. Renato Almeida, Luiz da Câmara Cascudo, D. Heloisa Alberto Torres, Edison Carneiro, Rosini Tavares de Lima e Manoel Diégues Júnior.

Além disso, em sessões de estudos ou mesas redondas foram discutidos os seguintes problemas: Planejamento da pesquisa do Folclore Brasileiro, Características dos Folguedos Populares, os Folguedos Populares assistidos em Alagoas e medidas de proteção aos folguedos populares.

Para a Exposição de Folclore inaugurada durante a Semana, no Grupo Escolar Pedro II, gentilmente cedido pelo diretor de Educação, dr. Ib Gato, a comissão composta do dr. Abelardo Duarte, do padre João Basto, do Acadêmico Pedro Pinho e do dr. Carlos Ramiro Vieira, esteve a postos. Com o fim de angariar objetos e artefatos populares para a mesma exposição, viajou o Acad. Pedro Vieira, credenciado pela Comissão Alagoana de Folclore e pelo Govêrno do Estado. É de registrar-se para a execução da tarefa do representante da Comissão Alagoana em viagem pelo interior do Estado, a boa vontade da Arquidiocese de Maceió que facilitou ao mesmo a coleta de esculturas populares de fins religiosos (ex-votos e promessas) bem como do Rotary Club de Maceió que apelou para os Rotarys de Penedo e Palmeira, cidades representativas de suas respectivas zonas com o objetivo de angariarem para a Comissão Alagoana os objetos e artefatos mais interessantes encontráveis em suas célebres e tradicionais feiras.

As providências tomadas pela secretaria-geral da Comissão Alagoana de Folclore que foi apoiada pelo Govêrno do Estado, pela Prefeitura Municipal de Maceió, pela de Viçosa, pelo SENAC, pelo SESI, pela Cruz Vermelha Brasileira, secção de Alagoas, pelos Instituto Histórico de Alagoas, pela Academia Alagoana de Letras e por organizações industriais do Estado como Usina Leão S. A. Usina Campo Verde, tornaram vitoriosa a IV Semana Nacional de Folclore, não desmereceu das anteriores efetuadas no Rio, em S. Paulo e em Pôrto Alegre.

NOTÍCIAS AVULSAS SÔBRE A SEMANA

Em Viçosa, cidade considerada justamente como uma das mais ricas em tradições populares, com o auxílio da Prefeitura local, ensaiou-se um Reisado antigo, sob a competente direção do sr. Luiz Góes e supervisão do sr. Sinfrônio Vilela e do folclorista Aloizio Vilela.

Na mesma cidade, êste consagrado folclorista preparou um corpo de dançadores de côco, rodas etc., que se exibiu em Maceió por ocasião da Semana Nacional de Folclore.

—

Na Usina Campo Verde, d. Maria Emília Maya Gomes preparou vários folguedos populares, entre aos quais um Presépio que também foi exibido durante a Semana de Folclore, e mesmo antes durante as festas natalinas bem como um Reisado que igualmente foi exibido na época de Natal no Teatro Deodoro.

—

Também a Comissão Alagoana de Folclore fêz apresentação do Presépio ensaiado há vários anos na tradicional cidade de Alagoas por d. Maria Souto.

—

Tanto na sede da Usina Utinga Leão quanto em algumas propriedades subsidiárias do mesmo centro industrial, ensaiaram-se para o Natal e para exibição na Semana de Folclore vários Guerreiros. Cumpre destacar entre êles o que foi ensaiado na Fazenda "Anhumes", sob patrocínio do sr. Juca Daniel e que conta como integrantes ao mais renomados dançadores da popular diversão.

Interesse-se pelo nosso folclore. A Comissão Catarinense receberá a sua visita com agrado e a sua contribuição com desvanecimento.

Com a publicação do nosso último número foram muitas as inequívocas demonstrações de que a nossa publicação está vitoriosa.

A Assembléia Legislativa do Estado, por proposta do Deputado Elpídio Barbosa, que, da tribuna daquela Casa do Povo, em sessão de 4 de janeiro p. p., teceu largos comentários a respeito dêste Boletim, nos enviou o seguinte telegrama:

" — 59 — Assembléia Legislativa Santa Catarina consignou em ata voto de aplausos e louvor pela publicação Boletim Trimestral Comissão Catarinense Folclore que eh testemunho valor cultura gente barriga verde pt Atenciosas saudações Lenoir Vargas Ferreira primeiro secretário."

Ainda, a propósito do nosso nº 9/10, o ilustre confrade gaúcho Aldo Obino, no "Correio do Povo", de Pôrto Alegre, em sua edição de 1º de janeiro, publicou em sua coluna diária "Notas de Arte", a seguinte crônica:

SANTA CATARINA

No Brasil, país dos contrastes, Santa Catarina, a provincia loura, tem um belo lugar ao sol. Com seus seculos de colonização bandeirante, açoriana, e o subsequente caldeamento germanico, essa provincia de ancestralidade carijó, vem se afirmando gradual e sensivelmente. No 1º Congresso Brasileiro de Folclore, vimos como a terra de Vitor Meirelles foi exaltada, conquistando o primado brasileiro em materia de boletins folcloricos de que os nossos companheiros Osvaldo Cabral e Valter Piazza acabam de publicar o número que preenche o último quadrimestre de 1951. É verdadeiramente exemplar êsse trabalho de folego, com mais de cuzentas paginas e superior orientação. O penultimo Estado Brasileiro, a contar do Norte para o Sul e um dos últimos a aparecer cronologicamente na civilização patria, projeta-se ótimamente. Em materia de teatros e cinemas, possuindo uma arquitetura renovada, como em seu movimento escolar, tendo cidades futurosas, Santa Catarina projeta para 1952 um plano de reurbanização de Florianopolis, a Ilha estática, que aspira uma franca renovação.

Provincia carbonifera e siderurgica, Santa Catarina chegou a impressionar Roger Bastide, pelo estilo de vida que possue, com ritmo proprio. A terra de Cruz e Souza e Luiz Delfino também apreciamos no movimento cultural catarinense pela revista SUL, tão expressiva por sua vitalidade e rumos animados pelo Circulo de Arte Moderna. Suas olarias plasmam as tipicas estatuetas que empolgaram a Bruno Giorgio, o magnifico escultor patricio.

Nos ultimos anos, as iniciativas e as comemorações da gente catarinense têm vindo a lume e assim o povo brasileiro se vai dando conta da gente que vive no Vale do Itajaí, Joinville, Blumenau, Lajes, na Ilha, no Litoral, com praias que, vistas de avião, revelam todo o encanto meridional.

É com gosto que seguimos a evolução do Estado mais irmanado ao Rio Grande do Sul. Temos que a aragem que repassa o movimento de suas artes plasticas, indo a sua preocupação até a arquitetura e urbanismo e cultuando a literatu , a musica e o teatro, é um indice sugestivo de como a provincia vizinha não e infensa à fermentação que caraterisa todo o sul brasileiro, a semelhança do elan que marca o nordeste, isto para não falarmos em Minas Gerais. Santa Catarina é, periodicamente, temario de nossas Notas de Arte. Ora é por seu alentado e anelante folclorismo, ora é por artistas plasticos como o excelente escultor em madeira que nos sai Erwin Teichmann.

Gente sossegada e embebida em suas vivencias e preocupações, o BOLETIM TDIMESTRAL DE SANTA CATARINA nos mostra uma equipe de folcloristas, destemidos como seu agrupamento literario.

Embebida em fandangos e ratoeiras, em folias como a do Divino, fixando os pescadores da terra, cuidando da coleta folclorica e do método estatistico, tratando da geografia em face do folclore, irmanando folcloristas de outras provincias, notamos como a Comissão Catarinense de Folclore é dinamica, mostra coesão e conquista resultados assinalaveis.

Eis como Santa Catarina vai atravessando o tempo. O ano de 1951 lhe foi fecundo em iniciativas e já o Ano Novo a encontra com projetos, entre os quais avulta a tranformação urbanistica de Florianópolis, que aspira uma artistica renovação.

A. O."

VITORIOSO EMPREENDIMENTO CULTURAL CATARINENSE

No "Jornal do Dia", de Pôrto Alegre, em sua edição de 20 de Janeiro pp., o consagrado escritor e historiógrafo gaúcho Walter Spalding, publicou, em sua secção "Nótulas Bibliográficas", o tópico que a seguir transcrevemos:

"A Comissão Catarinense de Folclore continua, cada vez mais ativa, em seus trabalhos de pesquiza e divulgação. Como prova, aqui está o número duplo — 9 e 10 — do magnifico BOLETIM TRIMESTRAL com que fechou o ano de 1951.

As 210 páginas recheadas de material interessante e oportuno e de farta reportagem em torno do 1º Congresso Nacional de Folclore realizado no Rio de Janeiro em Agosto, dão bem idéia do interesse da Comissão Catarinense de Folclore em dar ao Brasil em publicação util e regular, novidades folclóricas que se estavam perdendo por falta de coletores e, sobretudo, de divulgação, ou melhor, de fixação no papel.

Assim, pois, o BOLETIM TRIMESTRAL da Comissão Catarinense de Folclore é o veiculo benemérito deste Sul Brasileiro e seus dirigentes — Osvaldo R. Cabral e Walter F. Piazza — verdadeiros herois do Folclore Nacional.

Devemos, porém destacar neste numero duplo do BOLETIM da Comissão Catarinense de Folclore o trabalho do c-. Osvaldo Cabral — A necessidade do Aparelhamento das Comissães Estaduais, — que tem sugestões de grande alcance e que devem ser postas em prática ainda que para tal, seja preciso enfrentar obstáculos e lutar, lutar violentamente, se necessário, contra a ignorancia e a incompreensão. Aparelhar as Comissões de Folclore é uma necessidade. Mirem-se os demais Estados da União no exemplo de Santa

Catarina, cujo Governador, Sr. Irineu Bornhausen, deu belíssimo exemplo, demonstrando sua cultura e tino administrativo, solicitando a todas as Câmaras Municipais Catarinenses incluíssem nos seus orçamentos um auxílio, ainda que pequeno, à Comissão Catarinense de Folclore. Gestos tais elevam e dignificam e, além de incentivar o estudo, cooperam para o mais amplo conhecimento da terra e do povo, elevando o folclore ao nível que lhe compete de Ciência que realmente é".

Transcrito de "A Gazeta", de Fpolis, edição de 7-2-1952.

EDIÇÃO ESPECIAL SÔBRE O CONGRESSO DE FOLCLORE PUBLICADA PELO "BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE"

O jornal "Última Hora", que se edita na Capital da República, em sua edição de 17 de dezembro do ano findo, publicou o que abaixo transcrevemos:

A Comissão Catarinense de Folclore vem de editar seu "Boletim" em edição especial, dedicada ao recente Congresso Brasileiro de Folclore realizado nesta capital. A magnífica publicação de Florianópolis, que se edita sob a direção dos historiadores Osvaldo R. Cabral e Valter F. Piazza, aparece com mais de duzentas páginas fartamente ilustradas e grande material de colaboração, constituindo o que de mais completo se publicou no país até o presente sôbre o magnífico Congresso promovido pelo IBECC e pela Comissão Nacional de Folclore.

De seu sumário destacam-se colaborações de Renato Almeida, João dos Santos Areão, Walter Spalding, Acílio A. Pereira Pires, Teobaldo Jamundá, Osvaldo R. Cabral, Bento Aguedo Vieira, Urbano Gama Salles, Osvaldo Mello Filho, Peluso Jr., Walter F. Piazza, Henrique da Silva Fontes, Lucas A. Boiteux, Adão Carrazzoni, José Jorge, Custodio F. de Campos, Domingos Vieira Filho e Fernando de Castro Pires Lima. Destacam-se, ainda, fora do texto, "O Chimarrão", "As Rendeiras", quadros dos artistas catarinenses Martinho de Haro e Willy Zumblick.

BOLETIM TRIMESTRAL DE SANTA CATARINA

Sob o título acima o BB nº 49, referente a janeiro do ano em curso, da Comissão Nacional de Folclore, publicou:

"Um dos grandes êxitos do atual movimento folclórico é a publicação dos Boletins pelas Comissões Estaduais. Acaba de aparecer o nº 9/10 da Comissão de Santa Catarina, que é uma excelente revista, a mais completa que já se publicou entre nós sôbre folclore. São mais de 200 páginas, muito bem impressas, com ótima apresentação e uma reportagem completa e ilustrada sôbre o I Congresso Brasileiro de Folclore, além de valiosa colaboração, farto noticiário e dois quadros sôbre assuntos populares de artistas catarinenses, fóra do texto. Mais uma vêz está de parabens o nosso ilustre e infatigável companheiro Osvaldo Cabral, que na Comissão Catarinense vem realizando um trabalho modelar.

"Êsse número do Boletim deve servir de exemplo às nossas entidades estaduais, além de constituir motivo de orgulho para o folclore brasileiro".

*
* *

Bahia, 11 de janeiro de 1952

Presado confrade e amigo Dr. Osvaldo R. Cabral:

Saudações cordiais.

Tenho presente o último numero do excelente Boletim da Comissão Catarinense de Folclore e me apresso a dar-lhe minha sincera impressão.

Magnífico é o qualificativo que merece. Magnífico pela interessante e oportuna

matéria do texto e pela caprichosa apresentação gráfica.

Os esforços dos bravos confrades catarinenses bem merecem louvores irrestritos compensadores do exemplo de trabalho incessante e da disciplina cordial que representa cada página publicada dêsde o primeiro número do Boletim.

Registem-se também a orientação seguida, o gosto demonstrado e a pressurosicade das pesquisas reveladoras da comunhão de ideias para consecução de resultados cada vez maiores e melhores na faina empreendida.

Muito bem, meu presaco confrade e amigo. Muito bem.

Creia-me sempre seu afetuoso amigo, confrade, admirador e servo mínimo.

Antonio Vianna — Secretário Geral

*
* *

Comissão Catarinense de Folclore — Boletim Trimestral. Diretor: Oswaldo R. Cabral — Florianópolis, Sta. Catarina, Brasil

Por gentileza do nosso bom amigo o Prof. Cabral chegaram às nossas mãos os ns. 5, 6, 7 e 8 do Boletim que edita, há tempos, a antiga Sub-Comissão, hoje Comissão Catarinense de Folclore.

O periódico, belamente apresentado, é parte dêste Salvador e exemplar esfôrço que vêm realizando as autoridades brasileiras com o fim de conhecer e valorizar os elementos do folclore, isto é, as essências perduráveis e fecundas da nacionalidade.

Composto de variadas e interessantes notícias, a par de breves ou alentados estudos sôbre temas do folclore brasileiro, a maioria dêles é de singular interêsse para o estabelecimento de paralelos culturais entre povos de raízes históricas comuns e de porvir convergente, como são os da América.

O Brasil vem colocando-se à frente dos povos inquietos por conhecer sua própria fisionomia; seus estudiosos, que constituem exemplo de perseverança e solidez, ajudam decididamente êste propósito e seus governantes, dotados de novos horizontes e de uma compreensão inteligente do seu papel, vão facilitando elementos para realizar a grande tarefa, esta tarefa perdurável e generosa que sobrepassa a mesquinha existência de um homem e se projeta para um porvir de luz deslumbrante.

O Boletim da Comissão Catarinense de Folclore está semeando uma semente boa, que dará abundante colheita. **E. M. B.**

(de TRADICIÓN, revista peruana de cultura, Cuzco-Perú, janeiro de 1952).

Temos a certeza de que V. S. gostou dêste número do nosso Boletim.

Já pensou V. S. no trabalho que se teve para fazê-lo?

Contribua, então, para que o nosso próximo número não seja inferior a êste.

O espaço não deve ser apenas de dois ou três. Colabore. Ajude.

Lembre-se que isto custa a fazer e é distribuido gratùitamente.

Ùnicamente para servir a Santa Catarina e ao Brasil.

O seu esforço será patriótico, em nos ajudando.

Ou a sua indiferença vai ao ponto de não se importar que esta publicação desapareça?

LIVROS E FOLHETOS

Américo Jacobina Lacombe — Um passeio pela História do Brasil — Col. Rex.

Hélio Chaves — Versos condenados.

Walfrido Piloto — Construamos com a Verdade a História do Paraná.

Edison Carneiro — A linguagem popular da Bahia.

Henrique da Silva Fontes — Digressões Antroponímicas.

Manoel Greaves — Histórias que me contaram (Açoreanas).

Manoel Greaves — Aventuras de Baleeiros.

Cláudio de Souza — A luta das gerações.

Tobias Rosenberg — La Serpiente en la Medicina y en el Folklore.

Tobias Rosenberg — El Sapo en el Folklore y en la Medicina.

Eduardo Campos — Medicina Popular.

Castillo de Lucas — Adagiário de obstétricia.

Pilar Garcia de Diego — Devociones populares.

Pilar Garcia de Diego — Algunas fiestas de Llanes (Astúrias).

Pilar Garcia de Diego — Canciones Asturianas.

Pilar Garcia de Diego — Siete canciones infantiles.

Castillo de Lucas — Las aleluyas en el folklore infantil.

Veríssimo de Melo — Alcunhas do Brasil e de Portugal.

Gioconda Mussolini — Os pasquins do litoral norte de São Paulo.

Oswaldo R. Cabral — A Música em Santa Catarina no Século XIX.

REVISTAS PUBLICAÇÕES ETC.

— Investigações — n. 33.

— Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo.

— Sociologia.

— Anuário da Sociedade Folklorica do México.

— Arquivos do Folklore Chileno.

— Tradición — Revista da Soc. Cultural do Cuzco, Perú.

— Coleção Recôncavo — (10 números).

— Catálogo do VIII Salão Paranaense de Belas Artes.

— Il Tesaur — Rev. da Linguística e folclore, Udine (Itália).

— Sul.

— AABB Bandeirante (4 números).

N. da R. — Temporàriamente suspendemos os comentários que vinhamos fazendo a respeito das obras e publicações que nos são enviadas, deixando apenas consignada a relação das mesmas e expressos os nossos agradecimentos. Todavia, esperamos restabelecer nos próximos números a orientação anterior desta secção.

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Relação dos membros efetivos

Nomes	Endereço
Oswaldo R. Cabral, (Secretário Geral)	R. Esteves Júnior, 138
Almiro Caldeira de Andrada. (Sub-Secretário)	Av. Hercílio Luz, 127
Walter F. Piazza (Tesoureiro)	Av. Hercílio Luz, 66
Altino Flores	R. Feliciano Nunes Pires, 4
Alvaro Tolentino de Souza	R. Vidal Ramos, 50
Antônio Taulois de Mesquita	R. Esteves Júnior, 116
Aroldo Caldeira	R. Brigadeiro Silva Pais
Bento Aguedo Vieira	R. Crispim Mira, 89
Carlos Büchele Júnior	Dep. de Geogr. e Cartografia
Carlos da Costa Pereira	R. Anita Garibaldi
Custódio F. de Campos	Av. Mauro Ramos, 154
Doralécio Soares	Rua Major Costa, 28
Elpídio Barbosa	Av. Hercílio Luz, 131
Emanuel Paulo Peluso	R. Dorval M. de Sousa, 31
Henrique da Silva Fontes	Av. Trompowsky, 14
Henrique Stodieck	R. Saldanha Marinho, 30
Hermes Guedes da Fonseca	Assembléia Legislativa
Jaldir Faustino da Silva	Av. Mauro Ramos
Ildefonso Juvenal	R. Aracy Vaz Callado s/n.
João A. Sena	R. D. Jaime Câmara, 37
João Crisóstomo de Paiva	R. 24 de Maio, 467 — Estreito
João dos Santos Areão	R. D. Jaime Câmara, 11
José Cordeiro	R. Rafael Bandeira, 35 A
Lídio Martinho Calado	R. Alves de Brito
Martinho de Haro	R. Altamiro Guimarães
Manoel Soares de Azevedo Maia	R. Conselheiro Mafra, 93
Nereu Corrêa	R. D. Jaime Câmara
Osvaldo F. de Melo (filho)	Travessa Urussanga, 6
Othon d'Eça	Av. Mauro Ramos, 120
Percival Calado Flores	R. Feliciano Nunes Pires, 4
Plínio Franzoni Júnior	R. Delminda Silveira, 173
Pedro José Bosco	Rua Lajes, 60
Roberto Lacerda	Dep. Estadual de Estatística
Romeu Sebastião Neves	Rua Lauro Linhares
Victor A. Peluso Júnior	Dep. de Geogr. e Cartografia
Walter Tenório Cavalcanti	Assembléia Legislativa
Wilmar Dias	R. Esteves Júnior, 47

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Relação dos Representantes Municipais

Nomes	Municípios
Acilio A. Pereira Pires	Gaspar
Alírio Barreto Bossle	Palhoça (Sto. Amaro)
Antônio Dias	Brusque
Antônio Nunes Varela	Joaçaba
Aroldo Carneiro de Carvalho ...	Canoinhas
Estevão Juk	Pôrto União
Euclides José Felipe	Curitibanos
Francisco Machado de Souza	S. Francisco do Sul
Hermínio Millis	Pôrto União
Jefferson Davis de Paula	Jaraguá do Sul
João Reitz (Cônego)	Araranguá (Sombrio)
Lupércio Lopes	Palhoça
Neusa Nunes	Tubarão
Norberto Bachmann	Joinvile
Norberto Silveira Júnior	Itajaí
Otaviano Ramos	São José
Orlando Ferreira de Melo	Blumenau
Osias Guimarães	Blumenau
Plácido Gomes	Joinvile
Rogério Fagundes	Campos Novos
Romeu Boiteux Piazza	Nova Trento
Ruben Ulisséa	Laguna
Tarcísio Marchiori (Padre)	Tijucas
Teobaldo Costa Jamundá	Indaial
Teófilo Matos	São Joaquim

COLABORADORES

Nacionais:

Acílio Acacio Pereira Pires
Adão Carrazoni
Almiro Caldeira de Andrade
Alceu Maynard Araujo
Alvaro Tolentino
Pe. Alvino Bertoldo Braun, S. J.
Altair Mazon
Bento Aguedo Vieira
Custódio F. de Campos
Domingos Vieira Filho
Elisiário Pereira
Euclides J. Felipe
Pe. Evaldo Pauli
Eduardo Campos
Eustorgio Wanderley
Florival Seraine
Fausto Teixeira
Francisco Machado de Souza
Herminio Millis
Henrique da Silva Fontes
Hildegardes C. Vianna
Horácio Paz
Hermógenes Lima Fonseca
Ildefonso Juvenal
Jaime Mazon
Jefferson Davis de Paula
João Dornas Filho
João dos Santos Areão
Pe. João Reitz
Jorge de Lacerda
José Jorge
José de Lima
Lucas A. Botteux
Luiz Alipio de Barros
Luiz R. de Almeida
Maria de Lourdes Henriques
Mariza Lira
Mario Campos Birnfeld
Neusa Nunes
Orlando F. de Melo
Oswaldo Melo Filho
Othon D'Eça
Otávio Silveira
Plácido Gomes
Renato Almeida
Renato José da Costa Pacheco
Rossini Tavares de Lima
Ruben Ulisseia
Rui Vieira da Cunha
Saul Martins
Silveira Junior
Teobaldo C. Jamundá
Téo Brandão
Tassilo Spalding
Urbano V. Gama Salles
Veríssimo de Melo
Vitor Peluso Jr.
Walter Spalding
Zedar Perfeito da Silva

Estrangeiros:

Antonio Castillo de Lucas — Espanha
Augusto C. Pires de Lima — Portugal
F. Carreiro da Costa — Açôres
Fernando de Castro Pires de Lima — Portugal
Jorge Ramos — Portugal
Felix Colluccio — Argentina
Manoel José de Andrade — S. Domingos
Tobias Rosenberg — Argentina
Wilhelm Giese — Alemanha

A remessa do Boletim será suspensa a quem não acusar o seu recebimento.

Correspondência para Rua Esteves Júnior, 138.